



Sexo Anal

[uma novela marrom]

Luiz Biajoni

Comemorando
10 mil
downloads





Sexo Anal

[uma novela marrom]

Luiz Biajoni

[www.osvira](http://www.osvira.com.br)  lata.com.br

edição e-book, março de 2010

texto

Luiz Biajoni
www.verbeat.org/blogs/biajoni/
biajoni@tiroequeda.com.br

Copyright © Luiz Biajoni, 2007
Depósito Legal na
Fundação Biblioteca Nacional - RJ

Reproduzir esta obra – no todo ou em parte
– só é permitido com a autorização do autor.

produção

Os Viralata
fale@osviralata.com.br
sobre capa e ilustrações de Helton Winter

edição e
distribuição

osviralata

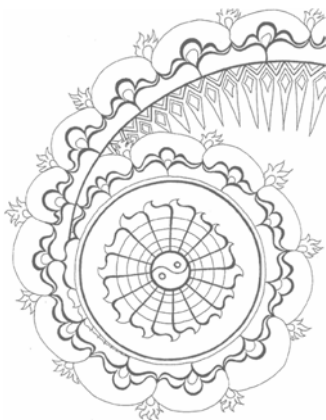
www.osviralata.com.br

Literatura independente na Internet

AVISO

Se você é meu amigo, parente, vizinho ou conhecido, peço desculpas antecipadas pelo constrangimento. Se você parar de falar comigo depois da leitura desta novela, vou entender perfeitamente. Não precisa mudar de calçada ou coisas do gênero; basta não me olhar na cara, eu vou entender.

Ou faça de conta que não leu. Jamais vou perguntar a qualquer um “você leu minha novela?” pois, apesar de não parecer, eu tenho bom senso. Obrigado!



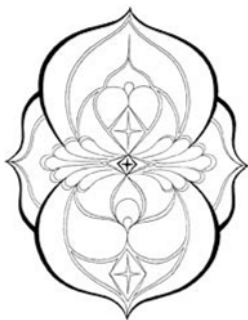
AVISO 2

Essa novela contém partes mais pesadas do que aquelas que passam na Globo.

Mas não muitas.

“Se é a razão que faz o homem,
é o sentimento que o conduz.”

Rousseau



– Lu, eu vou operar!

– ...

– É, eu já decidi. Vou operar!

Ele olhou bem, aquela cara de mulher decidida, aqueles olhos faiscantes... Desceu um pouco mais e os peitos pequenos, com aréolas douradas. E mais abaixo a barriguinha pouco saliente, o umbigo bonito e os pentelhos caramelo. Virou de lado para pegar um cigarro, ainda com a imagem do emaranhado de pelinhos na memória. Daqui a pouco o pau ia ficar duro de novo.

– Operar do quê, Vi?

– Da hemorróida!

Ele acendia o cigarro e quase engasgou com a fumaça, rindo. Não gargalhando, rindo.

– Por quê? Está atrapalhando? Quero dizer... Está doendo quando fazemos?

– Tem dia que dói um pouco mais... Eu adoro dar por trás pra você... E agora estou um pouco incomodada

com essa... essa...hemorróida! Eu posso operar e aí, quando estiver com o cuzinho novo em folha, te dou... Vai ser quase um desvirginamento!

– Vou desvirginar Virgínia!

E fez um gesto com o braço, como se estivesse enfiando o braço inteiro nela. Eles riram, gargalharam. Ele se sentia feliz por ela ter dito aquilo. Considerava-se um cara de sorte: a garota era bonita, inteligente, charmosa, gostava de sexo e mais: adorava “por trás”, como ela costumava dizer. Sempre, no meio da transa, ela dizia: “agora por trás”. Ele também gostava, achava interessante, claro. E passou a gostar cada vez mais. Passaram a comprar lubrificantes especiais e, em algumas ocasiões, nem faziam sexo convencional: iam direto “lá pra trás”. Ela dizia que nunca tinha feito, que ele havia sido o primeiro. A primeira vez de fato foi quando chegaram ao apartamento dele meio chapados da noitada, deitaram e começaram a transar... Quando perceberam, o pau estava no cu e ela delirava. Aí não pararam mais.

– Por que você não me dá uma chupada pra gente começar tudo de novo?

Ela abriu um sorriso e começou a beijar o peito dele parando às vezes para tirar um pelinho da boca. Ele apagou o cigarro, se ajeitou na cama para receber o boquete.

Quando fechou os olhos, veio a imagem de Virgínia dançando na boate, um ano antes. De vestido vermelho, com aqueles cabelos amarelos... Ele não teria chance.

Encostado no balcão, motivado pelas duas vodcas, decidiu dançar. Chamou o amigo, foram para o lado do grupo espevitado de garotas. A salvação foi uma seleção do DJ com músicas dos anos 60. Ele se dava bem nesse estilo. As garotas gostaram e, num momento, os olhares se cruzaram. Aqueles olhos castanhos claros brilhantes, aquele sorriso largo. Ele sorriu de volta, se sentindo meio idiota. Acabaram no balcão, trocando telefones. A primeira coisa que ela lhe perguntou foi: “posso te ligar?”.

– Posso te ligar?

– Ahn?

– Posso te ligar?

– Ah, Vi, hoje não... Não tou a fim.

Na cama, “ligar” era quando ela enfiava meio dedo nele. Naquela tarde não queria “ser ligado”. A primeira, naquela tarde, tinha sido de um sexo convencional bom, ele por cima dela, segurando seus braços. Queria aquilo de novo, nem queria o sexo anal. Mas sabia que ela queria – e ia fazer, para agradá-la.

– Vem cá me chupar.

– Vamos fazer um meia-nove...

O sol entrava pela janela do quarto, direto para a cama. E lá estavam os dois, um chupando o outro como num filme pornô vagabundo sem diretor de fotografia.

– Vem cá, me pega por trás.

– Você não tá com esse problema aí... da hemorróida?

– Tudo bem, pode até sangrar ou doer um pouquinho... Mas eu quero.

– Tudo bem!

Ela ficou de quatro, abriu bem as pernas. Ele passou os dedos da mão direita na língua, esfregou naquele cuzinho rosado e dirigiu o pau para lá. Colocou devagar, começou a fazer pequenos movimentos. Enfiou tudo.

– Põe a mão na frente – ela pediu.

Geralmente pedia para ser manipulada quando iam “lá por trás”. E era difícil para ele ficar naquela posição e ainda masturbá-la. Ele fazia; ela gostava tanto e ele queria dar prazer pra ela. Durou poucos minutos até ela estremecer e gozar. Caiu para o lado, um pouco de sujeira e sangue no pau dele, na bunda dela.

Ele ainda não tinha gozado, então masturbou-se sobre os peitos dela e acabou jorrando no pescoço. Escorreu pelo ombro, caiu no lençol. Também deitou. O sol estava forte e ambos suavam.

– Não posso mais ficar sem esse pau no meu cu.

– Será que não faz mal?

Um instante de silêncio.

Ela levantou e foi tomar banho, depois ele também foi. O quarto tinha um cheiro forte de sexo, esperma, merda, perfume, suor e cerveja. Eles tinham tomado uma latinha cada um e elas estavam no sol evaporando resquícios.

Amanhã vinha a empregada e daria um jeito na bagunça.

Era segunda-feira, o sol brilhava e ele acordou com o rádio-relógio naquele quarto fedido. Levantou, abriu a janela, pensou em tomar banho mas preferia ganhar tempo e tomar um café no posto de gasolina na esquina do escritório. Também queria sair antes da empregada, não gostava de cruzar com ela. Deixou a grana em cima da mesa, colocou uma roupa qualquer e desceu as escadas bem sonolento, tropeçando nos degraus. Demorou um pouco para conseguir ligar a moto e saiu zunindo pela avenida. Lembranças boas da tarde de domingo com a namorada em seu quarto.

No posto, as mesmas caras. Tinha aqueles dois caras engravatados que estavam sempre falando baixo; parecendo trocar confidências. Ambos de bigodes extremamente aparados. Ele ficava pensando o que levava um cara a manter bigodes como aqueles. Devia dar um trabalho danado aparar sempre e, hoje em dia, bigodes são totalmente fora de moda!

No escritório, foi para o banheiro, tirou a escova e o creme dental da mochila, escovou os dentes, passou água no cabelo, aproximou-se do espelho para espremer uma espinha. Vinte e oito anos e ainda tinha espinhas. Pele ruim.

Sentou-se na mesa para mais um dia de conferência de balancetes e brigas com os contínuos. Desconfiava que os dois moleques fumavam maconha no banheiro e acabavam sempre se atrapalhando com as contas nos bancos. Mais um dia de comida ruim no self-service. Segundas são sempre ruins, as horas não passam, os

colegas querem contar as peripécias do final de semana e ele só queria cumprir o horário e fugir.

Virgínia acordou mais cedo que o normal. Tomou um banho demorado e demorou também para se pintar, retocar as unhas, vestir-se. Despediu-se da mãe e foi para o ponto de ônibus. O ponto era bem próximo de casa e o ônibus a deixava a um quarteirão do trabalho. Ela era jornalista, estava em começo de carreira apesar dos 25 anos. Demorou para completar a faculdade; muitas festas, muita loucura. O pai morreu no meio do processo, ela teve que trancar a matrícula e voltar um ano e meio depois. Também teve que trabalhar duro no comércio, vendeu consórcios. Estava no jornal há poucos meses, basicamente na checagem de informações, principalmente para as matérias policiais.

Naquela manhã foi uma das primeira a chegar. Antes mesmo de ligar o computador para ver os e-mails pegou o caderno dos médicos conveniados no plano de saúde. Estava decidida sobre a operação e queria que tudo acontecesse antes do final do ano – já estavam em novembro!

Achou um médico, anotou o nome, Júlio, e o telefone num post-it, pregou no computador e ligou. Ninguém atendeu. Oito da manhã, não devia ter ninguém no consultório. “Deixa pra mais tarde”.

A tela acendeu, os e-mails começaram a chegar,

acumulados pelo fim de semana. Cerca de meia dúzia eram de Ana. A Ana era uma publicitária que tinha dividido aulas com Virgínia na faculdade e mantinha uma certa obsessão por ela. Na verdade, em uma daquelas festas, ambas bêbadas, chegaram a dar uns beijos. Virgínia sentiu nojo, depois. Mas a Ana, embora muito suave e simpática, não deixava de enviar e-mails e, às vezes, até ligava para Virgínia propondo um chopp, um teatro, um passeio. Alguns e-mails eram apenas encaminhamentos de brincadeiras e piadinhas de Internet.

Ela não leu nenhum dos e-mails de Ana; apagou sem ler e foi checar as ocorrências policiais do fim-de-semana.

Eram cinco da tarde e o telefone direto dele tocou. Era Virgínia dizendo que já estava saindo, que eles não iriam se ver naquela tarde pois ela ia até o dr. Júlio: tinha conseguido uma consulta para o mesmo dia e isso era incrível! Nada como ser jornalista em uma cidade pequena!

Ele ficou um pouco chateado, estava um calor dos diabos e pensou que talvez pudesse encontrar a namorada para uma cerveja. Aceitou o convite dos amigos do escritório para tomar umas e jogar bilhar num barzinho ali perto.

Logo cedo, na terça, novo telefonema de Virgínia
– ela estava alterada.

– Lu, quero almoçar com você, preciso falar com você!

– Calma! O que aconteceu?

– Tem que ser pessoalmente.

Ele saiu mais cedo para o almoço, estacionou a moto no pátio do jornal e a moça já estava lá esperando. O ar era de preocupação. Era melhor que não fossem em restaurantes, não ia dar pra conversar.

– Vamos até a praça, a gente compra um lanche, senta num banco...

– Tá bom!

A ansiedade dele era grande e Virgínia não conseguia olhá-lo nos olhos. Sentia que ela estava embaraçada. Será que queria terminar; tinha conhecido outra pessoa? Não, pensou. Até o domingo os dois estavam ótimos... ontem ela foi ao médico... Seria algo relacionado ao médico? Com certeza.

Sentaram em um banco da praça central. Estava calor.

Ela olhou bem pra ele.

– Eu vou te contar algo muito estranho.

– Tudo bem.

– Você vai ter que me jurar agora que não vamos brigar por isso e que você vai fazer um esforço enorme para entender...

– Tá bom.

– Eu não precisaria te contar, você nunca ia saber. Mas eu tenho que contar, foi algo estranho e quero dividir isso com você pois eu... amo você.

– ...

– Jura então!

– Tá bom, eu juro!

– Eu fui lá no médico ontem... Eu cheguei já era perto de cinco e meia e não tinha mais nenhum cliente, a secretária estava me esperando e, assim que eu cheguei, ela foi embora...

Virgínia corou um pouco, um calor subiu pela face de Luiz.

– Não sabia, não conhecia, nunca tinha ouvido falar nesse dr. Júlio... Foi o primeiro nome entre os proctologistas do caderninho do convênio. Ele veio me atender, muito simpático, muito jovem... Conversamos um pouco, falei do trabalho e tal...

Luiz arqueou as sobrancelhas esperando o pior.

– Eu disse para ele que tinha um pouco dessa... hemorróida e queria operar. Ele perguntou se me incomodava quando ia ao banheiro e eu disse que não, quase nunca. Doía um pouco depois de transar com meu namorado e no dia seguinte, às vezes...

– Precisava explicar tudo isso? Não era só dizer “quero operar!” e pronto!?

– Não, porque em alguns casos não operam, usam apenas uns remédinhos...

– ...

– Ele pediu para que eu fosse até o biombo, tirasse a roupa e colocasse um jaleco.

– Filho-da-puta!

– Não! Tudo bem! É claro que eu ia ter que mostrar pra ele! Isso eu já sabia, estava preparada...

– Não achei que você fosse empinar a bunda pra ele... Eu teria ido junto!

– Não quis te pedir para ir junto pois, com certeza, você ficaria embaraçado.

– ...

– Mas ele era muito profissional, não ia brincar com uma jornalista, certo?

Luiz começou a não entender. Primeiro achou que o doutor talvez pudesse ter dado em cima dela. Depois que talvez ele tivesse diagnosticado algo mais sério que hemorróidas. Agora estava perdido.

– Eu fui até a maca, deitei com a barriga para baixo, como ele pediu. Com cuidado, ele foi até o jaleco, levantando calmamente e pedindo permissão. Eu estava bem relaxada. Ele colocou as mãos na minha bunda, abriu um pouco... E aí aconteceu!

– O quê?

– Eu fechei os olhos, meu coração disparou e foi como se eu tivesse mijado de excitação. Fiquei totalmente molhada, minhas mãos suavam... Não sei explicar Luiz, calma...

Ele estava totalmente perdido, a cabeça rodava, não sabia mais o que esperar da história.

– Eu não sei o que aconteceu mas nunca, em toda

minha vida, tive um momento de excitação... daquele jeito! Quase desmaiei. Ele me tocava com intenção médica e logo ali, um pouco embaixo de onde ele apalpava, estava minha... minha buceta... que pulsava... Eu nunca tinha sentido isso...

– E aí, Virgínia? Pelo amor de Deus!

– Ele percebeu, claro. É homem, sentiu o cheiro, sem querer tocou um pouco lá embaixo e sentiu o molhado. Acho que escorreu e molhou o lençol da maca. Escorria pelas pernas, Luiz, não estou brincando...

– E aí?

– Os bicos dos meus seios estavam duros como pedra... Eu fui subindo um pouco, levantando um pouco a bunda... Eu não sabia o que estava fazendo, estava totalmente fora de mim... Fui me levantando um pouco assim também para abrir um pouco as pernas e me refrescar...

– ...

– Eu olhei para trás e o dr. Júlio estava me olhando, parado, branco! Eu olhei bem pra ele e... e... pedi pra ele me comer!

– Ahn?

– Eu falei que ia ser estranho e difícil e não estou dizendo que não tenho culpa... Quero dizer que a culpa não foi dele, ele foi legal...

– Ele foi legal? Como assim?

– Eu olhei pra ele e pedi pra ele me comer. Falei... coloca seu pau aí atrás. Ele abaixou as calças e colocou. Mexeu um pouco, eu gozei, acho que ele nem gozou...

– Vir... Eu não acredito!

– Eu não vou voltar mais lá, não quero encontrar esse cara nunca mais...

Luiz teve um pouco de ânsia, achou que fosse vomitar. Fez a imagem da namorada de jaleco azul sendo enrabada pelo médico de camisa branca, calça arreada.

– Eu não sei o que pensar, quero que nunca mais olhe para mim! O que você fez foi horrível, podia ter se controlado...

– Eu tentei, Luiz, eu juro que tentei. Eu sei que é difícil para você, mas não significou nada! Queria que naquele momento de tesão... fosse você e não ele quem estivesse ali...

– É incrível! Você é... uma puta!

– Não. Eu amo você tanto que queria operar para nosso sexo ficar ainda melhor... Eu estou te contando isso porque quero me livrar dessa experiência ruim, quero que você me ajude de alguma maneira... Principalmente ficando comigo! Se não te contasse você jamais ia saber!

– Eu vou embora agora e você não me liga mais!

Luiz saiu meio que correndo. Virgínia ficou no banco chorando por alguns momentos. Nenhum dos dois almoçou ou jantou naquele dia.

A tarde foi infernal para Luiz. Era só aquela imagem da traição em sua cabeça e mais nada. Não falou com

os colegas, saiu em cima do horário e voou pra casa. Botou um disco triste e bebeu até dormir no sofá.

Virgínia tinha que falar com alguém sobre o ocorrido. Pensou em várias possibilidades, várias amigas. Não dava pra ser uma das jornalistas – elas não eram confiáveis. Depois de um ano namorando tinha se afastado das melhores amigas. E a dificuldade se ampliava quando imaginava que tinha que contar sobre a hemorróida e sobre o sexo anal e... Ela balançava a cabeça se perguntando o que estava acontecendo.

Sem ninguém para conversar, foi para casa e assistiu TV com a mãe até tarde da noite. Às vezes olhava demoradamente para a mãe e pensava se já havia acontecido algo semelhante com ela... Não, certamente não.

O Luiz tinha uma tendência melancólica. Diante de um problema, se fechava e ficava matutando, não conseguindo se concentrar em mais nada. Não tinha vontade de falar sobre o problema, ainda mais num caso desses! O pessoal do escritório o conhecia, sabia que tinha algo errado, alguns tentaram mesmo se aproximar e ajudar. Mas ele dizia que não era nada.

Deixava o trabalho, ia pro apê, bebia um pouco, via TV e não tinha nem tesão pra se masturbar. Só uma

imagem fixa vinha-lhe à mente: a namorada com o médico.

Virgínia já era mais prática e sua profissão necessitava de envolvimento e concentração; deixava de lado a história, voltava o foco para a checagem de informações. Os colegas não perceberam nada de errado, exceto, talvez, pela ausência de telefonemas para o namorado. Mas ninguém se abalou em perguntar.

Por outro lado, sentia que precisava contar para alguém, pedir uma opinião, desabafar. Dizer que sentia falta do namorado. Mas num caso como esse, quem escolher para contar a traição? Ainda mais uma traição tão despropositada, tão... inconsequente?

Nas horas vagas, quando ia para o jornal ou voltava para casa ou no banho ou no jantar com a mãe ficava sempre a pensar: “com quem posso falar sobre isso?”.

Coincidentemente, nesse período, agravou-lhe a hemorróida. O que antes era um pequeno incômodo, talvez nem precisasse de cirurgia, agora virava um problema. Poucos dias depois da fatídica consulta com o dr. Júlio, ao evacuar, percebeu um pouco de sangue e muita dor. Estava também com o intestino preso, como sempre.

Passaram duas semanas assim, ambos. E um dia, num mesmo dia, ambos encontraram interlocutores para suas aflições.

Ele deu partida na moto e lembrou que não tinha colocado gasolina no dia anterior – mas achou que dava para chegar no posto. Mal saiu do estacionamento do prédio e a moto parou. Empurrou de volta e correu para pegar um ônibus. Chegou atrasado.

Tinha esse cara no escritório, ele também se chamava Luiz. Cuidava do RH das empresas, quase não tinha muito contato com o outro Luiz, o nosso Luiz. Esse quase não ia para as bebericagens depois do expediente, era mais velho, batendo nos cinqüenta, separado, uma filha universitária de vinte e pouquinhos que morava com ele. Deixava o trampo e ia pra casa preparar algo para a filha comer antes de ir para a faculdade. Às vezes os dois “Luízes” conversavam no almoço, mas sempre futilidades como futebol ou política.

Pois esse Luiz chegou para o nosso Luiz nesse dia e:

– Depois do expediente você não quer tomar um trago lá em casa?

– Ahn?

– Quando a gente sair, podemos dar um pulo até em casa tomar uma, bater um papo...

Luiz, o nosso, pensou. De repente seria bom poder sair um pouco, mudar o ambiente. E o papo, imaginou, seria mesmo sobre besteiras e talvez desanuviasse-lhe um pouco a mente.

– Tudo bem. Depois você me leva pra casa?

– Tudo bem. A Luciana volta da faculdade lá pelas onze e eu vou buscá-la no ponto... e te levo...

– Então tá!

E às cinco e meia saíram. O sol ainda estava alto por causa do horário de verão. Eles tiraram a camisa, jogaram no banco de trás do Escort e foram para casa do segundo Luiz.

Nesse mesmo dia, ao abrir a caixa de e-mails, mais uma vez Virgínia deparou-se com algumas mensagens de Ana. Todo dia era a mesma coisa, e ela nunca respondia. Ana devia imaginar que Virgínia lia a todos. Era uma maneira de se manter conectada com a garota, antigo objeto de desejo.

Virgínia selecionou todos os e-mails e ia apertar o delete quando parou por um momento. Pensou um pouco em Ana. Na verdade, Ana mandava os e-mails mas fazia tempo que não ligava. A última vez que se encontraram foi no cinema... Virgínia estava com umas amigas, e Ana sentou na Fileira de trás e ficou mexendo nos cabelos dela durante todo filme. Mas isso fazia tempo, foi pouco antes do Luiz.

Pensou que talvez pudesse conversar com Ana sobre o assunto. Era alguém que não estava próxima da situação para opinar em favor de quem quer que fosse e, sendo homossexual, talvez tivesse a cabeça mais aberta para estranhos comportamentos. Era isso: seria com Ana.

Enviou-lhe uma mensagem sucinta e dispersiva:

“Oi, Ana!

Virgínia, lembra? Hehehe.

E aí? O que anda fazendo?

Quem sabe a gente bate um papo qualquer hora?

Bom, bom final de ano pra vc!”

O “bom final de ano” queria dizer que elas nem precisavam se ver nesse ano – mas também era uma maneira de provocar um resposta, pelo menos um “pra você também!”.

Não demorou 15 minutos para Ana responder.

“Virgínia!!!!!!!!!!

quanto tempo, mulher!

kd vc?

pow, vamos nos encontrar qq hora! Que vc vai fazer hoje?

Liga pra mim.

bjoksssss!”

Bem, Virgínia ficou com certo medo mas Ana tinha sido tão receptiva e achou também que poderia, hoje, lidar bem melhor com uma situação de cantada, caso acontecesse. Ligou. E o papo fluiu. E decidiram se encontrar à noite. Numa sorveteria perto da casa de Ana.

Luiz preparou dois uísques – a garrafa estava guardada havia mais de 4 anos, contou. Tinha ganho enquanto ainda trabalhava em uma multinacional. Perdeu o emprego num... num... downsizing. Por sorte já havia construído essa bela casa, comprado esse

Escort semi-novo e guardado um dinheirinho. Estava trabalhando naquela merda de escritório para completar o tempo de aposentadoria e poder descansar. No dia em que conseguiu o emprego no escritório, a mulher o deixou. Não se conformava de ver o marido, quase um executivo de grande empresa, trabalhando numa contabilidade de fundo de quintal! O escritório não era de fundo de quintal, tinha quase 20 funcionários! Mas não podia ser comparado a uma grande empresa – ainda mais em termos salariais.

“Mulher filha-da-puta!”, pensou o nosso Luiz.

Eles estavam conversando e ainda no primeiro uísque, Luiz contava sua vida de altos e baixos quando chegou Luciana, a filha. Ela trabalhava em um banco, no atendimento, mas logo seria promovida a caixa. O Luiz tinha contado, orgulhoso, para todos no escritório. Era uma menina simpática, de olhos redondos, expressivos e negros, cabelo liso e com o peso um tantinho acima do ideal para sua pouca altura.

Ela assustou quando viu o rapaz na sala – ainda mais sem camisa. Mas o pai tranqüilizou-a. Ela foi para o banheiro, para o quarto e o pai tratou de encostar na pia para preparar algo pra ela comer. A mãe foi embora e deixou a ambos; tinha meses que nem ligava para a filha! “Filha-da-puta!”

Nosso Luiz ficou vendo aquilo meio emocionado: aquele cara grisalho quebrando ovos para a omelete, apanhando coisas na geladeira e o assunto já tinha voltado para o futebol e... Pois o Palmeiras, hein?

Luiz piscou demoradamente. O uísque, de barriga vazia, subiu-lhe um pouco às tampas.

– É o calor, a pressão. Toma uma água que já abaixa. É que não tem cerveja – só esse uísque e uma garrafa velha de vinho. Vinho, com esse calor, é pior ainda, né?

– Não, tá tudo bem, foi só uma vertigem...

A Luciana apareceu, o pai colocou uma omelete enorme na mesa, três pratos, e uma tigelinha com arroz – o arroz era só pra filha. Todos beliscaram, a filha contou um pouco sobre o trabalho, riram, e ela saiu.

O pai deu tchau na porta, um beijo na menina, e sentou para beber mais com Luiz. E foi aí que o papo começou.

– Olha, Luiz... Não tenho nada com isso... Mas tenho te achado abatido. A vida toda trabalhei com gerência de pessoal e conheço um pouco de psicologia. Dizem que eu tenho uma certa sensibilidade. Falaram até que é mediunidade... mas nunca fui atrás de desenvolver...

– ...

– Você tá sempre corado, com um ar de felicidade... Até quando briga com os contínuos transmite uma certa alegria! E agora está assim: fechado, carrancudo... E tenho reparado também que não tem falado com sua garota pelo telefone... É ela? O problema é ela?

Ele ficou espantado com a objetividade do amigo. Mas decidiu entrar de cabeça na conversa.

– Ela saiu com outro cara.

– ...

– Ela saiu com outro cara um dia depois da gente ter saído. Ela disse que gostava de mim. E no dia seguinte... saiu com outro.

– E você viu?

– Não... Ela me contou.

– Ela te contou?

– ...

– Como assim? Ela chegou pra você e disse que estava gostando de outro?

– Não. Ela disse que... que aconteceu uma coisa inexplicável e ela acabou saindo com o cara.

– Então foi umaaventurazinha... Ela te contou pois gosta de você e ficou com medo de você ficar sabendo por outro meio e se antecipou?

– Mais ou menos isso.

– Mas então não tem motivo pra você brigar com ela! Foi melhor assim; ela foi sincera!

– Eu queria que ela tivesse sido fiel e não sincera!

– Eu sei, eu sei... mas talvez esse acontecimento sirva para reforçar ainda mais o relacionamento de vocês! Tenho certeza que não vai acontecer de novo, ela vai se policiar ainda mais...

– Não quero mais saber, Luiz. Num momento ela está comigo... faz... faz de tudo comigo... Depois está fazendo... fazendo de tudo com outro?! Nã...

A mágoa brotou e o dono da casa inventou que precisava ir ao banheiro para dar um fôlego ao amigo. Na volta passou na geladeira, pegou mais gelo e colocou nos copos.

– Imagine que você conseguisse apagar esse dia da vida dela e da sua. Não seria perfeito? Faça esse trato com ela!

– Ela poderia, ela até disse isso, pra esquecer esse dia, que ela queria apagar esse dia. Mas eu não vou conseguir!

– Não é uma pena que duas pessoas que se gostam, como vocês, fiquem longe? Foi um relâmpago, foi uma inconseqüência. Talvez se tivesse acontecido com você, você nem tivesse contado!

Luiz ponderou um pouco. Isso era verdade. Quando começaram a sair, Luiz tinha a garota do supermercado que pintava sempre no apê e ele nunca falou dela para Virgínia. Se aparecesse outra, em uma noite qualquer, ele traçaria e ficaria de bico calado.

– Talvez o fato de ter contado faz com que ela seja mais sincera com você do que você jamais foi com ela!

“Esse cara tem uma certa mediunidade mesmo!”

– Bom, você pensa nisso e vamos mudar de assunto. Senão vamos ficar os dois de baixo astral...

A tal sorveteria não era muito perto e Virgínia teve de tomar dois ônibus para chegar lá. No caminho preocupou-se sobre como voltar. E várias vezes considerou se estava fazendo a coisa certa.

Como foi direto do trabalho para o encontro, chegou antes que Ana. Pediu uma taça de sorvete e

ficou ali, olhando o sol se pôr. Já eram sete da noite.

Ana chegou. Parecia não ter envelhecido um ano sequer, desde os tempos de faculdade. Ela era atarracada, uma dessas garotas fortes, meio sem pescoço, mas não era masculina ou feia. Tinha uma face marcante, um queixo largo. Era morena clara, de cabelos escovados e vestia uma minissaia jeans com camiseta curta que deixava à mostra o umbigo com piercing.

Virgínia se sentiu velha diante da energia ainda juvenil de Ana.

As duas se abraçaram, Ana pediu desculpa pelo atraso – mas ela nem estava atrasada! A brisa batia quente e elas começaram a falar sobre a vida, o que andavam fazendo. Esse papo foi longo, Ana contava em detalhes como estava se dando no trabalho, como diretora de criação de uma grande agência propaganda local. Uma de suas últimas peças havia ganho um prêmio.

Virgínia contou do jornal, falou de algumas pessoas conhecidas de Ana, elas riram um pouco, lembraram histórias da facul. Mais de uma hora já havia se passado quando os assuntos pareceram esgotados. Ambas suspiraram juntas. Virgínia não sabia como faria para ingressar na confissão – e talvez nem devesse. Mas foi Ana quem perguntou, para o bem da amiga.

– E o coração? A quantas anda?

– Ai, ai...

– Que foi? Tá com problemas?

– Nem fale!

– Ah, então conta aí, quem sabe não posso ajudar?

Virgínia suspirou de novo, não sabia como começar, como contar, pensou em inventar uma história qualquer só para justificar a cara de desânimo e os suspiros todos.

– É coisa grave e você não está sabendo como começar – é isso?

Com aquele calor insuportável de novembro, àquela altura a sorveteria, estava apinhada de gente. Virgínia tentou aproximar mais a cadeira – para falar mais próxima da amiga. Mas havia gente por todos os lados e o barulho de conversa também era alto...

– Moro a dois quarteirões daqui. Vamos lá pra minha casa!

E foram.

Luiz desceu do carro meio bêbado, acenou para o amigo e para a filha e entrou no edifício. Subiu o lance de escadas com certa dificuldade. Não estava acostumado com uísque – e eles haviam bebido quase uma garrafa inteira!

Achou o buraco da fechadura, acendeu as luzes e foi direto para a geladeira atrás de uma cerveja. Estava calor e esse uísque dá uma sede dos infernos!

Sentou no sofá, olhou para o relógio. Eram onze e meia. Estava tarde, mas decidiu ligar para Virgínia. Queria falar pra ela que deviam conversar. Que estava com saudade dela. Que...

Apanhou o telefone, discou e já ia para o sexto toque

quando uma voz atendeu. Era a mãe da garota. Ele pensou em desligar, mas a vontade e a bebedeira falaram mais alto.

– Oi, dona Rosa! É o Luiz. A Vi tá?

– Oi, Luiz. A Virgínia foi direto do trabalho para um encontro... Acho que era uma amiga antiga do colégio ou da faculdade. Falou que ia chegar tarde e não chegou ainda...

– ...

– Quer que eu dê algum recado?

– ãhn? Não, não. Eu falo com ela amanhã!

Prostrou-se no sofá, latinha de cerveja recém-aberta na mão. Os olhos vidraram-se no quadro antigo do Led Zeppelin, presente de um amigo. Virgínia até que parecia um pouco com o Robert Plant!

Onde será que ela estaria? Até essa hora, plena quinta-feira? Será que... O dr. Júlio? Amiga do colégio? Isso tá parecendo desculpa para mãe! Onde...

Pensou em pegar a moto e sair à procura da namorada. Ao tentar se levantar do sofá viu que não tinha condições. Esboçou um pequeno grito. Tomou um gole da cerveja e atirou a lata longe. Largou-se no sofá para só acordar no outro dia com um raio de sol batendo-lhe no olho. E uma dor de cabeça do tamanho do apartamento.

Ana morava em uma casa pequena, mas muito bem

cuidada. O jardim era bonito e tinha um pé de romãs pequeno, que estava carregado. Ela foi indo na frente, falando da sorte de ter encontrado essa casa – o aluguel era bom, a casa era aconchegante...

Abriu a porta e a sala mostrou-se arrumadíssima. Um par de sofás amarelos destacava-se. Do lado de um deles, um revisteiro repleto.

Virgínia sentou e sentiu-se bastante confortável. Ana foi para a cozinha.

– Quer beber alguma coisa?

– É, acho que quero... Que você tem aí?

– Deixa eu ver... Ah, tem saquê! Gosta de saquê? Está geladinho...

– Ótimo!

Ana veio com os dois copos, daqueles quadrados, próprios para saquê. Entregou um para Virgínia, colocou outro no chão. Tirou as sandálias e sentou no tapete. Enquanto se ajeitava, Virgínia viu um pedaço da calcinha preta dela – e disfarçou. Começaram a bebericar.

– ...

– E então?

– Então...

Fez uma cara grave, como quando alguém vai contar uma história séria, mas ao mesmo tempo divertida. Entortou a boca. Durou um segundo. Bateu nos joelhos.

– Não sei... Eu preciso falar com alguém sobre isso senão enlouqueço!

– Fala aí! Juro que não conto nada pra ninguém!

E fez cruz com os indicadores sobre a boca.

- Eu estou namorando um cara...
- Eu sei, me falaram. Não sei quem é, parece que é um contador...
- Ele trabalha num escritório, não é contador...
- Entrou como contínuo e foi sendo promovido...
- Um escriturário, Virgínia?...
- Eu sei que é estranho. Gente do “nosso meio” só sai com gente... “do nosso meio”, né?
- No final da frase, deu uma piscadinha sacana.
- ...
- Ele nem é tão bonito, tem umas espinhas...
- Vai me dizer que é um adolescente?
- Não, não. Tem 28 anos. Mora sozinho há quase 10 anos, trabalha pra burro. Gostei disso também; é um batalhador. Mora num apê pequeno, num edifício sem elevador, tem uma moto...
- Ana ia fazendo cara de espanto. “Credo!”, pensou.
- Quando a gente se conheceu ele se esforçou para falar certinho, estava interessado mesmo. E bateu uma química estranha. Duas semanas depois estávamos saindo, levei ele em casa!
- Nossa!
- Quando estava meio cansando dele, quando as coisas pareciam meio “normais” demais... aconteceu!
- O quê?
- Ai, ai... como eu vou contar?!
- ...
- A gente transou...
- Ué!?

– Não, não... A gente transou... lá atrás!

– ...

– Lá atrás!

E apontou para a bunda, levantando um pouco o traseiro de lado. Ana fez uma cara de riso e não agüentou: explodiu em gargalhadas. Virgínia achou que ela estivesse caçoando, achando um absurdo. Mas Ana ria tão solto e gostoso que ela também riu. A amiga se debatia no tapete, abria e fechava as pernas – estava se divertindo de fato. A calcinha preta já não era nenhum segredo.

– Você deu o cu pra ele!

– Foi meio sem querer...

– Conta, conta... Conta como foi!

– Nunca tinha feito. Uns caras já tinham me pedido mas sempre negava, nunca tinha coragem...

– ...

– E eu sempre gostei de sexo, sempre procurava um... um orgasmo de verdade! E ele nunca vinha.

Ana fez um gesto de stop, mão espalmada. Pegou os copos e foi buscar mais saquê. Virgínia botou a mão na boca, assustada de estar contando tudo aquilo. Ainda mais para Ana, a quem sempre viu com reservas, com certo preconceito... E estavam ambas ali, falando como se fossem comadres de janela.

Dessa vez quando Ana foi sentar de volta com a bebida no chão, suspendeu a mini-saia e ficou com a calcinha totalmente aparente. Virgínia ficou meio

encabulada – mas não muito. Um copo de saquê bastava para deixá-la bastante relaxada.

– Conta, conta... Você estava procurando um orgasmo de verdade e achou que pudesse ter um com ele... mas o tal não vinha. E você ia largar dele.

– Mais ou menos. Um dia chegamos meio bêbados no apê dele. Tiramos a roupa e deitamos, achei que a gente não fosse transar... Estava de lado, com a bunda virada pra ele...

Quando falou “bunda” Virgínia corou um pouco. Ana percebeu e soltou um risinho safado.

– Ele veio encostando, encostando... Eu estava querendo também. Aí fui com a mão até lá embaixo e, não sei por quê, direcionei lá pra trás...

Fez de novo o gesto com o indicador para a bunda. Riram.

– Ele estava mais bêbado que eu e foi colocando, achando que estava... aqui na “frente”.

Abriu um pouco as pernas e apontou para a boceta. Não riram.

– Ele foi fazendo, foi fazendo e... eu gozei! Gozei primeiro que ele e foi ótimo! Depois daquele dia começamos a fazer sempre...

– Bom, era isso o que você tinha pra contar?

– Não, não... Essa é a parte “leve”.

Ambas fizeram caras de assustadas e riram de novo. Ana quase não se agüentava para ouvir mais.

– Meu Deus! Se essa é a parte leve, eu devia ter servido uísque pra gente!

– Hahaha...

– O que aconteceu depois? Ele quis meter no teu ouvido?

– Hahaha...

– Conta, conta...

– Ai, ai...

Dessa vez ela ficou séria. Parecia que o efeito do álcool tinha desaparecido. Ana desapontou-se um pouco. Estava gostando daquela brincadeira, de ver a velha amiga rindo daquele jeito, bem lá, no sofá de sua casa. Muita coisa passou pela cabeça de Ana. Será que a amiga não tinha se cuidado e tinha contraído AIDS? Será que o cara saiu falando pra todo mundo e o lance caiu no ouvido do pessoal do jornal? Ai, ai...

– Ó, Ana... vou te contar isso... Foi uma coisa muito estranha... É que eu comecei a ter hemorróidas... Não sei se foi por causa das transas, mas começou a me incomodar um pouco.

Ambas estavam bem sérias agora.

– Marquei consulta num médico. Fui até lá e... enquanto ele me examinava... Foi me dando um tesão...

– Você deu pro médico!

– Dei. Mas deixa eu te contar... Foi estranho... Eu estava deitada, de avental, com a bunda descoberta, pra cima... Estava em uma situação... de total dominação! Eu e aquele cara naquela sala... Eu com a bunda pra cima, arreganhando um pouco pra ele...

– ...

– E ele... Ele naquele uniforme branco, um cheiro bom de perfume... uma mão lisinha.

Ana, ao contrário do que pensava Virgínia, não era homossexual. Era bissexual – apesar de preferir parceiras. Aquele relato, na boca vermelha daquela velha paixão de universidade, estava deixando-a úmida como o quê!

– Pára de novo! Isso tá ficando óóóóótimo! Vou pegar mais saquê!

– Ah, acho que não! Que horas são? Tenho que pegar dois ônibus até em casa...

– Imagina! Eu te levo! Quero saber todos os detalhes a partir de agora... Espera aí... Pô, o saquê está gelado e tá esse calorão...

Ana saiu da sala, Virgínia respirou fundo para avaliar o quanto estava alterada. Olhou para as coisas coloridas na estante, para os livros... Abaixou um pouco e passou a mão no tapete, curiosidade de saber como era a textura. Ana veio rápido.

– Obrigada... Então... Eu estava lá na cama... quer dizer, na maca. Olha... Maca é cama ao contrário!

– Hahaha...

– Eu tava lá com a bundinha pra cima...

Nesse momento, Ana colocou o copo no tapete, deitou com a barriga pra baixo e levantou a saia, deixando a bunda à mostra.

– Você estava assim, à mercê do bandido!

Virgínia primeiro viu aquela bunda arredondada, morena, lisa, a calcinha preta levemente enterrada e teve uma pequena vertigem. Corou e pensou em ficar brava, pedir que ela não fizesse isso... Mas era só

uma brincadeira, ambas estavam se divertindo, pensou.

– Assim, eu estava mais ou menos assim... Aí ele passava a mão e...

– Ah, não! Me mostra como era!

O coração de Virgínia descompassou. Ela sabia que se fosse lá alisar aquela bunda Ana se excitaria e ia querer algo mais.

– Vai boba! Só pra ficar mais realista!

A outra colocou o copo também no chão e se ajoelhou. O coração parecia que ia saltar-lhe pela boca. Começou a alisar como se fosse o médico. E continuou falando...

– Ele estava alisando e eu ficando molhada... Mordi os lábios para tentar me controlar.

– Assim?

– Isso! E eu estava tão molhada que começou a me escorrer por todo lado...

– Ah, espera um pouco! Isso tá errado! Você estava sem calcinha!

Num pulo, rápida como um raio, sem dar tempo para reação da amiga, Ana tirou a calcinha preta e atirou para um canto voltando a ficar na mesma posição. Apanhou a mão de Virgínia que descansava no tapete e colocou de volta na bunda. Subiu um odor bom de sexo limpo.

– Ah, acho que estou bêbada, essa brincadeira está indo longe Ana, eu...

– Só me mostra como foi... Você ficou excitada e resolveu seu problema com o doutor. Só estou

querendo sentir o que você sentiu... pelo jeito foi muito bom. Ou não?

Virgínia assentiu com a cabeça. Estava com a mão na bunda dela, olhou pra bunda, viu o cuzinho, e a concha, fechou os olhos por um momento e sentiu que também estava excitada. Num gesto impensado desceu a mão e tocou a boceta de Ana, tal qual o médico. Ela também estava encharcada.

– Ele fez assim com você?

– Ahã...

– E depois?

– Depois... Depois eu olhei pra ele e falei... Falei...

Mete aí!

Ana virou o pescoço, olhou nos olhos caramelo de Virgínia. Os dois pares de olhos brilhavam de bebida e estranhamento.

– Mete aí!

Virgínia recuou a mão rapidamente. Ia se levantar rápido, Ana não deixou; pulou sobre ela e botou a mão sobre a calça jeans da amiga enquanto enfiava a língua em sua boca. Virgínia chutou o copo de saquê que se espalhou pelo tapete. Uma descarga de adrenalina em cada uma.

Ana desabotoou a blusa da amiga e em um segundo estava chupando seus peitos. Virgínia em uma entrega desorientada, sem saber o que estava acontecendo. Caíram ambas no tapete, Ana segurou os braços da outra atrás, como se dominasse a fera e a situação. Falou olhando nos olhos.

– Olha, Virgínia... eu também adoro coisas no meu rabo. É por isso que eu tenho alguns brinquedinhos aqui. Se você esperar um segundo vou pegar algo pra gente brincar...

A outra estava assustada, só conseguiu piscar os olhos rapidamente, num misto de apavoramento e consentimento. E ficou prostrada lá, com os mesmos braços para trás, quando, em menos de um suspiro, Ana apareceu com um vibrador. Era um vibrador liso, pequeno. Ela deixou a coisa de lado.

– Eu vou meter isso em você... “lá atrás”.

E apontou para a bunda de Virgínia. E riu. E a amiga riu nervosamente também, estava com um medo paralisante. Mas estava também no território inimigo, na casa de Ana, a porta trancada, ela aquela presença forte, falando com um olhar firme nos olhos, convicta. A outra estava mole e petrificada.

Ana tirou a calça dela. Passou a mão sobre a calcinha e pôde perceber que a amiga estava totalmente dominada. Acionou o vibrador e começou a brincar ali, sobre o tecido. Virgínia contorcia-se.

– Mostra pra mim como você fez lá no médico...

E ela mostrou. Deitou e empinou a bunda, os olhos fechados, o lábio inferior entre os dentes, a boceta encharcando a calcinha. E Ana beijou-lhe um pouco as nádegas, lambeu um pouco o ânus rosado e começou a brincar com o vibrador. Foi quando percebeu que a garota estava excitada como nunca havia visto ninguém estar em toda sua vida de bocetas. A certa altura, Virgínia

olhou para trás, olhos mais brilhantes ainda, e disse, dentes cerrados:

– Mete aí!

A amiga obedeceu.

– Ana... Acho que estou bêbada. Não sei o que aconteceu...

– Não vamos falar disso. Parece que tem alguma coisa da história que você queria contar e não contou...

– Sim, o principal...

– ...

– Eu contei pra ele.

– Como assim?

– Eu contei pro Luiz, meu namorado... O que aconteceu lá no... Júlio.

– Que Júlio?

– O médico.

– Você contou pra ele? Pro seu namorado?

– Conteí.

– E por quê?

– Sei lá, fiquei com um peso enorme na consciência... Foi ele quem me fez gostar disso e eu vou e dou pra outro cara...

– Você sempre gostou e sempre vai gostar disso. Só não sabia. Agora sabe – e não precisa ficar com o namoradinho só porque ele foi o primeiro... “lá atrás”!

– Eu sei, mas eu gosto dele de verdade. Por uma série de coisas... Ele transa bem também... Ah, sei lá!

– ...

– Com o doutor... Foi bom mas sei que foi só aquilo, aquele momento... Como isso que aconteceu aqui hoje...

– Você não pode levar adiante um caso com o doutor nem comigo então sobrou ele...

– Não sei...

– O doutor é mais a sua cara que esse cara... Na verdade, EU sou mais sua cara que ele!

Deram uma risadinha, deitadas no tapete, nuas.

– Bom, o cara deve ter ficado possesso!

– Sim, ele terminou comigo e eu estou com uma sensação horrível de ter sido filha-da-puta. Ai, estou tendo essa mesma sensação agora...

– Relaxa um pouco, Virgínia.

– Eu namorei um monte de caras, sacaneei alguns... Mas com o Luiz eu me entendia bem, não queria ferrar ele... Ainda mais desse jeito... dando “lá atrás”...

– Se você tem mesmo um sentimento pelo cara não devia ter contado... Devia saber que o cara ia ficar louco!

– Eu sabia... Como vou explicar? De repente queria que ele explodisse mesmo, me desse uma porrada! Eu merecia! Se ele tivesse feito isso e continuado comigo eu não estaria aqui agora...

Fez-se um silêncio. Ana ficou um pouco magoada. Queria dizer que não tinha sido bom? Que ela nunca teria respondido a um e-mail não fosse o namorado ter terminado?

– Eu... Eu nunca imaginei transar com você. Nunca tive sequer curiosidade por mulher. Gosto da penetração, essa coisa... Então queria dizer que foi legal e tudo... mas não vai acontecer de novo... Eu estou meio bêbada e estava te contando sobre as coisas... Já estava excitada de contar...

– Eu sei, Vi. Não se preocupe. Eu estou namorando. O nome dela é Mônica. Queria te apresentar qualquer hora.

– ...

– Eu não vou contar sobre o que rolou pra ela – deus me livre! Mas vou falar que conversamos, ok? Não quero perder o contato.

– Tudo bem...

– ...

– Pô, deve ser tarde... Você não me leva embora?

Vestiram-se. Ana tirou o carro da garagem minúscula, Virgínia achou que ela não conseguiria. Durante o longo percurso não trocaram palavra. Era pouco mais de meia noite. Na chegada foi Ana quem falou.

– Acho que você devia ligar pro cara... Luiz, né?

– É.

– E pedir desculpa, dizer que quer uma conciliação. Se ele disser que não... Amor, desculpa, mas manda o cara passear que vai aparecer mil na sua frente – a maioria melhor que ele!

– Ana, obrigado por tudo, desculpa alguma coisa...

Ana chegou-se e beijou rápido os lábios da amiga. Voltou pra casa com o rádio no máximo. Estava tocando black music.

Virgínia abriu o cadeado do portão com cuidado para não acordar a mãe... Entrou em casa pé ante pé e tomava água na cozinha quando uma voz veio do quarto. A mãe.

– O Luiz ligou.

– Ah.

– ...

– Amanhã eu ligo pra ele.

Foi dormir pensando naquilo. Ele ligou! Será que era pra querer voltar ou era pra xingar? Eu não estava em casa! Que será que pensou? Será que pensou que estava com o Júlio? Júlio? Que merda, Virgínia! É DOUTOR Júlio! E capotou.

Ele não tinha condição de ver números o dia inteiro. Ligou para o escritório e pediu pra falar com Luiz. O cara veio atender e, pela voz, parecia bem inteiro.

– Não dá pra ir... Não sou acostumado a beber uísque e cheguei em casa... bebi cerveja... Não dá pra ir! Fala com o Passarinho aí pra mim. Qualquer coisa pede pra ele ligar aqui... Eu compenso isso. De urgente, hoje, tem só aquelas faturas do Demônio.

– Fica frio. Desculpa aí. Não sabia que você ia passar mal. A Luciana bem que disse que você tava mal...

– Não dá pra falar... Tchau.

E correu pro banheiro vomitar.

Ela também acordou de ressaca. Mas era só tomar um banho e tudo estaria bem. A mãe já estava de pé, café na mesa, torradas e mel, como ela gostava. Ao passar pela cozinha, para ir ao banheiro, bastou o cheiro do café doce para estimular os intestinos. Apressou o passo e foi tirando a calcinha, se ajustando ao vaso... Evacuou aos espirros e pensou no sorvete de chocolate. Não passou o papel; deixou para limpar-se no chuveiro. Depois passou o creme de aveia no corpo inteiro, o desodorante inodoro nas axilas, borrifou o perfume entre os seios e nos pulsos. Era um perfume claro, amadeirado mas fraco, com cheiro de manhã. A cabeça ainda estava pesada, mas a cagada matinal lhe proporcionou um alívio do mal-estar com o qual acordara.

Escovou os dentes e saiu embrulhada na toalha para o café. Gostava de tomar o café assim.

A mãe percebeu que não estava tudo exatamente bem.

– Como foi lá com a sua amiga?

– Ótimo... Só que tomamos uma dose de saquê e não me caiu bem...

– Então vê se se alimenta e cuidado pra não perder a hora... Nem pra fazer as coisas de qualquer jeito lá no trabalho. Tá difícil de arrumar emprego – você não pode desperdiçar esse aí...

– ...

– Fazia tempo que o Luiz não ligava aqui e... ele ligou ontem já era tarde. Vocês brigaram?

– Uma discussãozinha boba, mãe. Não se preocupe com isso.

– Ele é um rapaz bom e educado. Se você fez alguma coisa de errado liga pra ele e pede desculpa.

– Ele fica muito no meu pé... E é um... tapado!

Ela só falou isso porque era pouco provável que voltassem – e a mãe ia querer saber o que aconteceu. Assim, já colocou um ponto em seu favor: a universidade, a superioridade intelectual...

– Eu sou uma tapada pra você, mas cuido bem de você. Seu pai era um tapado e me deu todas as alegrias que um homem pode dar a uma mulher. Não fique se achando tão superior!

Ela mordida a torrada e ficou um segundo olhando para lugar nenhum depois da frase da mãe. “A vida não é só sexo!”, pensou.

Depois do café e das torradas foi até o pote d’água, encheu um copo e tomou inteiro. A mãe olhava.

Virgínia olhou pro relógio, respirou fundo e se sentiu viva como nunca. Seu corpo estava ok, apesar do pequeno latejar nas têmporas. O caso com Luiz se arranjaria de um jeito ou de outro. Não havia motivo para grandes preocupações. No serviço estava tudo bem, a pensão que a mãe recebia dava para as contas da casa, seu salário não era ótimo mas não era uma merda, tinha amigos... Ana se mostrava uma boa amiga, a hemorróida não doeu ou sangrou na cagada matinal...

Luiz estava sendo quase um apêndice em suas preocupações. Como havia dito a amiga no dia anterior, fosse o que fosse!

Talvez a intuição de Luiz, o cara do RH, amigo do nosso Luiz, tenha funcionado quando o telefone direto do amigo tocou. Ele estava passando por perto e atendeu num impulso, quase sem perceber. E logo viu que era a namorada, ou ex-namorada, do outro.

– Quem fala?

– É Luiz.

– Oi, Lu... Sou eu... você me ligou ontem mas eu tava com a Ana, lembra da Ana? Eu já te falei dela, aquela sapata da facul...

– Não, não... aqui é outro Luiz. O SEU Luiz não veio trabalhar hoje...

– Ah, desculpa! Nossa! O que aconteceu? Aconteceu alguma coisa...

– Não, não. A gente saiu ontem e ele deu uma descontrolada... bebeu demais.

– Então ele está em casa?

– Tá.

– Ah, então vou ligar lá... Desculpa de novo...

– Não, tudo bem!

– Então tá, obrigada...

– Espera!

– ...

– É que o Luiz me contou o que aconteceu...

– Ahn?

– Ele me contou sobre a briga de vocês... ele está muito abalado...

Luiz ia falando e a boca de Virgínia secou. Será que o namorado, ou ex-namorado, tinha contado tudo para esse colega? Será que tinha falado sobre o sexo anal e sobre ela e o médico e... Nossa! Não podia ser! Talvez tivesse mesmo... Bêbado conta as coisas, não?

– Eu acho que você devia ligar pra ele e pedir desculpas.

– Ahn... eu vou fazer isso... ah, desculpa de novo, tá? Tchau!

A moça precisou ir até a copa e tomar um copão d'água. “Filho-da-puta”, pensou. Será que foi falar das coisas todas? E será que contou só pra esse cara aí ou para o escritório inteiro? Fez uma imagem mental de todos eles sentados na mesa do boteco e Luiz meio bêbado contando e todos rindo e... Ficou com raiva. Não ia ligar pra ele, filho-da-puta.

Teve dificuldade de se concentrar de novo no trabalho. Aquela manhã estava particularmente complicada. Vários crimes para checar. O calor do verão deixava as pessoas meio descontroladas. Lá pelas onze, enquanto Luiz ainda dormia depois de tomar um remédio para o mal-estar, o Assis, principal repórter do jornal, entrou pela porta da redação com aquela cara que todos conheciam. Tinha alguma coisa muito boa – ou muito ruim! – acontecendo. Ele passou pelas mesas gerando

um silêncio e um torcer coletivo de pescoços. Entrou na sala do chefão, o Beto. Os poucos jornalistas, colunistas, redatores e ajudantes que estavam ali se entreolharam, ergueram sobranceiras e ficaram esperando.

De repente a porta se abriu e o próprio Beto colocou a cabeça para fora.

– Virgínia, vem aqui!

A moça deu um pulo e foi andando com mil coisas passando pela cabeça. Será que tinha feito algo de errado?

– Dá licença... Oi, Assis...

– Virgínia, teve um crime aqui, é um dos crimes mais bárbaros que já aconteceram em toda região...

– ...

– O Assis foi um dos primeiros a chegar no local, fez as fotos, isso vai tomar muito da nossa atenção durante um bom tempo. E ele disse que precisa da ajuda de alguém *full-time* para as checagens e levantamentos.

O Beto gostava de usar termos em outras línguas enquanto falava. O que mais gostava era *en passant*.

– Eu sugeri você.

– ...

Enquanto o Beto falava, o Assis permanecia quieto na cadeira, olhos fechados, olheiras enormes. Um pequeno silêncio se instalou ali. Virgínia estava quase explodindo de felicidade: era um grande caso, ia trabalhar com o melhor repórter do jornal e com indicação do próprio chefe! Assis esfregou os olhos.

– Olha, Virgínia... Falei com o Beto que preferia um homem, alguém mais velho, experiente. Não é preconceito ou algo assim... É que o crime foi brutal mesmo, assustador. Vamos te colocar a par, mas se você disser que não quer trabalhar nele, a gente aceita. Você vai precisar de nervos de aço.

Ela gelou um pouco. Um caso desses para ocupar-lhe a cabeça seria ótimo nesse momento. E seria ótimo também pela projeção. Muitas vezes ficava meio abalada com alguns casos que via na checagem. Às vezes tinha que ver algumas fotos bem desagradáveis. Não podia deixar escapar aquela oportunidade. Escolheu bem as palavras.

– Eu adoraria trabalhar com você, Assis. E quero agradecer a indicação. Faz quase um ano que estou na checagem de polícia e tenho bons contatos com o pessoal da área. Acho que posso colaborar a contento. Gostaria muito de agarrar essa oportunidade.

– Então você deve passar todos os seus trabalhos pendentes para a Valéria... Encontre o Assis daqui a pouco no laboratório para ver as fotos.

– Tá. Obrigada.

Ela estendeu a mão num gesto mecânico e bobo e cumprimentou Beto e depois Assis, que tinha a expressão cansada. Depois se sentiu uma idiota por ter feito aquilo.

Quando saiu da sala todos olhavam para ela, que não conseguiu segurar o sorriso. Foi direto para a mesa da Valéria.

Até então Beto quase não reparava em Virgínia. Por que sugeria a moça para auxiliar numa matéria tão importante?

É que tanto Beto quanto o dr. Júlio eram maçons da mesma loja. No dia seguinte à “consulta” de Virgínia houve uma reunião e, depois, como de costume, foram os bodes para uma conhecida pizzeria local.

Depois de vários chopos levantaram-se ambos para uma mijada. Enquanto desaguavam em silêncio virou-se o Júlio para o Beto e:

– Aquela sua funcionária... a Virgínia... Ufa!

Ele acordou era pouco mais de meio dia, a boca amarga. Até dava pra tomar um banho e ir trabalhar. Só havia faltado duas vezes ao trabalho: quando morreu a avó e quando teve aquela diarreia assustadora. Odiava faltar. No dia seguinte parecia que o Passarinho ficava olhando diferente pra ele.

Na cabeça, só Virgínia.

Pensou que deveria mesmo passar a borracha naquilo e aceitar a garota de volta. Foi um erro, sim, mas... quem não erra? Luiz, o amigo, estava certo com seus conselhos. Mas pensou novamente sobre a noite anterior... Ficou com um pouco de raiva. Bem, ia ligar pra ela mais tarde. Tomou um

banho, botou os óculos escuros e foi até a padaria tomar um suco.

Sentindo-se importante, a repórter entrou na ante-sala do estúdio fotográfico. Tirou uma piranha da bolsa e prendeu os cabelos.

Bateu na outra porta de leve e abriu. Assis prendia as últimas fotos no varal. Ela via com certa dificuldade. Primeiro um cadáver... era uma mulher... uma garota... estava de saia. Estava com os braços e pernas abertas, como uma estrela. Aí tinha uma foto da região do umbigo, um corte grande. Depois um close do rosto. Os olhos revirados, sangue escorrendo da boca, o nariz torto. Depois uma foto de dois cachorros, parecia desconexa das outras. A quarta foto mostrava um policial debruçado sobre o corpo, não dava pra ver o corpo direito... ele estava cobrindo a moça. Era a foto da capa do dia seguinte, intuiu Virgínia. A próxima era uma foto do RG da menina. Sandra, catorze anos, bonita.

– Ela fazia sempre o mesmo caminho de volta da escola. E sempre cruzava uns garotos que mexiam com ela e com duas amigas que sempre a acompanhavam. Uns garotos de rua.

– ...

– Parece que elas atiçavam um pouco os garotos. Uma das amigas disse que Sandra gostava de caçoar deles. Chamava-os de pobres e pretos fedidos. Ontem

uma das amigas não foi à aula. Sandra passou com Carla apenas. Carla morava antes, no percurso de volta. Um quarteirão antes de chegar, Sandra foi surpreendida pelos três garotos. Eles a nocautearam, levaram para esse terreno baldio. Abusaram dela enquanto ainda estava inconsciente. Provavelmente iriam embora e a deixariam lá. Alguém deve ter pensado que ela poderia facilmente reconhecê-los – e decidiram matá-la. Mas eles não estavam armados.

Cenho franzido, ela prestava atenção em cada palavra.

– Pegaram uma pedra e bateram na cabeça dela. Acharam que tivesse morrido. Abusaram dela de novo. Fumaram crack no local, acharam restos da droga. Quando ela mostrou que estava viva eles rasgaram uma lata de refrigerante – que tinha sido usada para fumar a droga – e cortaram a barriga dela com aquilo.

Assis foi até a foto do umbigo e mostrou o corte.

– Estão quase certos sobre a autoria. Um negro alto e magro de dezoito anos, conhecido por Santos, e dois menores com passagem pela Casa do Menor; Dé e Carlinhos. Estão a caça deles, temos que ficar atentos. Mas disso cuido eu. Queria que você fosse até a casa das amigas, ao velório, falasse com parentes, amigos... Mostrasse a indignação da população. Fale com o padre, com o policial que chegou primeiro. Leve uma máquina e tente fazer fotos de pessoas chorando, a mãe... Lá pelas seis da tarde devo falar com o prefeito e era bom que você estivesse comigo – nunca falo com o

prefeito sozinho, ele desmente tudo depois... Preciso de testemunha.

– Tá.

– Virgínia... A cidade toda já está sabendo desse crime. Já deu no rádio, está nas rodas... Amanhã todo mundo vai querer comprar o jornal para saber realmente o que aconteceu.

– ...

– Nós vamos duplicar a tiragem. Se você fizer um bom trabalho, assina a matéria comigo.

Na caixa de e-mails, várias tentativas de contato de Ana. Luiz ligou por volta das duas e meia mas falou com Valéria – que explicou a situação. Ele tentou falar com ela pelo celular mas só dava ocupado. No carro da reportagem, Virgínia sentia-se viva como nunca.

Depois de falar com muita gente, de fazer algumas boas fotos, de se emocionar no enterro da menina, enquanto se dirigia para a prefeitura encontrar-se com Assis, lembrou que devia avisar a mãe que chegaria mais tarde. Ligou na redação para perguntar à Valéria se havia algum recado.

– O Luiz ligou para você... algumas vezes.

– O Luiz!

– E não pára de chegar e-mail de uma tal Ana...

– Ana!

– E a secretária de um tal dr. Júlio ligou também...

– Júlio?!

– É... e o Assis disse que está tentando falar no seu celular mas não consegue...

– É, eu estou pendurada nele...

– Ele disse que encontra você na prefeitura...

– Tou indo pra lá.

Não dava tempo de ligar para ninguém naquele momento. Chegou na prefeitura, viu o carro do Assis, desligou o celular e jogou na bolsa. O prefeito deu as mesmas velhas desculpas para a explosão de crimes que a cidade vinha presenciando nos últimos dias.

O Luiz ligou para o Luiz e esse contou sobre o papo com a Vi.

– Ela está em uma matéria grande. Parece que houve um assassinato, de uma garota...

– Só se fala nisso!

– Então... ela está fazendo a matéria.

– Bom, é melhor não ficar no pé dela então. Deixa ela trabalhar, amanhã vocês conversam.

– É. Amanhã tô aí.

Voltou na padaria, comprou presunto, queijo e pães e passou a noite vendo TV, comendo e tomando refrigerante.

Mais de oito da noite, os dois repórteres digitando rápido, um alvoroço acima do normal na redação, o celular de Assis toca. Ele vê o número e diz que é da seccional. Virgínia arqueia as sobrelanceiras.

– Pegaram o Santos!

Os dois saem correndo em direção à delegacia. A redação fica entre aborrecida e feliz. Aborrecida pois a noite não ia ter fim. Feliz porque o filho-da-puta foi preso.

Câmeras, fotógrafos, abobalhados repórteres, cabos de microfone... uma confusão na delegacia. Assis, alto, abria caminho, a aprendiz atrás.

Encostado em uma parede, o negro tinha as pálpebras abertas em rasgos e o sangue escorria pelos dois lados da cabeça. Os lábios estavam inchados, as roupas sujas, tinha grama presa nas costuras da calça. Também fedia. Um animal.

Flashes espocavam, a imprensa colhia informações com qualquer elemento fardado e o zunzum deixou a repórter desnorteada. Assis ergueu o braço, sinalizando para um homenzinho pequeno, de camisa amassada, que estava do lado de dentro do balcão de fórmica. Fez um gesto redondo. O homem assentiu com a cabeça e o jornalista puxou Virgínia pelo braço saindo do alvoroço e ganhando a rua.

Deram a volta no quarteirão e entraram por uma portinha pequena, que já estava aberta.

- Vamos falar com o tal Santos.
- Só a gente?
- É, só a gente.

Assis tinha 20 anos de profissão e conhecia todas as mumunhas da polícia. Alguns policiais lhe deviam favores. Ele tinha informações privilegiadas, o delegado seccional era seu padrinho de casamento.

Eles ficaram sentados em um banco de madeira por uns vinte minutos, trocando impressões sobre o caso. Ia ser uma super-matéria. Um guarda chamou.

A sala era pequena e o rapaz estava sentado numa cadeira, visivelmente cansado. Dois policiais. Os dois repórteres entraram e olharam um pouco, em silêncio. O delegado entrou e chamou Assis, que saiu. Virgínia ficou de frente para o rapaz, assustada. Ele podia voar-lhe no pescoço. Ela desviou o olhar do dele, mas ficou com mais medo e voltou a olhar fixo naqueles olhos negros – mais piedosos que assustadores. Os guardas olhavam pra ele, ignorando-a. Ela estava em pé, o que lhe conferia uma certa autoridade. Pensou em um momento sobre como eram tão diferentes... homem, mulher; negro, loura; ignorante, instruída; selvagem, educada...

Estava quase perdida nesse devaneio quando pareceu-lhe que a face retinta do assassino se iluminou. Seus olhos pareceram brilhar e um pequeno sorriso se insinuou pelo beijo gordo. Ele pareceu se ajeitar na cadeira, tentando obter certa dignidade. A garota espremeu um pouco os olhos para tentar entender o

que ele estava fazendo... num gesto bobo, abriu o caderno de anotações para fingir ler alguma coisa.

– Eu queria comer o teu cu!

A voz saiu pausada e fria da boca de Santos. Um calafrio correu o corpo da moça, mas foi rápido – logo ela enrubesceu, sentindo a face queimar. Tão logo a frase sumiu no ar uma coronhada veio certaíra do policial da esquerda e o negro tombou no chão, sangrando pelo ouvido. Piscou o olho duas vezes tentando manter a consciência e desmaiou.

As pernas da garota tremiam. Teve vontade de chorar. Assis e o delegado chegaram rápido e tomaram pé do acontecido. O repórter pediu que um policial levasse Virgínia de volta à redação; ela estava abalada. Se ela quisesse ir embora, tudo bem. Ela fez que sim.

Na redação todos queriam saber, mas a garota deu uma desculpa... Disse que só Assis poderia ficar para falar com o criminoso. Mostrava-se visivelmente descontrolada e o chefe veio consolar-lhe. Tomou-lhe a mão.

– Acho que está sendo muito pra você... Se quiser deixar a matéria, tudo bem... Daqui pra frente o Assis toca sozinho...

– Não, não... É que... aconteceu uma coisa... O Santos, o assassino, falou comigo e eu fiquei assustada... Só isso. Mas vamos continuar com a matéria, tem os outros dois menores para serem pegos...

Era perto de meia-noite. Quase toda redação ainda estava lá, firme. A história do crime tomaria cerca de 4

páginas inteiras e não dava pra ninguém sair até que ela estivesse pronta, fechada, formatada, diagramada, revisada. Quilos de café eram consumidos, cigarros acesos.

Virgínia conseguiu sair do chefe e foi até o banheiro, meio cambaleante. Lá, chorou um pouco. A última palavra na voz do preto filho-da-puta lhe ecoava: “cu”, “cu”. Teve uma cólica de medo e se esvaziou ali.

Retocou a parca maquiagem e respirou fundo. Quando saiu do banheiro todos olhavam pra ela. Valéria já tinha ido e ela sentou no computador. O último e-mail da Ana.

“Oi. Tá difícil falar com vc. :-)

Vou com a Mônica na Choperia do Gastão...

Aparece lá.

bjok”

Ela respondeu.

“Desculpa não ter respondido antes, estou com a matéria desse crime de estupro e morte, dessa garota de 14 anos.

Estou bem abalada com o caso. E esgotada fisicamente.

Depois a gente se fala.

Beijo.”

Estava tarde pra ligar pro Luiz. E o Júlio... Havia ligado várias vezes. Que cafajeste!

Abriu seu arquivo da matéria e começou a revisar, passar as informações, lembrou de coisas que tinha esquecido. O rádio da redação estava ligado numa

estação local e aquela música estava incomodando-a.

O Beto estava conversando com um repórter e ela chegou até ele.

– Beto... Será que dava pra desligar o som?

– ...

– A música... está me atrapalhando na matéria... A gente deixa ligado pra ouvir as notícias... Mas a essa hora não vai ter mais nada... Não estou conseguindo me concentrar com esse som...

O chefe olhou em volta e deu um berro.

– A partir de hoje não quero mais essa porra de rádio ligado. Desliguem essa merda! Não quero mais saber de música, de som nenhum nessa redação!!!

Virgínia – e todo mundo! – ficou assustada. Ela não queria provocar aquilo... estavam todos tensos e cansados. O grito do chefe veio abalar ainda mais o estado dela e dos colegas. Mas o som estava realmente atrapalhando...

– Não temos necessidade de ficar ouvindo o que a rádio diz! Temos os melhores jornalistas da cidade aqui. Não quero saber de ouvir essa merda de estação nesse jornal!

A música sumiu. Um silêncio mortal caiu sobre o ambiente. Só se ouvia o teclar, os dedos rápidos dos profissionais.

Ela voltou pra sua mesa e o texto fluíu. Era mais de uma da manhã quando Assis chegou. Ele tinha uma entrevista e fotos exclusivas do Santos. Ia precisar de mais uma página.

– Cortem os quadrinhos, cortem os resumos das novelas, cortem toda página de cultura se for preciso! Botem isso no lugar, escreva sem dó, Assis! Se ainda não der, derrube toda página de esportes. Fodam-se o Palmeiras e o Brasileirão!

O chefe estava eufórico. Sabia que 10 mil jornais a mais era um faturamento e tanto – e o jornal concorrente não iria dar tanto destaque assim para o crime. O jornal concorrente se apoiava em uma certa política de “não explorar a miséria humana”. Idiotas, pensava Beto. “Os leitores só querem saber é da miséria humana”, dizia.

Assis deu a máquina fotográfica para o técnico descarregar no computador – dessa vez usara uma máquina digital, não havia tempo para revelar filme. Virgínia fechou seus textos. Passou pela mesa do técnico e viu algumas fotos de Santos. Ele tinha mais sangue na cara agora. Escorria pelos olhos, pelo nariz, boca, ouvidos... Parecia um morto-vivo.

Devagar, pé ante pé, aproximou-se de Assis. Pelas costas, via o texto brotar das mãos ágeis do colega. Observou também um machucado em uma das mãos... na mão direita... nos nodos dos dedos, arranhões que ainda sangravam um pouco. A pergunta veio até a garganta mas ela freou – não podia atrapalhar.

Ela tomou mais um café, buscou uma aspirina na bolsa. A maioria dos colegas tinha ido embora. O pessoal da diagramação, impaciente.

Duas da manhã e Assis entregou sua matéria, sua entrevista com o assassino, rabiscou num sulfite sua

sugestão de diagramação e começou a ler os textos de Virgínia. Ela estava quase prestes a cochilar sobre a mesa quando sentiu alguém tocar-lhe o ombro.

– Menina, você fez uma das melhores reportagens que eu já li em toda minha vida!

– ...

– Eu falei exatamente isso para o Beto e ele disse que nem quer ler agora, quer ver só depois de impressa. E não vai embora enquanto a impressão não estiver pronta.

– Você achou que ficou bom?

– Bom? Ficou maravilhosa! A chamada “Pai quer assassinos mortos” foi espetacular! E a foto da mãe chorando ao lado da outra filha... Nossa!

– Não ficou meio piegas? Meio... forçado?

– Serão seis páginas com a matéria. Vamos assinar quatro em conjunto. Eu fico com a matéria do encontro do corpo e com a entrevista... Todo o resto assinamos em conjunto, ok?

Ela assentiu. A maior parte do “resto” tinha sido escrito por ela. Ele sabia. Mas não dava para questionar; ela era apenas uma ajudante... ter o nome junto ao dele, num caso tão especial, já era muita coisa.

– Vou te levar pra casa... Também preciso dormir – faz quase 24 horas que estou em pé.

Ele passou pela sala da diagramação, ela viu de longe ele apontar para alguns monitores de computador; dava instruções da diagramação.

Desligaram os equipamentos e ela entrou no Uno velho do colega.

- Que isso aí na sua mão?
- ...
- Esse machucado aí! Você não estava com isso...
- Eu bati nele.
- Como...?
- Eu bati no Santos.
- Como assim?
- Eu bati nele, o delegado, meu chapa, deixou... Sempre deixa...
- Mas você não tinha que fazer isso! Fez por quê?
- Por que? Por que? Pô, o cara matou a garota de 14 anos! Eu queria era matar o lazarento! Soquei ele pouco, se for ver...
- Mas...
- E outra... Ele falou aquilo pra você! Não me conformei! Que petulância! Que arrogância! Se deixassem, eu acabava com ele. Acho que o puto ficou surdo. Vai ter problemas para ouvir o juiz no julgamento. Rá!
- ...
- Não fica assustada! A gente não aprende isso na faculdade, mas é assim que acontece...
- O que ele me falou?
- Como?
- O que ele me falou? O que te contaram que ele me falou?
- Ora... aquilo...
- O quê?
- Que queria te comer o cu.
- ...

– Olha, não esquentar! Esses caras, esses desequilibrados, têm mesmo essas perversões. Sexo normal não satisfaz essa raça. Eles querem sexo anal, comer defuntos... essas anomalias.

Ela estava cansada demais para discutir ou esboçar qualquer reação. Em casa tomou mais uma aspirina. Na cama, cansada demais para repousar totalmente, duas palavras ecoavam: “cu” e “anomalias”. Achou que estivesse à beira de um colapso.

Saiu cedo, passou na banca de jornais. Na capa, um rosto macabro e arrasado: o assassino de Sandra. No detalhe, pequena, a foto da menina. Desceu os olhos na manchete: “Preso um dos três monstros – Reportagem especial de Geraldo Assis com colaboração de Virgínia Coelho”. Dobrou, pagou, colocou no assento da moto e sentou em cima.

No escritório, parecia que o Passarinho olhava estranho pra ele. “Foi mal”, falou. Abriu o jornal, folheou e viu o nome da ex-namorada em vários locais – junto do Assis.

“Será que estão tendo alguma coisa?”, pensou. Não leu as matérias: tinha muito a fazer do dia atrasado.

O dr. Júlio chegou no consultório e já havia alguns

pacientes esperando. Esfregando os olhos, entrou e chamou a secretária.

– Carina, compre o jornal pra mim, por favor.

– Mas... Mas tá cheio de gente esperando o senhor...

– Carina... Compra o jornal pra mim e fala pro pessoal esperar, cacete!

Ela saiu da sala e ele foi tomar um café na saleta ao lado. “Ainda bem que já é quinta-feira”, pensou.

A funcionária voltou logo depois, ele estava com o queixo enterrado nas mãos aguardando. Começou a ler as matérias. Na última página da sequência dedicada ao crime, uma entrevista com o assassino. Duas fotos no canto superior direito: Santos em cima e com o corpo da menina embaixo; a foto na qual ela parecia uma estrela, pernas e braços abertos.

Antes da entrevista tinha uma abertura de Geraldo Assis:

“Depois de capturado, Santos não tentou reação ou fuga em nenhum momento. Na delegacia não disse palavra. Só posou para fotos com certa empáfia. Depois que os jornalistas saíram, concordou em dar uma entrevista exclusiva para nossa equipe. Enquanto estávamos aprontando as coisas, o marginal dirigiu-se a nossa repórter Virgínia Coelho com palavras grosseiras. A alteração em seu comportamento mostrou que estávamos diante de um psicopata real, alguém com problema com mulheres. Os guardas tiveram dificuldade para controlá-lo. Nossa repórter ficou abalada e teve que deixar o local. Conduzi sozinho, frente a frente com o animal, a entrevista a seguir”.

“Huuuummm... que será que o animal disse para Virgínia?”, pensou o médico.

Depois fechou o jornal e interfonou para a secretária pedindo para entrar o paciente.

Ana acordou com um pouco de ressaca por conta dos chopes da noite anterior. Tinha estado tão bêbada que nem transaram, ela e Mônica.

Bateu um banho rápido e rumou para a agência.

O comentário era somente sobre o crime brutal do dia anterior. A família da vítima era conhecida dos donos da agência. Ana tomou o jornal das mãos de um diagramador, ele faz layouts, não é diagramador, o Alexandre – um gordinho meio gago e tarado – e passou a ler as matérias, com certo orgulho da amiga. Também viu o “abre” de Assis, citando as indecências do “monstro”.

Deixou o jornal de lado, olhou para o relógio, “quase dez horas!”, tinha muito a fazer.

Virgínia não avisou a mãe que entraria somente às duas da tarde no dia seguinte. A mãe foi acordar-lhe então às sete da manhã como de costume, jornal na mão.

– Você vai perder hora!

– ...

- Já são sete e meia, vai ter que chamar um táxi!
- Áhn?... Não, mãe... Só vou entrar às duas hoje!

Cheguei eram 4 da manhã!

- Ah, desculpa! Volta a dormir então.

Ela virou de lado e tentou dormir. Mas estava com ansiedade para ver as matérias no jornal. Ficou 15 ou 20 minutos na cama. Estava com fome e vontade de mijar. Decidiu levantar, tomar café, e voltar a deitar.

Sentou na mesa de pijama.

A mãe estava lá a preparar as torradas, o jornal sobre a mesa. Com olheiras, abriu e desembacou a vista com as costas das mãos. Leu seu texto, perfeitamente “enxugado” por Assis, viu as fotos que tinha feito, com créditos verticais perfeitos e merecidos. Virou a página, chegou na sexta: a entrevista com o bandido.

Leu a mesma introdução do parceiro. Não sabia que ele ia citar a afronta de Santos. Nesse momento a mãe serviu o café e as torradas e olhou pra ela com cara de indignada.

- Que foi que ele te falou?

– ...

- O que o bandido falou pra você?

– Ah, mãe, só bobagens... Fiquei com o saco cheio e pedi que alguém me levasse embora.

A mãe saiu. Virgínia estava confusa. “Ele não precisava ter citado isso!”. A mãe voltou.

– Vou deitar mais um pouco. Se alguém ligar, diga que eu ligo depois, tá?

Tirou o pijama e deitou só de calcinhas. Eram quase

nove da manhã e estava um calor infernal de novembro. Não demorou 30 segundos para pegar no sono de novo.

Longe da cidade, dois garotos acordavam. Eles estavam em uma chácara abandonada, na área rural, meio que terra-de-ninguém, divisa entre três cidades. Não sabiam que Santos tinha sido pego.

O local cheirava a mofo, o abafo da manhã era fedido, tinha vidro quebrado no chão, barro. Dé acordou primeiro. Estavam em fuga, correram muito pelo meio de plantações e mato. Acharam aquela casa solerte, arrancaram as roupas e dormiram de cuecas.

Carlinhos ainda dormia. Estava estendido como esborrachado de um edifício. Dé tinha uma ereção de mijo. Andou devagar e com medo até a porta, abriu, mijou no chão. Teve uma sensação de que estavam seguros sim.

O pau estava meia bomba na cueca e ele olhou a bunda pra cima do amigo. Largou a cueca longe, balançou o pinto e ajoelhou do lado de Carlinhos. Eles já tinham feito aquilo; eram colegas há muito tempo.

Carlinhos era mais novo, tinha 16. E sempre era o primeiro nas brincadeiras de troca-troca e sempre parecia gostar mais quando era a vez dele dar. Quando estavam bem loucos de crack era comum que Carlinhos quisesse chupar o pau do amigo. Ele chupava, Dé

gozava e o primeiro engolia tudo. Dé achava que era fome. Estavam sempre com fome.

A situação era de excitação. Não era sempre que matavam alguém e fugiam da polícia. Agora Dé estava ali, com o pau em cima de Carlinhos, querendo um boquete ou mesmo meter no rabo do amigo.

– Ei, acorda aí!

– ...

– Acorda! Vamos vestir e dar no pinote!

O outro acordou, virou de lado, viu Dé de joelho, com o pau duro e crispante.

– Que isso, cara?

– Acordei com isso aqui... Vou bater uma punheta!

– ...

– Deixa eu meter aí em você!

– Sai pra lá, mané! Vamos cair fora! Deve ter um monte de gente aí... procurando a gente...

– Aí... não tem leitinho nesse café da manhã. Cai de boca aqui e me ajuda!

Dé era mais forte, mais alto, era comum ele dar as ordens nas paradas. O amigo viu o pinto do outro pronto pra cuspir. Sentiu uma pontada de fome no estômago.

Dé foi se ajoelhando lá pra ele, esfregou o pau na boca de Carlinhos. Ele abocanhou.

Durou um minuto e Dé gozou. O outro fez glup, de uma só vez. Pularam os dois, colocaram a roupa. Saíram até a varanda, olharam, correram desenfreados na direção escolhida no dia anterior.

– E o Santos, hein?

– Ah... Ele num queria ser pego pra aparecer no jornal? Deve estar no papel, o palhação!

E correram pra valer, sem saber onde iam parar.

Quem teve os dois jornais nas mãos pôde comparar as fotos de Santos. Na reportagem de Assis ele estava mesmo deformado. Nas imagens do noticiário na TV, no dia anterior, o bandido mostrava marcas, talhos e cicatrizes – mas não como naquelas páginas do “maior e mais importante jornal da cidade”.

Pois foi exatamente o que pensou um ex-vereador, agora presidente da Comissão Municipal pelos Direitos Humanos. Ele juntou os jornais e pediu para que a secretária tentasse uma reunião com o diretor do jornal, o Beto.

– Não podem foder com a vida do camarada desse jeito!

O cheiro de tempero entrava pelo quarto quando Virgínia despertou. Quase meio-dia. Era raro lembrar dos sonhos, mas umas imagens lhe vieram daquela manhã de sono turbulento. Assis batia em um negro, esse negro tinha feito algo ruim, tinha estuprado ela própria, Luiz aparecia e lhe xingava, chamava-a de

vagabunda... Uma mãe, a sua própria?, chorava num enterro.

Balançou forte a cabeça para afastar as imagens. E elas se foram, imagens voláteis de sonho.

Depois de cumprir seu ritual matinal, com uma cagada forçada que lhe incomodou um pouco, decidiu ligar para o namorado.

– Lu?

– Oi.

– Desculpa de ontem... Estive nessa matéria o dia inteiro! Cheguei em casa super tarde, acabei de acordar.

Luiz conhecia aquela voz dela, de recém-amanhecida. A voz falhava um pouco, bastante sensual.

– Pô, liguei pra caramba...

– Eu sei... Vamos conversar hoje? Não sei como vai rolar lá na redação... tem esses dois moleques que não foram pegos ainda... Eu acho.

– É, acabei de escutar no rádio que não foram não...

– Então. Eu entro às duas. Se tudo correr bem lá pelas 10 eu saio. Posso te ligar? Aí você me pega lá...

Enquanto falava com ela uma pequena ereção se precipitou. Não dava pra negar: ele morria de tesão por ela – e tinha um tempo que estava a seco.

– Vou estar em casa, você me liga.

– Tá bom...

– ...

– Lu... Eu adoro você!

– Tá... Tchau.

Ela desligou, fez bico de desapontada com a

situação toda. Em cima da mesa da cozinha, viu o jornal e folheou de novo. Seu nome em vários lugares... Bateu um certo orgulho.

Os dois Luízes foram almoçar juntos. Cada um contou sobre ligações de Virgínia.

Ela não estava, definitivamente, a fim de pegar ônibus para ir trabalhar. Decidiu gastar um dinheirinho a mais e ir de táxi.

Ligou e logo o carro chegou. Ela entrou atrás e pôde reparar, no banco do passageiro da frente, um exemplar do jornal. Falou que ia para o jornal e decidiu puxar assunto.

– Que crime, hein?

– Uns safados. Tinha que matar esse rapaz! Todos eles! Se tivesse pena de morte eu seria candidato a carrasco. Apertava o botão pra torrar esse preto sem nenhum peso na cabeça!

– ...

– Você trabalha no jornal, né?

– Trabalho.

– Foi você que fez essa matéria?

– Foi.

– Você é essa Virgínia?

- Sou sim.
- É um preto filho-da-puta... desculpa o palavreado.
- ...
- Você estava lá com ele e ele te falou indecência, né?
- É... falou sim.
- Filho-da-puta! Ops...
- Não, tudo bem...
- Aposto que você teve vontade de matar o preto, né?
- ...
- Como é estar na frente de um cara desses? Não dá vontade de pular no pescoço dele?
- Ah... foi a primeira vez que fiz uma matéria assim... e eu, na verdade, cuidei mais de outras partes da matéria. Foi o Assis que teve mais contato com ele.
- Aposto que o Assis socou o nego. Ah, deve ter batido bem! Ó só como está a cara do infeliz! Bem feito!
- “Esses taxistas sabem das coisas”, pensou.
- Ao chegar no jornal Virgínia abriu a bolsa para pegar o dinheiro e pagar o que mostrava o taxímetro... Ele disse que não precisava. Ela se sentiu importante.
- Quando entrou na redação viu uma cesta de flores sobre sua mesa. Alguns amigos vieram em sua direção, cumprimentá-la pela matéria. Lá no fundo, dentro da sala envidraçada do Beto, Assis conversava com o chefe e mais duas pessoas que ela não conhecia.
- As flores, foi ver no cartão, eram do próprio chefe. O bilhete dizia:
- “Virgínia:
- Não me enganei em tê-la indicado para essa matéria.

Foi uma das melhores coberturas que já tivemos.
Beto”

Ela corou um pouco e foi checar os e-mails, sempre com o olho na reunião que rolava na sala. O que seria? Notou um bilhete de Valéria falando sobre insistentes ligações do dr. Júlio. Passou a mão pelos cabelos, irritada. Enviou uma mensagem para Ana dizendo que ia falar com o ex-namorado – ela que torcesse para que tudo desse certo.

Aí pegou o telefone e ligou para os contatos, queria novidades sobre Dé e Carlinhos – mas ninguém tinha nada.

Santos havia passado a noite em uma cela de segurança na delegacia; temiam levá-lo para a cadeia. Algumas pessoas apareceram na delegacia a fim de maltratar o rapaz – mais particularmente um tio da garota morta. Anotou o nome do tio e pensou que talvez pudesse fazer uma entrevista com ele. Mas devia esperar as orientações de Assis. O repórter deixou a sala do chefe, avistou Virgínia e abriu um sorriso amplo. Fez sinal de positivo e foi ao seu encontro.

Dentro da sala, ainda com os dois homens, Beto parecia irritado.

– Quem são?

– São acionistas do jornal. Foi a maior tiragem que já houve, 28 mil exemplares...

– ...

– Eles querem que continuemos com a história, querem que achemos a família do Santos e dos dois

outros... Querem um levantamento dos principais crimes brutais dos últimos anos. Querem levar o show adiante.

– Nossa!

– Elogiaram você, acho que um aumento vem aí.

– ...

– Ligaram para Valéria e ela vai trabalhar conosco, será nossa secretária... e também vai fazer os contatos. Você está preparada para isso tudo?

– Sim, sim... Acho que sim.

– Eu fiquei reticente quando te jogaram no meu colo...

Assis puxou uma cadeira, chegou mais perto de Virgínia, baixou o tom da voz.

– Não é fácil ser repórter policial. A gente tem que abdicar da família, da vida social... não tem hora para as coisas acontecerem. É bem mais fácil cobrir política ou economia. Nós somos tão marginalizados quanto os assassinos...

– ...

– Chamam a gente de carniceiros. Somos como esses urubus que ficam esperando a presa morrer. Até os jornalistas fazem pouco da gente.

– Eu sei...

– Só que nossas reportagens são as mais lidas. O povo aí fora tem respeito pelo nosso trabalho. Meu telefone não parou de tocar o dia todo... O pessoal dando parabéns...

– Eu peguei um táxi...

– Mas o custo disso é alto. É provável que a gente

saia tarde de novo... A cobertura desse caso vai nos tomar uns bons dias!

— ...

— E aí? O que me diz?

— Olha Assis... minha vida pessoal está meio conturbada, mas não posso perder essa oportunidade profissional. Tem gente que está aqui há anos e nunca teve o nome numa matéria de capa – ainda mais numa tiragem como essa. Sinto até que estou sendo invejada e também sei desse... desse menosprezo pelo trabalho do repórter policial.

— ...

— Quero agarrar essa oportunidade com as duas mãos e acho que estou preparada para isso. Podemos varar a noite novamente... mas quero te pedir uma coisa...

— ...

— Lá pelas dez horas... Preciso dar uma saída. Preciso falar com uma pessoa... Eu volto logo e aí terminamos...

— Tudo bem, tudo bem... Não vamos entregar nossas almas pra esses caras, certo? E eles estão nas nossas mãos – podemos até exigir algumas regalias...

Assis piscou. Virgínia se sentiu ótima, feliz de estar ali com aquele cara tão humano.

Dé e Carlinhos não sabiam onde estavam. O mato era fechado – certamente não seriam descobertos

ali. Mas estavam com fome e sede e não dava pra correr mais.

O sol estava forte, eles arfavam.

Com as mãos nos joelhos, Carlinhos levantou a cabeça e viu... um pouco de fumaça subindo... próximo dali.

– Fumaça!

– ...

– Ali... Fumaça. Alguém deve morar nesse fim de mundo. E não deve saber do lance... Vamos lá.

– Sei não. O país inteiro deve tá sabendo da gente.

– A gente tem que arriscar! Como é que vamos ficar correndo desse jeito pra lugar nenhum e sem nada na barriga?

– ...

– Vamos lá. Quem sabe é só um velho que pode dar água e comida pra gente...

Foram. Tinha uma cerca de arame farpado e, lá no fundo, uma casa grande... parecia um galpão, com muitas janelas. Um olhou para o outro, sem saber direito o que fazer.

– Que será isso?

– Parece que não tá abandonado... Tem umas roupas ali no varal...

Eles foram andando entre pés de café, devagar, com cautela na vista. Um velho saiu do galpão, tinha uma bacia de alumínio nas mãos.

– É um velho! Não disse? Vamos chegar lá e pedir alguma coisa pra comer!

O velho ouviu algo e virou-se, vendo ao longe aqueles dois esfarrapados. Colocou a mão na testa para tapar o sol a pino, colocou a bacia no chão e acenou amigavelmente com os braços. Os garotos ficaram meio espantados, mas acenaram de volta. E continuaram andando – o velho também foi ao encontro deles.

– Que estão perdido aqui no fim do mundo?

– ...

– A gente acampou aqui perto e chegaram uns caras e roubaram a gente... Tamos com fome e sede... O senhor podia arrumar alguma coisa pra nós?

O velho abriu um sorriso desdentado e fez um gesto pra que eles o seguissem. Dé estava assustado e impressionado com a desculpa pronta do Carlinhos.

Chegaram no galpão e o velho abriu a porta. Dezenas de camas vazias, uma ao lado da outra. Lá no fundo, uma mesa grande.

– Que isso?

– A gente tá na época da colheita do café. Essa aqui é uma unidade de colheita e os trabalhador fica aqui por um mês mais ou menos...

– É um alojamento...

– É. Os pessoal tá trabalhando, só vem no final da tarde...

– ...

– Vô arrumá alguma coisa pra vocês... Senta lá!

Os dois passaram pelo corredor estreito das camas até chegar à mesa. O lugar cheirava a mofo e peido, apesar das janelas abertas.

– Espera aí que vou buscar um pouco de comida na dispensa...

O velho foi voltando no corredor e Dé virou para o amigo.

– Esse lugar bota medo!

– Fica frio. Qualquer coisa a gente pula uma janela e sai no pinote... É só um velho idiota, caiu na história direitinho. Qualquer coisa a gente apaga ele.

Lá fora o velho rodeou a casa até chegar num puxado de madeira. Tinha um rádio grande em cima de uma mesa de madeira pequena com uma gaveta no meio. Ele abriu a gaveta. Lá dentro, um comunicador rádio-amador. O velho apanhou e falou baixo, a boca encostada no aparelho.

– Zeca, cê tá aí? Câmbio.

– ...

– Zeca...

O chiado chegava, mas não a voz do tal Zeca. O velho ficou nervoso, tremia um pouco.

Desligou o comunicador e correu para a dispensa. Pegou umas latas de salsichas, um pote grande de cebolas em conserva e um pacote de pão velho.

Quando entrou no galpão flagrou os garotos olhando dentro de uma sacola que estava encostada ao lado de uma das camas.

– Será que isso aqui dá pra vocês?

– ...

– Tem um abridor de lata dentro da gaveta aí... na mesa.

Os meninos estavam desconfiados da amabilidade do senhor, mas a fome era maior.

– Come aí que vou buscar água...

E voltou para a mesa do puxado.

– Zeca, responde pelo amor de Deus! Câmbio...

– Fala, vô!

A voz chegava com dificuldade, mas Zeca ouvia bem do outro lado.

– Dois moleque grande e estranho chegou aqui. Eu tô com medo, vem pra cá correndo, pelamordedeus!

– To indo, vô...

Ele entrou carregando um garrafão grande de água enquanto os dois comiam como animais.

O velho não puxou assunto, com medo que os garotos dissessem outras mentiras e ele não conseguisse fingir acreditar. Sentou na cama e ficou vendo a dupla se empanturrar. Eles comiam rápido e não ia dar tempo de Zeca chegar antes que eles tivessem terminado.

Respirou fundo. Em todo o tempo em que viveu em sítios, já tinha visto muita coisa, lidado com muitos tipos. Conhecia gente ruim pelo cheiro, costumava dizer. Aqueles dois moleques eram gente ruim. Eles estavam fugindo de alguém. Talvez tivessem matado pessoas. Bem, ele próprio já tinha matado pessoas – mas sempre para defender a si próprio, a família ou a propriedade, e nisso nada tinha de mal. O último que matara fora um garoto que estava roubando imagens da igrejinha. Filho-da-puta! Foi um tiro de cartucheira no peito. Depois

enterrou o menino perto do rio. “Deve estar de braço dado com o capeta a essa altura!”.

Lembrar das pessoas que já havia matado deu ao velho um pouco de calma. Ele tinha uma arma debaixo da sua cama, lá na outra ponta do galpão. Podia ir até lá, pegar a arma e fazer os dois moleques de reféns até que Zeca chegasse e decifrasse o enigma.

Os dois comiam rápido pois, obviamente, queriam sair logo dali, ganhar o mato e continuar a fuga. O velho imaginava isso: talvez eles comessem e se fossem e tudo continuaria bem. Mas se os garotos tivessem feito alguma maldade – como acreditava – seria bom capturá-los. Talvez houvesse até mesmo alguma... recompensa!

Eles estavam para terminar quando o velho se levantou e foi se dirigindo para sua cama, devagar.

– Onde cê vai, véio?

Ele gelou.

– Vô pegá um pedaço de rapadura pra vocês...

– A gente não quer!

– Mas tá boa... cêis vão gostá!

O velho continuou andando, Carlinhos levantou de um pulo e ambos correram ao encontro dele. O velho conseguiu alcançar o revólver e Carlinhos ia pular sobre ele quando... a arma disparou. O tiro acertou o ombro direito de Carlinhos, parando-o no ar como um efeito especial num filme ruim.

Dé estalou os olhos e correu para uma das janelas. O velho era magro e ágil; também bom com a arma. Mirou e acertou a panturrilha de Dé. Deu pra ouvir o osso partir – ele gritou.

A poucos metros dali, Zeca ouviu os tiros e os gritos. Ele estava acompanhado por dois trabalhadores. Era um trio de homens fortes e suados, sem camisa, de uma morenidade de sol. Correram com todas as forças.

Ao entrarem no galpão viram os dois jovens gemendo, no chão, sangue escorrendo. O velho sentado em uma das camas, revólver pendurado no dedo.

– Que aconteceu, vô?

– Esses moleque aí. São gente ruim. Eu senti o cheiro. Cê tava demorando e eu fui pegar o cano pra controlá eles. Eles pularam em cima de mim...

Zeca chegou perto para olhar pros moleques. Não precisava ter o faro do avô para saber que eram sementes ruins. Dé tinha desmaiado de dor. Carlinhos contorcia-se.

– Quem são vocês, o que estão fazendo aqui? Vocês invadiram essa propriedade, podemos matar vocês!

– Leva... Leva a gente pro hospital!

– Quero saber quem são vocês e o que estão fazendo aqui. Assustaram meu vô!

Zeca ficou de pé e pisou no ombro de Carlinhos – que berrou de dor.

– A gente tá fugindo... A gente matou uma menina... Agora leva a gente pro hospital.

Eles sabiam da morte da menina, tinha dado no rádio.

– Vocês... Mataram aquela criança?

– ...

Zeca conversou com os amigos e os três amarraram

os garotos ao pé da mesa. Carlinhos acabou desmaiando também.

– Nem sinal dos outros dois!

– Se eles forem minimamente espertos estão enfiados em algum lugar na zona rural.

Assis sabia o que dizia.

Tocou o telefone de Virgínia.

– Oi, Virgínia... É o Júlio!

– ...

– Você lembra de mim, né?

– Olha... Doutor... O que aconteceu foi um engano, foi uma besteira... Eu queria que o senhor esquecesse aquilo...

Assis olhava pra ela.

– Uma besteira? Você gozou como uma louca! Eu fiquei impressionado... Queria...

– Olha... Eu estou trabalhando e o senhor está me atrapalhando...

– Não vem com essa! Eu quero que você venha me ver de novo!

Ela riu. Ele não gostou.

– Do que você está rindo? Se você não vier me ver eu vou contar pra cidade inteira sobre... sobre... esse seu furor!

Furor?

– Doutor... Podemos conversar depois? Estou

no meio de uma matéria e eu te ligo até o final da semana, ok?

Ela olhou para o Assis e fez um gesto de saco cheio.

– Tudo bem?

– Tudo bem, Virgínia. Você me implorou pra que eu te comesse. Agora eu é que estou implorando pra você me dar! Quero te comer o cu.

Ela ficou vermelha e desligou o telefone. A palavra “cu” saindo da boca do doutor lhe provocou um calafrio, misto de medo e tesão. Sentiu a boceta umedecer um pouco. Respirou fundo, confusa.

Pela janela pequena da redação viu que nuvens se juntavam no céu de primavera e uma tempestade se anunciava. Santos ia ser levado para um presídio em uma cidade vizinha e Assis ia acompanhar a transferência. Passou uma série de tarefas para a assistente. Virgínia distribuiu algumas das tarefas para Valéria e saiu para se encontrar com a mãe de Carlinhos. Eles queriam um destaque de capa com fotos grandes e recentes dos dois fugitivos.

Eram quase cinco da tarde e os homens foram entrando no galpão. O cheiro forte de suor misturava-se ao de mofo e o calor podia embaçar lentes de óculos – se alguém naquele lugar usasse óculos. Os homens iam chegando e se perguntando o que faziam aqueles dois rapazes amarrados na mesa, feridos. O velho estava

em uma cadeira, arma na mão, ao lado deles. Ninguém podia chegar perto dos moleques até Zeca chegar. Ele tinha ido à cidade.

Alguns não se importaram muito, estavam cansados demais e aquilo não era da conta deles. Foram tomar banho, apanharam baralhos e dominós e foram para o puxado. O céu estava bem fechado e ia cair uma chuva daquelas. Isso era bom, ia refrescar.

Por volta das cinco e meia a água caiu, exatamente quando Zeca chegava. Ainda bem, senão ele não ia conseguir passar pela estradinha pequena de terra com aquela lata velha. O velho fez o nome do pai quando viu o neto entrar no galpão. Ele trazia um jornal na mão.

– Vô! Reúne o pessoal que quero falar com esse povo.

O velho saiu. Carlinhos acordava lentamente mas fingiu ainda estar desmaiado.

– O Carlinhos não tem culpa de nada, tenho certeza!

Virgínia tentava se acomodar no sofá velho para ouvir e anotar o que a mãe do marginal dizia. A casa caía aos pedaços, na pior periferia da cidade. E era alugada, ficou sabendo.

A irmã mais nova do rapaz estava em pé, encostada no batente da porta, ouvindo com atenção. Não tinha mais que 12 anos mas dava impressão de ser mulher velha, rodada.

– Queria que a senhora contasse como é ele em casa, se estudava, do que gostava...

– O Carlinhos...

A velha, que nem era tão velha, falava e chupava o nariz – sem necessariamente chorar. Estava angustiada com o sumiço do filho mas sabia que o que ele tinha feito era algo indesculpável.

– O Carlinhos sempre deu trabalho... Mas sempre foi muito educado, gostava das pessoas. Sempre me ajudou a cuidar da irmã, ainda mais quando o pai foi embora...

– ...

– A gente morava em outro bairro antes. Tinha um bando lá e parecia que os marginais não gostavam do Carlinhos. Ele era bem novo e, um dia, a gente achou ele amarrado num terreno baldio... Tinham judiado dele...

– Bateram nele?

– É, bateram nele.

Virgínia percebeu que tinha algo mais e tirou o gravador da bolsa. Se a mulher dissesse algo bombástico era bom que estivesse gravando.

– Bateram apenas...

A repórter ia dizer mais, mas olhou para a criança no batente e mudou...

– Bateram apenas ou machucaram?

– Eles bateram e abusaram dele!

– ...

– Foi por isso que nós mudamos pra cá. Abusaram dele e largaram ele amarrado num terreno baldio. O pai foi soltar ele... e ficou bravo...

– O seu marido? Pai dele?

– É. O João ficou muito bravo. Tirou ele do terreno, trouxe ele pra casa e bateu nele!

– Bateu nele?

– É, bateu nele. O João não se conformava que o filho fosse tão fracote. Falou que se fosse com ele... nunca ia deixar aquela turma pegar ele... O Carlinhos tinha que ter fugido... Ou batido neles todos...

Ela chupou o nariz de novo. A menina sequer piscava os olhos diante do relato da mãe. Ela conhecia a história. Talvez estivesse meio chocada de ver a mãe contando aquele “segredo” da família para uma jornalista.

– ...

– O João era homem bom. Mas aquilo foi muito forte pra ele. Ele não se recuperou. Não conseguia mais falar com o Carlinhos. Meu filho parou de ir à aula, só ficava em casa. Algumas vezes o João chegava meio bêbado e chamava ele de mulherzinha...

– Mas...

– Aí a gente se mudou pra cá. Aqui ninguém sabia da história. E ele conheceu esse Dé, ficaram amigos. Depois apareceu esse outro... Esse preto filho-da-puta!

– Mas... Vocês não deram parte na polícia? Não registraram boletim de ocorrência?

A menina fez “humpf” e desencostou do batente, vazando para a cozinha. A velha olhou nos olhos de Virgínia.

– Aqui não tem polícia, dona. A gente protege a gente mesmo. Por isso o João ficou tão puto. Um dia ele chegou

e falou que estava com as idéias meio atrapalhadas. Que ia embora. Mas antes tinha que fazer uma coisa...

— ...

— Ele pegou um revólver emprestado e voltou lá no bairro. E apagou dois moleques que judiaram do Carlinhos. Aí sumiu, ninguém mais viu.

Virgínia estava estupefata. A matéria ia se construindo em sua cabeça.

— A senhora tem fotos do seu filho, algumas que pudesse me emprestar?

— Você vai falar a verdade? Vai falar no jornal que o Carlinhos não é um assassino? Vai falar que o meu filho é... é... uma vítima?

— ...

— Eu te falei duma desonra, moça. Uma desonra que já tava paga. Mas agora ela vai viver de novo se a senhora falar de tudo isso que aconteceu com o meu Carlinhos. Ele ficou ruim depois que fizeram ruindade com ele. Se você falar a verdade, eu te dou as fotos.

As duas se olharam nos olhos.

Aquela mãe não estava apenas protegendo o próprio filho, estava revelando um segredo real. E sabia que isso talvez valesse a vida do menino.

— Eu vou dizer tudo isso que a senhora disse.

— Gente...

Não dava pra escutar direito o que o Zeca dizia...

A chuva batia forte nas telhas do galpão, não havia forro.

– Esses dois moleques aqui são aqueles dois que pegaram aquela menina de 14 anos lá na cidade e estruparam e mataram ela, furaram a barriga dela com um pedaço de Coca-Cola...

A audiência estava quieta. As janelas fechadas, por conta da chuva, transformavam o clima dentro do galpão em algo próximo de um matador de porcos.

– Deus... Deus guiou esses meninos até aqui. Deus colocou eles aqui e deu força pro meu vô...

E apontou o velho, revólver na cintura.

– Pra que esse home velho aqui... deitasse eles.

– São semente ruim, cherei isso rapidinho!

– Aqui está o jornal! Aqui tá contando a história, mas a história é essa que eu falei... Aqui tá as foto desses aqui. São eles mesmo!

Um pequeno alvoroço de picuinhas começou.

– Calma, gente! Calma!

– ...

– Eu quero saber o seguinte: o que nós vamo fazer com eles? Quem tem alguma sugestão?

Lá atrás um negro grande, alguns carapinhos brancos, ergueu o braço. Os outros foram deixando ele passar.

– Óia, Zeca... Quando ouvi falá dessa barbaridade eu rezei pra Deus colocá esses dois no meu caminho. A gente tá aqui trabaiano, nossos filho tão lá em casa. Eu tenho uma de 13 ano, todo mundo aqui sabe. E tem

esses cabra lazarento rondando assim, em vorta da nossa família. Tem que matá, Zeca! Não tem outro jeito!

A pequena multidão se manifestou – a maioria concordava, pelos resmungos de ódio.

A barriga de Carlinhos se revirou. Eles tinham vindo parar no meio de um bando de sanguinários! Não dava pra correr, não dava pra fugir.

– Eu sei que tem gente aqui que não concorda com o que o Zé Preto falou. Esses que não concordam podem sair, vão cuidar das suas coisas, não precisam ficar aqui. Mas não preciso falá que isso tem que morrer aqui, cada um tem que guardá esse segredo. Aqui não é lugar de cagüete!

Um pequeno grupo foi saindo. Um deles chegou para o Zeca.

– Esses vagabundo não merece mesmo vivê não. Mata eles. Mas tem gente demais aqui pra fazê o serviço, então vô tomá banho. Eu falo co esse pessoar que saiu... ninguém vai abrir boca. Mas deix’eu falá uma coisa: faz as criança sofrê um pouco antes de desencarná!

Alguns se entreolharam. Zé Preto deu um passo pra frente e foi desabotoando a braguilha.

– Eu vô cumê eles.

Ela voltava para a redação debaixo duma chuva dos diabos quando tocou o celular. Ela olhou e reconheceu o número: Luiz.

– Oi, Lu.

– Oi.

– ...

– Será que não dá pra você sair mais cedo? Tava pensando em sair pra comer alguma coisa, assim não tenho que fazer comida...

– Putz, Lu. Você nem sabe como a coisa tá por aqui! O pessoal me deu aumento, colocaram a Valéria de secretária minha, vou até tarde, muito tarde hoje...

– Então a gente não vai conversar?

– Vamos sim... Não dá pra você dar um pulo lá no jornal, lá pelas dez? Aí a gente vai comer um lanche rápido.

A chuva atrapalhava na transmissão do celular e ambos ouviam as vozes picotadas.

– Não tá dando pra entender direito... Se parar de chover eu passo lá no jornal... Lá pelas dez.

Eram seis da tarde em ponto quando Virgínia parou no estacionamento do jornal.

Cerca de 15 homens ficaram para a fustigação da dupla. Acordaram Dé. Sentaram os dois lado a lado.

– Seus dois safado... A gente tem pôca diversão por aqui!

Eles estavam assustados. Carlinhos cagou nas calças.

– Por isso, nosso amigo Zé Preto, que tem um pau de cavalo... – a audiência riu – ...vai comer vocês dois!

Eles tremiam. Dé imaginou que estava sentindo o mesmo terror que Sandra quando foi encurralada.

Zeca percebeu que um dos rapazes tinha sujado as calças.

– Amarra bem esse aqui e joga ele lá na chuva, pra limpar um pouco. Enquanto isso a gente cuida desse...

Cinco deles agarraram Carlinhos, que nem sentia mais a dor pelo tiro no ombro. Jogaram na lama, arrancaram a roupa aos rasgos. Também deram pontapés e socos enquanto ele rolava de um lado para outro.

Dentro do galpão, tiraram as calças de Dé e colocaram o rapaz de joelho no chão de cimento. Zé Preto apertava o pau como se bombeasse o sangue – e cada vez a coisa ficava maior e mais dura.

Dé chorava como um bebê, gritando que não tinha matado ninguém.

O negro chegou perto daquela bunda e cuspiu umas três vezes. Avaliou que o pau estava duro o suficiente. Dois dos amigos seguravam os braços de Dé quando ele penetrou. E penetrou de uma só vez, inteiro.

Na lama, apesar da chuva e dos chutes, Carlinhos ouviu os berros do amigo. Como quem se entrega a seu destino, deixou de se debater e pediu em silêncio para que tudo acabasse logo. Foi quando olhou para a porta do galpão e viu o negro sem calças, de pau em riste.

Ele veio caminhando devagar e os amigos colocaram Carlinhos em posição. Tinha um pouco de merda agarrada no rapaz, mas Zé Preto nem ligou: meteu fundo ali também.

Depois Zeca e o vô trouxeram Dé. Colocaram os dois lado a lado e atiraram nas cabeças. Zeca matou Carlinhos, o vô acabou com o outro. Enterraram os dois numa cova rasa ao lado do puxado e foram para o galpão. Já eram sete da noite e eles ainda não tinham jantado. Amanhã seria um dia difícil, de colheita em pé de barro.

Foi como se nada tivesse acontecido. E os corpos dos dois marginais nunca seriam encontrados.

Eles fizeram uma reunião de mais de uma hora, discutindo os rumos das reportagens. Beto exigia demonizar os adolescentes, escolher as fotos em que ambos estivessem com as faces mais terríveis. Virgínia, com política, defendia que o assassino era Santos e os moleques estavam drogados, haviam ido “na onda” do animal. Assis queria focar tudo na matéria da chegada de Santos ao presídio – o negro não agüentaria um dia lá.

Eles podiam escrever o que quisessem. Deviam entregar os textos até as nove e o próprio Beto ia editar. Assis chiou um pouco mas havia muito em jogo; não é sempre que se dobra a impressão – e os acionistas estavam de olho. A repórter gostou da decisão, teria tempo de fugir por volta das dez com Luiz.

Ela contou a história apresentada pela mãe e fez uma chamada: “Carlinhos: monstro ou vítima?”. A manchete

sugerida pelo Assis também era uma pergunta: “Justiça será feita?”. Eles precisavam de manchetes pequenas para que as letras estivessem bem grandes na capa.

Uma equipe cuidava da matéria sobre os estragos da tempestade daquela tarde. Durou apenas duas horas, mas foi o suficiente para gerar um certo caos no centro da cidade. Eles olhavam com certa inveja para a dupla encarregada da matéria principal; sabiam que todo trabalho que tiveram no meio da chuva seria encaixado no espaço disponível não ocupado por Virgínia e Assis.

Luiz tomou um banho demorado, botou roupa boa, passou um pouco do perfume que tinha ganhado da namorada. Ainda assim estava em dúvida se deveria se reconciliar com ela...

As coisas mudaram um pouco naqueles dois ou três dias. Ela era bem conhecida na cidade, tinha recebido um aumento. E era mais inteligente, ambiciosa, sem dúvida. Ele nunca esperou grandes coisas da vida, nunca pensou em nada mais que trabalhar e viver bem, e comprar um carro mais adiante, ter um filho, botar TV a cabo e... coisas pequenas. Queria comprar um bom aparelho de som, gostava de rock. “Hard Rock”, gostava de dizer. “Música de homem, não essas frescuras”.

Ele nem ligava muito para as coisas da cidade, da política, dos jornais... Quem lhe deu um pouco de instrução nesse sentido foi Virgínia. Nesse um ano de

namoro ele evoluiu bastante por causa dela. Ela tinha pisado na bola com aquela coisa do médico! Cada vez que lembrava queria quebrar-lhe a cara! Dava um... um ódio!

Respirou fundo. Olhou no espelho, ajeitou o cabelo molhado. Não adiantava: ia colocar o capacete e ele ia se desmanchar todo.

Foi para o encontro com Virgínia.

– Virgínia! O Luiz taí, quer falar com você!

Ela olhou para Assis. Ele piscou um olho e fez sinal pra ela ir. Dentro da sala de vidro Beto dava instrução para um dos diagramadores.

Ela pegou a bolsa e saiu.

Lá fora, ele estava sentado na moto, meio que fazendo pose. Ela chegou, falou oi, tentou um beijo nos lábios mas ele ofereceu o rosto.

– Onde vamos?

– Bom... Você não tem muito tempo, né?

– Não... Infelizmente!

– Então vamos comer um lanche ali...

– Vamos a pé...

Ele manobrou a moto no estacionamento do jornal, colocou cadeado. Ela pediu para o porteiro dar uma olhada.

– ...

– Ah, Lu... Preciso tanto de você! Tá uma loucura,

queria te falar sobre tudo o que está acontecendo, tou com saudade de você, a gente podia parar com isso, né?

– O que o cara te falou?

– Quê?

– O que o tal Santos te falou? Ele falou alguma coisa pra você que te abalou e você teve que ir embora... Eu li a matéria...

– Ah, nada, falou besteira, me chamou de gostosa, é um animal, um escroto, vai morrer na cadeia hoje, os presos estão loucos pra acabar com ele...

Ela parou um segundo, pensando no que tinha acabado de dizer. Ela não podia estar contente com isso, não desejava que matassem Santos. Não tinha nenhuma simpatia pelo negro, muito pelo contrário. Às vezes pensava nele e lhe revirava o estômago. Era só lembrar dos olhos fixos nos dela e na frase... a frase... Ah, era o suficiente para vir-lhe um calafrio.

Mas não ia falar a verdade para o namorado. Não podia falar sobre aquilo. Já havia problemas demais entre os dois. Queria esquecer tudo. Queria beijar Luiz, queria sair com ele no final de semana que já estava aí... Queria ir lá pro apê dele, latinhas de cerveja, um sexo gostoso e seguro...

– Vamos voltar?!

– ...

– Vamos voltar. Ao que era antes. A gente almoça junto às vezes, você me pega aqui de quinta. Lembra que todas as quintas a gente saía? No final de semana

vamos dançar... Estou até com saudade do cheiro da fumaça da moto no meu cabelo...

Ele riu. Às vezes ela reclamava do cheiro da fumaça nos cabelos. Ele dizia que não sentia. Mentira.

– Vi... Também estou com saudade de você. Pra mim é difícil aceitar o que aconteceu. Homens deixam de mulheres por muito menos que aquilo...

Pela cabeça da garota passou a cena dela com Ana. Ambas no tapete, uma chupando a outra, aquele vibrador barulhento e... gostoso. Sentiu um espasmo de tesão. Foi rápido.

Num átimo, pulou na frente dele e beijou-o. Enfiou-lhe a língua, calando-o. Foi um beijo demorado, no meio da rua. Ele pensou que, sim, também queria aquilo. Quanto tempo fazia que não trepava?

– Faz assim: amanhã é sábado. Vou trabalhar, a gente não sabe o que pode acontecer nesse caso. Aí a gente sai, você compra umas cervejas, vamos lá pra sua casa. E a gente conversa melhor...

Ele fez que sim com a cabeça, fazendo-se de contrariado.

Chegaram na lanchonete e fizeram o pedido. Virgínia só queria contar sobre o caso. Falou do encontro com a mãe do Carlinhos. E que a mãe do tal Dé não quis falar com a reportagem. “Tem que morrer mesmo!”, foi a única declaração dela. Mas eles não iam usar na matéria; não estava gravado e podia dar algum tipo de problema.

– Você acredita que tem um pessoal da comissão pelos direitos humanos querendo saber se o Santos apanhou na cadeia?!

– É o fim da picada! A polícia devia ter aproveitado a oportunidade e queimado o cara de vez... Agora vai pra cadeia e a gente é que banca ele lá!

Os lanches chegaram, eles dividiram uma garrafa de Coca-Cola e ela voltou para o trabalho. Na despedida, beijaram-se de novo. O porteiro do jornal fingiu não ver.

A boate estava lotada. Era só se aproximar o final de semana para os ânimos se exaltarem. Uma das garotas fazia strip-tease, era uma garota bonita e de belo corpo, mas os seios caídos revelavam um ou mais filhos.

Numa mesa, estava lá o dr. Júlio. Deu uma desculpa para a mulher e arrastou um amigo para o inferninho.

– Eu preciso comer um cu, Patrício.

– Porra, essa vagabunda dessa repórter mexeu mesmo com a tua cabeça, hein amigo?

– Você tinha que ver! Aquela bunda pra cima, aquele cu pro alto... Ai meu Deus. Eu quero uma garota aqui que dê a bunda – não quero saber de buceta hoje!

– Você sabe que essa parada é mais cara, né?

– Ah, Patrício, tenha dó! Uma trepada aqui é mais barato que uma consulta lá, porra! Minha consulta é cem paus, aqui uma trepada sai por oitenta. E tem umas gostosas aqui, hein?

Isso tinha. Tinha umas garotas maravilhosas. E os dois ficaram bebendo a consumação enquanto

escolhiam quais seriam as presas. Uma menina magra, codinome Amanda, chegou perto.

– Olha, Amanda... Vou te dizer... Hoje eu quero comer um cu.

– Mas eu adoro dar o cu! Vamos pro quarto já!

– Quanto é?

– Duzentos.

– Duzentos?

– É! Serviço completo. Uma hora no quarto, que custa mais 30. Pára de reclamar e vamos que eu já estou com tesão.

Júlio olhou para o amigo. “Duas consultas”. Ele atendia pelo menos 15 pessoas num dia! Não era muita grana! E a obstinação valia o dinheiro.

O sábado amanheceu quente. Virgínia despertou feliz, de uma noite tranqüila e repousante. Virou um pouco na cama, esfregou as coxas e sentiu um pouco de tesão. Queria muito transar... Pensou em se masturbar, mas queria guardar tudo para a noite. Luiz que a aguardasse!

Fez o habitual da manhã, não conseguindo cagar – o que era normal – e foi para o jornal de ônibus. Como não havia sinal dos dois fugitivos, como a mãe de Dé ainda se recusava a falar, como Santos ainda não havia sido morto na cadeia, Assis decidiu fazer um retrospecto do caso, colocando de novo na capa a foto do assassino.

Os acionistas estavam de novo da sala de vidro e Virgínia ficou encarregada de fazer um texto com tudo aquilo que tinha deixado de fora nos dias anteriores. “Todos os detalhes ínfimos”, pediu o colega repórter.

À uma da tarde, serviço cumprido, Assis levou-a pra casa. Ela almoçou com a mãe, e dormiu no sofá, TV ligada, alguma expectativa de mudanças no caso.

Às vezes, aos sábados, Luiz ia até a padaria lá pelas onze da manhã, tomava um café com misto-quente, jogava truco e bebia cerveja até as quatro ou cinco da tarde com alguns amigos. Foi o que fez naquele dia. Ganhou 20 reais no jogo, voltou para casa embriagado e feliz. Dormiu no sofá.

Acordou eram quase oito. Colocou um disco velho dos Rolling Stones, fez a barba arranhando um pouco as espinhas do queixo. Tomou banho e escolheu uma roupa leve para a noite quente. Deu uma ajeitada no apê – o fim seria mesmo ali, imaginou.

Saiu rangendo a moto velha em direção à casa da garota.

Eles conseguiram uma mesa boa na choperia. Não ficava muito perto das caixas de som, dava pra conversar sem alterar muito a voz.

Logo que sentaram, Luiz pôde ver, numa mesa ali próxima, uma garota conhecida. Era Luciana, filha do Luiz lá do escritório. Ela estava com outra garota e dois caras. Ambas levantaram para ir ao banheiro e os garotos fizeram gestos obscenos, achavam que iam comer as garotas depois dali. Luiz ficou um pouco perturbado com aquela cena.

O garçom veio e pediram. Segundos de silêncio, olharam-se nos olhos.

– Vou voltar com você... Mas é mais pela sinceridade que você me mostrou de me contar aquela... aquela barbaridade.

Um pouco d'água brotou nos olhos de Virgínia.

– Quero que você saiba que eu odeio mentiras e quero que você me conte tudo, sempre!

Por um instante veio à mente da garota, novamente, a transa com Ana.

Mas não – isso ele definitivamente não precisava e não deveria saber! Veio também a voz do dr. Júlio, ligando pra ela e querendo... querendo mais!

– ...

– Lu... Vou te falar uma coisa... Quero que você tenha maturidade para entender...

– ...

– Esse doutor Júlio... Ele me ligou!

A face do rapaz se modificou. Agora estava com ganas de acabar com esse molestador de pacientes.

– Ele é casado. Não tenho nada com ele e nem quero – deus me livre! – foi uma burrice que vou me arrepender até o final da minha vida...

– Que filho-da-puta!

– Mas ele me ligou dizendo que quer me ver de novo. Ele que vá tomar no cu!

Ambos tomaram goles longos do chope.

– Estou te contando isso porque vou ligar para ele na segunda feira e dizer que ele nunca mais me ligue... Ou...

– Ou o seu namorado vai lá e arrebenta com ele, com o escritório dele e com a esposa dele e com toda a família do filho-da-puta!!!

Luiz se alterou um pouco, bateu com o copo na mesa, espirrou um pouco de chope, o casal do lado ouviu e olhou, ele olhou de volta, pegou um guardanapo, limpou a mesa, ergueu o braço, chamou o garçom e fez um rabisco no ar para pedir a conta.

– Se eu não conseguir afastar ele, te falo.

Ele assentiu com a cabeça. Tinham tomado quatro ou cinco chopes cada um. Sabiam, ambos, que o fim seria o apê de Luiz, uma trepada reconciliatória.

Ao subir na moto Virgínia ajeitou a calça jeans e sentiu os grandes lábios se separarem na costura do cavalo. Um arrepio de tesão. Luiz deu a partida e a moto saiu gritando pela avenida. Depois de desocupar a mão ao passar a quarta marcha, levou a esquerda para o púbis jeans de Virgínia e passou a acariciar o tecido. Ele pouco sentia, mas ela estava próxima do êxtase.

A trepada tinha sido ótima, mas convencional, sem

o sexo anal. Nenhum dos dois quis ou pediu. Eles ficaram abraçados e mudos por um tempo, o silêncio a invadir a noite de sábado.

– Coloca uma música aí pra gente!

Luiz saiu da cama devagar, acendeu um cigarro e foi procurar um CD para o momento na pequena pilha de discos. Encontrou uma coletânea de um conjunto antigo que podia ser legal.

– Lu... Eu não quero mais brigar ou me separar de você. Também não quero nunca mais sair com ninguém... Você me satisfaz, caramba!

Eles se olhavam nos olhos, na penumbra.

– ...

– Desculpa essa derrapada. Não vou mais operar – e nem preciso! E também não me interesso por ninguém... A Ana, aquela amiga lésbica, perguntou se eu amava você...

– ...

– Eu disse que não sabia o porquê... Mas amava!

O rapaz chegou mais perto e sentiu verdade nas palavras. Beijou os lábios da moça, beijou os seios, foi descendo, beijou a barriga, o umbigo, os pentelhos, o clitóris, os lábios, a entrada doce e quente da vagina. Estava molhado ali, o gosto recendia um pouco a lubrificante de preservativo.

Ela gozou ali, naquela língua carícia, naquela demonstração de aceitação simples e direta de uma traição inconsequente e absurda talvez até como prova maior de um amor que podia ser para sempre.

Nenhum dos dois encarara aquele começo de namoro como algo promissor ou duradouro. Agora, porém, depois de tudo, ou ficariam juntos ou deveriam declarar para si e para todos que o amor não existia. O amor não existia!

Virgínia achou melhor não dormir lá e Luiz foi levá-la eram mais de duas e meia da manhã. Estava calor e muita gente ainda andava pelas ruas, bebendo em postos de gasolina.

Na despedida beijaram-se longamente e ele voltou pra casa devagar, com uma sensação meio estranha. Pareceu-lhe que tinha conquistado algo e, ao mesmo tempo, perdido.

O telefone tocou insistentemente. Do quarto, Virgínia ouviu a mãe atender – mas não dava pra entender o que ela dizia. Um calor dos infernos, já cedo. Olhou no rádio-relógio e ainda não eram oito da manhã. De domingo! Droga!

Pôde ouvir os passos da mãe se aproximando do quarto. Ela abriu a porta devagar.

– Vi...

– Ahn...

– Vi... era o Assis. Ele falou que mataram o Santos lá na cadeia. Está passando aqui pra te pegar.

– Cacete!

Num salto deixou a cama e foi pro banheiro. Em dez

minutos estava de banho tomado, com uma xícara na mão e olheiras profundas.

“Esse filho-da-puta tinha que morrer bem num domingo de manhã?”, pensou.

Lá fora, uma buzina. Ela saiu correndo. A mãe gritou da cozinha pra que ela tivesse cuidado. “O cara tá morto! Cuidado com quê?”.

Assis comia uma barra de cereais e estava com o aspecto pior que o dela.

– Tinha que ser no domingo, né?

– Que merda, hein?

– Vamos lá mais para fazer umas fotos. A gente não deve nem tentar querer saber quem matou... isso é coisa pra polícia. E nunca vão descobrir, de qualquer jeito... Isso é... Se é que não foi a própria polícia!

– Será?

Ela teve um arrepio. Pensou nos olhos do negro, na coronhada na cabeça, na foto na capa, a cara toda detonada de Santos.

Luiz acordou lá pelas dez, botou uma bermuda e tênis, sem camisa foi, a pé, até a padaria para um café. Lá, os amigos já bebiam algumas cervejas e comentavam sobre a morte do assassino.

– Então mataram o cara, é?

Imaginou que a namorada já estivesse sabendo.

Provavelmente estava trabalhando. Coitada; estava dando duro nesse caso.

Tomou o café, comeu um queijo quente e ficou um pouco por ali, jogando conversa fora. Devia ser o dia mais quente do ano. Para refrescar, minutos depois, pediu um copo e juntou-se aos amigos na cerveja.

– Avisa o Barretão que o Assis tá aqui!

Barretos era o diretor da cadeia. Poucos minutos depois, o próprio abriu a porta. Alto, calvo, de paletó amassado. Nem falou bom dia, foi apontando para a repórter.

– Quem é essa! É tua mulher, Assis?

– É repórter, tá comigo no caso...

– Mulher, Assis? Mulher? O que tá acontecendo nesse mundo aqui?

Ele estava nervoso. Virgínia, sem ação.

– É a Virgínia, que aparece com o seu nome no jornal? Porra, achei que fosse algum traveco namorado teu que tava usando... como é que chama...? Alcinha... Pseudônimo! Achei que você tava de namorado novo, algum desses travecos aí que você cata... ainda mais com esse nome, Virgínia!

O homem estava nervoso de verdade. Espumava.

– Olha dona... Nada contra, tá? Mas fica aí! Chico... traz um café pra moça. Isso aqui não é lugar pra mulher, Assis. Cê devia saber! Entra aqui... mas só você, caralho!

Assis olhou com desculpa pra ela – que estava vermelha de raiva e alguma vergonha. Talvez até por ser mulher.

“Ótimo”, pensou. “O Assis me faz acordar cedo e agora não posso nem saber o que aconteceu!”. Claro que o colega ia contar tudo, mas tinha que esperar. Nada a fazer.

– Ô, Barretos... Foi grosso lá com a moça. Ela é gente boa!

– Gente boa, Assis? Tem uma morte aqui na minha cadeia, uma morte anunciada, todo mundo sabia que o garoto ia se fuder. E ele se fode. E tá todo mundo no meu pescoço. Vou te falar umas verdades, a maioria você não pode nem sonhar em escrever... E quer colocar uma mulher aqui dentro!? Porra, mulher tem dois ouvidos e no mínimo três bocas: essa aqui de cima, a buceta e o cu!

– ...

– Pede desculpa pra ela depois. Mas não posso fingir que tô calmo, né, amigão?

Ele estava mais calmo. Sentou e fez um gesto pro repórter sentar.

– O que cê quer saber primeiro? Vamos lá!

– Bom, como é que o cara morreu...

– Essa cadeia tem capacidade pra 110 presos, estamos com quase 300. A “solitária” tem outro nome aqui: “coletiva”. O castigo, ao invés de colocar um cara sozinho é colocar logo uns 10 numa cela dois por dois e deixar eles lá respirando o mesmo ar, se mijando e se

cagando. Não dava pra colocar o bonitão do Santos em separado, ficar dando comidinha na boca dele...

— ...

— Mas tentei separar... Peguei os presos mais gente fina, os mais suaves. Botei até uns mulherzinhas lá, caso o Santos quisesse comer alguém. Conversei com os da jaula... Ninguém maltrata ele, falei. Dei uma geral na cela, tirei tudo o que pudesse ferir o coitadinho! Um guarda passava a cada meia hora na frente. Tudo ótimo.

— ...

— Lá pelas duas da manhã, trocou a guarda... Na próxima troca, das oito da manhã, sacaram que o cara tava morto. Os dois guardas que vigiavam antes disseram que não ouviram nada...

— Como é que ele estava?

— Quem?

— O Santos!

— Porra! Tou contando a história... O guarda das oito viu que o rapaz tava dormindo e todo mundo já tinha acordado... Tava enrolado no lençol. Entrou e viu que tinha sangue na roupa dele. Botou a mão e tava gelado...

— ...

— O que a gente sabe é que eles amarraram um lençol na parte de cima de um dos beliches e enforcaram o boçal. Ele está com o pescoço quebrado. Para terem conseguido quebrar o pescoço do sujeito devem ter amarrado ele pelo pescoço na grade da cama e puxado pela perna. Talvez alguém tenha pulado sobre ele, sobre a barriga, pra fazer o pescoço... destroncar.

– Que cena!

– Isso ia fazer um barulho dos infernos. Então um dos guardas viu e está se fazendo de cego... Pode ter sido ameaçado por um dos presos. Talvez alguém das celas do lado...

– Ameaça branca...

– É. Eles falam: “fica quieto ou alguém lá fora mata sua família, sua mãe, sua filha”. Tem gente perigosa aqui, pelo amor de Deus!

Um guarda chegou com água e café. Deixou em cima da mesa e saiu.

– Mas... E o sangue?

– Eles arrancaram o pau do animal.

– Como?

– Provavelmente... numa dentada!

– ...

– É, alguém foi lá com a boca e mordeu, arrancou fora. Deve ter ido fossa abaixo, não achamos o pau do sujeito!

– Jesus!

– Que se foda! Que se foda, Assis! Quem vai chorar essa merda de morte? Quem vai se preocupar com esse filho-da-puta? Nem família tem, foi criado em orfanato!

– ...

– Aí vai o seu jornal e pergunta se são monstros ou vítimas da sociedade? Isso tem cara daquela buceta lá de fora! Os outros dois, se pegarem, é o mesmo destino. Você pode roubar, você pode matar alguém num assalto... Você pode planejar um seqüestro e se dar mal.

Você pode até mesmo comer o cu de uma menor viciada em crack que depois vai te foder num B.O. Mas você não pode estuprar, foder, animalizar e matar uma menina boa, uma estudante – meu Deus!

Assis fechou os olhos. Sabia que a pior parte vinha agora: o delegado, diretor do presídio, ia dizer o que “gostaria” de ver publicado. Tudo o quê havia sido explicado até agora não passava de curiosidade e tinha sido contado por conta da amizade entre eles.

– O que vai ser?

– ...

– O que vamos dizer?

– Bom... Nosso legista omitiu o pau arrancado – ninguém vai abrir a calça do desgraçado para ver se o pau tá lá. Numa troca de guarda, quando a cela ficou 15 minutos sem vigilância...

– ...

– ...os presos acompanharam, estarecidos... o suicídio do Santos!

Assis ficou atônito. Não dava pra falar em suicídio. Era pedir demais. Ninguém ia engolir. E não havia sequer possibilidade física, dentro da cela, para alguém cometer tal ato.

– Barretos, pelo amor de Deus, ninguém vai engolir!

– Tudo bem... Talvez, talvez..., não se esqueça do “talvez”, não tenha sido suicídio. A polícia está investigando.

– ...

Ele esfregou os olhos, estava cansado. Um lençol

no pescoço... e o assassino cruel da garota, numa crise de consciência, pulou de cima da beliche... E queriam que o povo acreditasse nisso?!

– E ele não morreu do baque, de pescoço quebrado... Diz que houve o deslocamento da traquéia e ele morreu asfocado – foi o que o nosso legista escreveu no óbito.

– ...

– Agora... se você quiser ser o herói, Assis... Escreve tudo o que eu te falei antes. A gente monta um inquérito monstruoso que vai demorar anos e não vai apontar ninguém. E você também vai ser intimado várias vezes, vai perder seu sossego. A gente não sabe quem fez a ameaça branca – se é que ela aconteceu... Pode ser um sujeito bem bravo...

O próprio delegado estava fazendo uma espécie de ameaça. Assis levantou, estendeu a mão para Barretos e abriu a porta. Virgínia estava sentada, olhar desolado.

– Fala desculpa aí pra sua amiga. E se for contar alguma coisa pra ela, lembre-se das três bocas!

Pegou a amiga pelo braço e foram para o carro. Fizeram uma foto externa do presídio.

“A essa altura, Virgínia já tinha voltado com o escriturário”, pensou Ana. “Que desperdício!”.

Ela estava tomando banho, despertou primeiro que Mônica. Agora ia fazer um café e acordar a namorada.

Enquanto se esfregava lembrou da transa com

Virgínia e ficou excitada. Depois teve um pensamento estranho... A amiga era bem popular na faculdade, teve vários namorados, casos. Muitos rapazes ficaram a fim dela, muito seriamente. Muitos deles com grana... gente da sociedade. Ela bem podia ter tido o cara que quisesse, naqueles tempos... Pulou de galho em galho e agora estava com um pobretão inculto? O que estava acontecendo? Poderia ser o rapaz tão... tão bom de cama assim?

Bom de cama. Foi isso o que Ana pensou... Só podia ser! Virgínia tinha esse fogo... talvez ninguém pudesse apagar. E esse cara, esse “motoqueiro-escriturário” tinha achado a receita. Será que era o desempenho dele que contava ou era simplesmente... o pau no cu?

Ela se indignou com essas questões... Talvez Virgínia “achasse” que amava o sujeito pois... quem, senão ele, comeu-a daquele jeito?

Apenas o tal médico! E ela gostou da trepada com o médico! Ficou com a consciência pesada um pouco... Mas só! Absolutamente só! Não disse, em nenhum momento, que não tinha gostado! “Tinha gostado sim, a vagabunda!”. Ana riu sozinha.

Se houvesse outra possibilidade qualquer de trepada, com uma boa colocada no cu, ela agarraria certamente! Ela não amava o namorado: gostava de dar o rabo e estava dando para ele naquele momento; tinha uma obrigação moral de ser fiel e dar somente para ele – e ainda enganava-se com a idéia de que ele era seu homem ideal por conta disso!

Seguiram-se duas idéias na cabeça de Ana: contar essa teoria para Virgínia ou... sair com o tal Luiz. Sim, dar um jeito de dar pra ele. Por dois motivos: para ver se ele realmente era... bom de cama! E para vingar-se de todos esses anos de rejeição por parte da amiga! Não seria difícil sair com o rapaz: ele não a conhecia. E, uma vez consumado o ato, era só esperar para ver se ELE contaria a história para ela – tal qual ELA fez.

Estava certa: ia dar para o Luiz e provar toda sua teoria para a amiga. Só não podia deixar Mônica saber, claro.

– Bom, Assis, vamos lá... O que rolou?

Ele dirigia, ela olhava para ele com uma certeza intrínseca de que ele ia contar tudo, detalhe por detalhe.

– Os presos mataram o cara. Talvez tenha tido a ajuda de um dos guardas – o crime foi entre meia noite e oito da manhã, teve uma troca de turno.

Esfregou os olhos, estava visivelmente cansado. Tinha que redigir a matéria para a edição de segunda. A possibilidade de captura dos dois menores não estava descartada e ele ainda tinha a expectativa de trabalhar mais – talvez naquele mesmo domingo ainda –, como podia saber?

– Como é que mataram ele?

– Olha, Virgínia... não vou te falar tudo, estou cansado. Nós vamos dizer que foi suicídio.

– ...

– Não me olha com essa cara e não fale com ninguém sobre isso. Bem vinda ao mundo policial. Se contarmos a história verdadeira todas as fontes policiais vão por água abaixo e é o fim da minha carreira... Temos que fazer o jogo deles, às vezes...

– ...

– Sempre!

Ela não achou que fosse totalmente sério. E ficou calada por alguns minutos. Assis bateu com as mãos no volante, como se aquele silêncio fosse incriminatório. De repente, tinha ele culpa pela morte do desgraçado?

– O cu é marrom, a merda é marrom, a imprensa é marrom e até a terra, pra onde a gente vai debaixo no fim, é marrom. A vida não tem cor! Que se fodam todos os hipócritas que não vêem isso! Que morram! Faço o meu trabalho e o meu trabalho é esse: contar as histórias que todos querem que eu conte. As histórias que a polícia quer que eu conte, as histórias que o filho-da-puta do Beto quer que eu conte, as história que o público ignorante quer ler. Só isso. É tudo um interesse de merda! Os anunciantes estão pagando por essa merda, os leitores pagam por essa merda... E até você está nessa história por causa de toda essa merda!

Ela engoliu seco. Foi um desabafo – e ela entendeu tudo o que ele disse. Menos a parte sobre ela estar na história por causa da merda.

– Eu estou...?

– O Beto nunca se envolve com jornalistas, nem

repara em vocês. Mas parece que está a fim de você... Falou que queria você na matéria porque tinha reparado em você e... estava a fim.

Ela ficou em silêncio, uma revolta crescia. E também uma sensação de orgulho ferido.

– Um médico aí falou com ele, disse que saiu com você. E desde então ele estava querendo...

A boca dela secou. Os olhos se encheram d'água. Assis percebeu que tinha feito uma besteira em contar.

– Mas olha, Virgínia... Eu falei sério sobre as tuas matérias... Foram sensacionais! Não dá bola pra essa coisa do Beto não... Ele é casado, não vai querer botar o casamento a perder com um caso... Só está meio fissurado, eu sou homem e entendo...

– ...

– Você é bonita e esperta... Não se espante ou se crucifique por conta disso... Não devia ter contado e... Me sinto péssimo por isso!

– Obrigado, Assis. Você é um cara legal. Não sei o que pensar nem o que fazer. Fui dormir tarde ontem, passei um vexame com aquele idiota daquele delegado... Estou abismada com tudo o que disse e preciso pensar. Me deixa em casa.

Ela entrou, não cumprimentou a mãe, não quis almoço, tomou uma aspirina e foi para o quarto. Chorou até pegar no sono.

Começo de noite, telefone toca, é o namorado.

– Eu liguei antes, sua mãe falou que você tava dormindo...

– É... pô, não vai dar pra gente se ver... tou com uma puta dor de cabeça. Lá na cadeia, foi foda...

Ela nem era de falar palavrão, mas se estava falando é porque estava com dor de cabeça de verdade e na cadeia tinha sido mesmo foda.

– Pô, queria sair... Mas tá bom, fico em casa. Nem se preocupa. Na semana a gente se fala aí...

– Tá... Eu adoro você... Fica bem... Um beijo!

Mal desligou, tocou de novo.

– Oi, Vi... é a Ana...

– Ahn?

– A Ana...

– Oi, Ana, sei... É que estou no mundo das nuvens. Meu dia foi complicado hoje... Putz, queria mesmo falar com você. Mas agora...

– A Mônica acabou de ir embora... Quer que eu vá aí?

– Não, não. Tou um trapo. Tomei uns remédios e vou dormir. Depois a gente se fala...

– Tá bom.

– Até o Luiz queria vir aqui... A gente voltou, tá tudo bem... Mas hoje foi complicado, acredite!

– Tá, tá... A gente se fala nessa semana.

– Tá. Um beijo.

A mãe olhava pra ela do canto da cozinha. A filha estava estranha.

– Vou fazer um leite pra você.

– Eu quero, mãe. Faz um leite gelado. Bate no liquidificador, por favor.

– ...

Do outro lado da linha, Ana olhou no espelho do aparador onde ficava o telefone. Pensou em como devia parecer o tal Luiz, o namorado. Ainda que fosse um pulha fedorento e espinhento ia fazer um sexo com ele que ele jamais esqueceria. Sim. Ia chupar ele como nunca tinha chupado um cara antes. Ia chupar bem as bolas dele. Ia segurar bem firme a cabeça dele entre as pernas. Ia segurar bem o pau dele dentro da boceta, usar tudo o que aprendeu naquele livro de pompoarismo. Depois ia dirigir o pau dele para o seu cuzinho apertado, rosado e semi-íris e ia passar seu próprio cuspe para que ele deslizasse fácil e bem fundo. E ia contrair bem forte o ânus durante a metida para que o pau dele ficasse bem preso e roxo e tesudo e ele ia ver só! Queria só ver se ele ia querer de novo a amiga. E, se quisesse, se iria contar sobre essa trepada grandiosa. E, se contasse, qual seria a reação de Virgínia...

Será que ela ia descobrir quem tinha comido seu namorado daquele jeito tão agressivo? Se descobrisse, com certeza iria ficar fúria. “Foda-se”, pensou. “Nunca nos falamos realmente ou nos demos bem... Quando começamos a nos entrosar, ela voltou pra esse idiota. Então posso perder ela de vez e nem me importo!”.

Enquanto olhava no espelho percebeu o quanto era bonita e atraente. Podia, sim, ter quem quisesse. E se lamentou um pouco por gostar tanto de meninas...

Teve todas aquelas que realmente quis. Menos Virgínia. Mas acabou tendo, no final. Agora queria manter. Na memória ou de fato. Ia se empenhar para a segunda opção!

O Luiz do RH estava diferente naquela manhã de segunda. Chegava sempre esfuziante, contando o que havia feito no final de semana, falando sobre os jogos do campeonato, sobre as comidas que fez... Estava calado. E o Luiz percebeu.

Esperou que o amigo fosse para a copa e foi atrás.

– Prepara um café pra mim aí, Luiz, por favor.

Ele apertou o botão para dois cafés na máquina de expresso.

– Que houve, cara? Você está diferente hoje...

– Ai, cara... Sei lá... A Luciana saiu com uns amigos no sábado à noite e voltou só no domingo, nove da manhã! Ela não é nenhuma criança, se vira bem, é esperta... mas acho que alguma coisa saiu errado nesse final de semana.

Luiz lembrou que tinha visto a menina na choperia, mas achou melhor não contar.

– Lá pelas sete da manhã eu fui até o quarto dela e vi que ela não estava... Aí liguei para o celular, chamou mas ela não atendeu. Pensei em ligar para a polícia, hospitais, essas coisas... Mas achei melhor esperar. Sentei no sofá e fiquei assistindo TV.

Um office-boy entrou para pegar um copo d'água.

– Vai logo, moleque! Dá o fora daqui!

Nosso Luiz não gostava dos garotos...

– ...

– Era quase nove e eu ouvi abrir o portão. Era ela. Mas não ouvi nenhum carro parando na porta e sempre alguém vai levá-la. Olhei pra ela e... ela estava com a cara bastante normal, parecia até que tinha dormido... mas estava séria. Aí perguntei como ela tinha vindo e ela disse que os amigos a tinham deixado na esquina... Achei estranho... Por que na esquina?

– ...

– Ela não respondeu e foi para o quarto, não saiu de lá o dia todo. Falou no telefone, foi até a cozinha pegar refrigerante e alguma coisa pra comer – e voltou para o quarto. Fui levá-la pro trabalho hoje e também não disse uma palavra. Perguntei se estava tudo bem e ela disse que sim... que não queria falar sobre o “assunto”...

– ...

– Nem sei qual é o “assunto”, mas sei que tem alguma coisa de errado... Eu entendo que, dependendo do que aconteceu, ela não queira falar comigo. Eu acho que tenho cabeça aberta, procuro ser liberal... Acho que dei educação suficiente para que ela saiba o que faz... Mas o fato de ser pai – e, no meu caso, mãe também! – dificulta um pouco as coisas para ela...

– ...

– Queria que você falasse com ela.

– Eu?

– É! Você é pouco mais velho que ela. Nem precisa me contar nada... Só fale com ela e veja se consegue ajudá-la de alguma maneira...

– Posso tentar... Mas ela vai desconfiar que eu vou te contar...

– Bom, aí você fala pra ela que eu pedi que você falasse com ela e que não me contasse! Ela vai acreditar! Jura isso pra ela – e não me conte, não quero saber! Só quero que ela desabafe e, se alguma coisa tiver saído errado, que você dê uma mão... Se for algo que precise de dinheiro, sei lá!, aí você me pede o dinheiro e não vou querer saber o que é...

– Você desconfia de alguma coisa?

– Não. É que a gente sabe que os adolescentes nessa fase às vezes se metem com drogas... Não sei. Pode ser alguma coisa assim... Me assusta pensar, por exemplo, que ela deve dinheiro para alguém... desse tipo.

Luiz desconfiou que não era nada relacionado a drogas. Não. Ia fazer o favor para o amigo, claro.

– Como vamos fazer isso?

– Você pode deixar sua moto em casa, à noite... Pega meu carro e vai buscá-la no ponto, quando ela chega da faculdade, onze horas...

– ...

– Aí conversa com ela, deixa ela em casa... eu vou estar dormindo, nem quero saber...

Outro contínuo entrou. Luiz se irritou e balançou a cabeça para o amigo. Tudo bem! À noite ele iria lá e falaria com a moça.

A vontade era de pedir a conta, deixar aquela bosta de emprego, voltar a vender roupas – que se foda o jornalismo! E enfiar quatro anos de faculdade no rabo? Humpf!

Foi para a sala. O jornal estava lá, uma foto grande na primeira página, os companheiros de cela de Santos, todos com ar impressionantemente agressivo. “Onde Assis teria conseguido aquela foto? Não foi ele quem fez!”. Viu a manchete: “Animal morto por animais”, letras garrafais numa parca edição de segunda-feira. Embaixo, a matéria assinada pelos dois. “Ele colocou meu nome na matéria!”. A mãe chegou.

– Você se encontrou com esses animais? Por isso está tão mal...

Não tentou explicar, ela não entenderia. Começou a ler e parou no segundo parágrafo. Sabia que não era nada daquilo, Assis escrevera exatamente o que o delegado Barretos quis. Quando viu a manchete achou que o colega pudesse ter escrito a verdade, mas aquelas duas palavras, “animal” e “animais” era só para chamar a atenção, pra vender mais. Jogou o jornal no chão e foi para o banho.

Novamente não conseguiu cagar.

Arrumou-se, engoliu o café e lá estava pendurada no ônibus de novo. Teve vontade de chorar.

Na redação, tudo normal. Viu Assis lá no fundo, na sala dos diagramadores. “Será que ele nunca vai embora?”.

Abriu os e-mails, pegou um café e ficou esperando que o repórter viesse falar com ela. Ele chegou, olheiras ainda maiores.

– Não fique brava, esqueça tudo o que aconteceu... Os caras já estão quase desistindo de procurar Dé e Carlinhos, devem estar bem longe... Falei com o Beto pelo telefone ontem e ele deu instruções para você fazer a checagem policial... a gente vai acompanhando o caso de longe. Já deu o que tinha que dar...

– ...

– Meu conselho é que você deve agir normalmente... Seu salário não será alterado. Dá um gás nessas checagens aí e logo vai ser promovida. A vida é assim, Virgínia.

Virou as costas e saiu. Ela queria perguntar sobre a foto da capa, mas tinha medo da resposta. Provavelmente os próprios policiais armaram a foto e mandaram para o colega por e-mail. Que comédia!

Ia fazer o seu trabalho e rezar para que a jornada acabasse logo. Queria voltar pra casa e descansar. O domingo não havia sido repousante. Mas as horas demoraram a passar enquanto ela fazia o levantamento das ocorrências do final de semana. Um estupro aqui, alguns furtos e roubos ali e uma casa que pegou fogo, na área rural – incidente sem vítimas, felizmente.

O namorado ligou e combinaram de almoçar no dia seguinte.

Durante todo o dia nem sinal de Beto. O que teria acontecido com o imbecil que desaparecera?

O calor do dia tinha sido massacrante. Na volta para o apartamento, Luiz tirou a camisa; queria sentir o vento no peito.

Tomou uma ducha gelada, ligou o ventilador de chão e deitou no sofá para tirar um cochilo. Combinou de ir para a casa do amigo lá pelas nove. Eles fariam um lanche e ele iria esperar Luciana voltar da faculdade. Do outro lado da cidade Virgínia chegava em casa de ônibus. Disse para a mãe que não queria jantar. Também tomou um banho e foi para o quarto. Abriu a janela, sentiu a brisa fresca do início da noite soprar e pegou no sono rápido.

Luciana desceu do ônibus e avistou o carro do pai parado do outro lado da rua. Foi andando depressa, abriu a porta e entrou sem se dar conta de que não era ele quem estava ali. Deu um pulo de susto e ameaçou sair do carro, quando reconheceu Luiz. A primeira idéia que lhe veio foi de aflição.

– Aconteceu alguma coisa com o meu pai?

– Não, pode ficar calma. Ele pediu que eu viesse te buscar. Queria que eu conversasse com você...

– ...

– Está com fome? Vamos comer um lanche?

Ela fez que sim com a cabeça, ele deu partida e

saiu. Andou um pouco, ambos em silêncio. Ele resolveu quebrar.

– Seu pai está preocupado com algo que possa ter acontecido na noite de sábado... Você chegou tarde, quer dizer... cedo, no domingo...

Ele estava fazendo força para colocar as palavras certas e não tropeçar nas idéias. Tinha tomado um uísque – só um! – na casa de Luiz... E também não queria assustar a moça, pensando que ele a obrigava a contar o que quer que fosse.

– E seu pai achou que você estava se comportando de maneira estranha... Aí ele me chamou e pediu para que eu conversasse com você. O que a gente conversar aqui, não vou contar pra ele...

Ela fez uma cara de descrença. Ele afirmou com a cabeça.

– É verdade, eu juro! Ele disse que não quer saber – já que você não quer contar. Ele quer que a gente converse e, se aconteceu algo que precise... que precise...

Ele não sabia como colocar. Não queria dar nenhuma pista sobre o quê o pai achava que pudesse ser... talvez não fosse nada mesmo!

– Se você precisar de uma ajuda pode contar comigo.

“Isso é a cara do meu pai!”, pensou Luciana. Depois de todos esses anos contratando, dispensando e tendo que lidar com funcionários ele sabia muito bem como cuidar de uma situação como essa... entre pessoas. “Meu pai é ótimo”, pensou de novo.

– Seu pai é ótimo, é um cara sensacional. Me ajudou a tomar uma decisão importante e estou em débito com ele. Você pode se abrir comigo... Se não aconteceu nada você deve simplesmente me contar e ficamos todos bem...

Ela baixou a cabeça. Queria falar, queria contar, precisava contar para alguém, mas não podia mesmo ser para o pai. Também não podia falar com os amigos da faculdade. E Carol... Carol, sua melhor amiga estava... estava... daquele jeito!

– Eu saí com minha amiga Carol no sábado... Mais dois amigos... Eles passaram pra pegar a gente...

– Eu vi vocês na choperia.

– É... A gente foi na choperia...

– ...

– A Carol já conhecia esse cara, o Saulo... Já tinha saído com ele. Aí arranjaram esse amigo dele, o cara se chamava Francis...

– Queriam que você saísse com o Francis?

– É... mais ou menos... ninguém falou nada... era só pra gente tomar um chope e bater papo.

– ...

– A gente bebeu um pouco ali e a Carol já estava beijando o Saulo... Eles já tinham saído algumas vezes. E eu tentando conversar com o Francis, mas ele era calado... agitava as mãos, parecia nervoso...

– Tinha cheirado?

– Não sei, mas acho que não. Não o vi levantar ou ir ao banheiro. Desde que chegamos ele ficou ali, bebendo

devagar e esfregando as mãos. Fiquei com um pouco de medo dele.

— ...

— O Saulo deu a idéia da gente ir para clube, dançar um pouco.

O Francis não quis ir — eu achei bom.

Chegaram à lanchonete, ela interrompeu o relato. Estava calor, batendo a meia noite. Só tinha uma mesa ocupada, sentaram longe para poder conversar. Pediu um xis-bacon.

— Foram levar o Francis para casa... O tal Saulo é que estava com o carro, né?

— Isso!

— ...

— E o Francis morava longe, lá na região do Encantado, perto da zona rural...

— Sei.

— Era uma chácara. O portão estava aberto, o Saulo foi entrando, a Carol estava na frente, eles namoravam... E o outro atrás comigo, mudo.

— ...

— Nossa! Estou contando tudo em detalhes, né?

— Continua. Assim dá pra entender melhor...

— A Carol... Ah, meu Deus, a Carol!

Ela se lembrou da amiga. Ficou um pouco perturbada, Luiz percebeu. Respirou fundo, abanou a cabeça e continuou.

— A Carol achou o lugar legal e quis descer para ver a casa. Talvez ela tivesse achado que era melhor

ficar ali com o Saulo do que ir ao clube, sei lá... Talvez tivesse achado que eu ia ficar entretida com o Francis enquanto ela...

– Sei...

– Eu achei a idéia péssima, mas descii... Não podia ficar no carro, né?

– ...

– Logo que entramos o Francis sumiu e a Carol estava com o Saulo no sofá. Liguei a TV e fiquei ali, com medo do outro voltar... Ele voltou, claro. Trouxe um litro de uísque e copos com gelo numa bandeja. Todos pegamos, mas eu ia apenas fingir que tomava – não queria ficar bêbada naquela casa, com aquele cara...

– Você é esperta!

– É... Sei lá!... Mas o pessoal foi bebendo, o Francis parecia mais solto, ficava passando os canais na TV e os dois namorando no sofá... Estava penumbra, só tinha uma luz acesa na varanda, lá fora... E a luz da TV... Dava pra ver que o Saulo e a Carol estavam... estavam...

– Bem à vontade, ali no sofá!

– Isso!

O lanche chegou. Ele estava tão curioso para saber o que tinha acontecido que quase pediu que ela não comesse – embrulhasse e levasse para casa... Mas não podia falar isso e, assim, ela foi comendo e contando – na maioria das vezes falando com a boca cheia.

– Senti que o Francis estava meio perturbado com aquela gêmeção, com aquela provocação no sofá... e o

Saulo estava bebendo bastante – a cada minuto parava a esfregação para pegar mais uma dose.

– ...

– Até eu estava meio perturbada! Dava até pra ficar meio excitada vendo aquilo lá!

Ela percebeu o que disse e corou. Ele deu uma risadinha.

– Mas eu estava era com medo. O Francis olhava pros dois, olhava pra mim... Decidi que não queria ficar ali. Mas não podia cortar o barato dos dois ali no sofá; dar uma de chata. A única alternativa que encontrei foi dizer que não estava passando bem e que ia até o carro buscar um remédio na bolsa...

– ...

– Saulo tinha deixado as portas abertas, a chave no contato. Eu entrei no carro, tranquei as portas e fiquei ali...

– Você falou que ia pegar o remédio, mas foi se esconder?

– É... Fui fugir daquela sala, daquele olhar assustador do Francis, daquela catação no sofá... fui ficar na minha...

– ...

– Não passou muito tempo e o Francis veio atrás de mim. Decidi que não ia abrir a porta. Falava com ele por uma frestinha no vidro. “Vem cá, vamos lá pro meu quarto”, ele falava, bêbado... e eu: “Não tou passando bem, vou ficar aqui, me deixa dormir!”. A impressão era que ele queria embebedar a gente.

– E aí?

– Aí ele foi embora. Fiquei com medo que ele quebrasse o vidro... sei lá. Parecia um filme de terror, estava escuro pra caramba!

– ...

– Eu peguei no sono. Tinha bebido uns goles do uísque e tinha tomado o chope e... bateu o sono.

– Que horas eram?

– Ah, devia ser umas quatro ou cinco da manhã! Achei que fosse cochilar e logo a Carol vinha com o Saulo e me acordaria...

– E você acordou...

– ...acordei com o sol. Olhei para o lado e a Carol e o Saulo vinham correndo...

– ...

– A casa... A casa da chácara... Estava... pegando fogo!

– Quê?

– A casa tava pegando fogo! Estava em chamas!

– Nossa!

Luiz pegou a coca dela e deu um gole. O que teria acontecido?

– Eles chegaram, eu abri as portas. O Saulo não conseguia falar, a Carol...

– ...

– ...a Carol estava com a maquiagem toda borrada, os olhos inchados... Tinha chorado...

– Bom... o que diabos aconteceu?

– O Saulo capotou de bêbado, dormiu. O Francis sugeriu à Carol que colocassem ele numa cama, num

quarto... Deixasse ele dormir um pouco. Não dava pra ele dirigir... E a Carol não tem habilitação.

— ...

— Colocaram ele no quarto, a Carol deitou no sofá pra cochilar também. Ela cansou do esforço de ajudar a carregar o Saulo e o Francis foi na cozinha buscar água pra ela...

— ...

— Quando ele voltou estava com uma faca na mão!

— Meu Deus!

— É! Ele tinha uma faca e encostou no pescoço dela e fez ela... dar pra ele!

— Ele estuprou ela!

— É. Ela também tinha bebido bastante, estava quase sem força pra reagir. Ele transou com ela... de todos os jeitos... e caiu de lado, também bêbado...

— ...

— Ela meio que... desmaiou também... quando viu o que tinha acontecido e o sol raiando... ficou fora de si. Levantou, pegou um objeto, sei lá o quê, e deu uma porrada na cabeça do Francis. Aí pegou um isqueiro que estava em cima da mesa e botou fogo no sofá onde tinham transado... Ela estava descontrolada! E eu lá no carro, dormindo! Nem pra ajudar minha amiga!

— Não se culpe...

— Ela viu que o fogo estava aumentando, que o Francis estava perto do sofá, o fogo ia chegar nele... e lembrou do Saulo lá no quarto. Aí ela foi até lá, acordou ele com dificuldade. Contou o que aconteceu mas acho

que ele tinha bebido tanto que não conseguiu atinar as idéias...

Ela tinha acabado o lanche. Ele chamou o garçom, pediu uma garrafa de água e a conta.

– Saíram do quarto, o Saulo ainda acordando, e viram que o fogo ia chegar no Francis... Decidiram tirar ele dali. Ela queria que ele morresse, mas deu um estalo... ela podia ser presa por aquilo...

– Claro, claro...

– O Saulo ajudou e eles arrastaram o cara pra fora, deixaram bem longe da casa... E vieram correndo para o carro...

– Foi quando você acordou!

– Isso... Mas não dava pro Saulo dirigir, ele estava sem condições... Aí eu fui dirigindo e os dois sentaram atrás. Fiquei sabendo da história enquanto ela contava pra ele e ele tentava entender... Lá atrás, a casa já estava totalmente em chamas!

– Ufa!

– A gente ainda parou num posto para a Carol lavar o rosto, retocar a maquiagem. Se ela chegasse em casa daquele jeito os pais iam sacar que tinha acontecido algo...

– Nossa!

– O Saulo ainda queria voltar lá para ver como estava o cara... Mas a Carol falou que a pancada na cabeça não foi forte – e ela nem tem força para uma pancada forte, é miúda que só...

– Aí o cara deixou cada uma de vocês em casa.

– É. Ele não quis levar a gente até o portão, temia que nossos pais estivessem acordados e viessem conversar e vissem ele naquele estado... fizemos um trato de não contar nada pra ninguém... a gente não sabe o que o Francis vai fazer, se vai falar com a polícia...

A palavra “polícia” fez Luiz lembrar de Virgínia. Talvez ela soubesse algo sobre a história e sobre as ações da polícia no caso. No dia seguinte, no almoço, falaria com a namorada.

– Ah, Luiz, eu estou tão aliviada de ter contado isso para você! Foi uma ótima idéia do meu pai, mas não queria que falasse com ele sobre isso, tá? Sei que vai cumprir, não vai falar – você é um cara legal!

– Não vou falar. Mas a gente vai observando no que isso vai dar...

– Claro...

– ...

– Luiz... eu podia ter ficado com o Francis, nada disso teria acontecido... A Carol falou isso, ela está transtornada! Ele transou com ela sem camisinha, ela está paranóica com gravidez e doenças...

– Realmente perigoso...

– Já faz um tempo que ela está tentando... me ajudar...

– ...

– Me ajudar... a perder a virgindade!

Luiz ficou embasbacado. Uma garota de vinte e poucos numa faculdade, nesses tempos de hoje, virgem? E era bonita, não era um espetáculo de garota mas, ora, era desejável sim! Ficou olhando fixamente para ela.

– Pode parecer estranho e inacreditável... Eu já tentei mas nunca consegui de verdade. Chega na hora, eu travo. Não conheci ninguém que tivesse paciência e tato para fazer a coisa direito. Ninguém com quem eu me sentisse à vontade o suficiente...

– ...

– Aí a Carol fica me arrumando uns caras... e acontecem essas cagadas!

– Você tem que relaxar, tentar ficar numa boa com o teu velho. Vou falar com ele amanhã, dizer que aconteceu algo e que você não corre nenhum perigo – vou deixar ele tranquilo.

– Ótimo!

– E a gente vai se falando. Qualquer coisa, liga lá no escritório.

– Tá!

Já era uma da manhã quando ele deixou ela em casa. Ela esperou ele guardar o carro na garagem e pegar a moto. Na despedida, foi até ele e o beijou suave no rosto... disse “obrigada!”.

Quando a mãe entrava no quarto para chamá-la, boa coisa não era. Mas naquela terça a mãe achou que fosse.

– Virgínia! Chegou uma cesta de café da manhã linda pra você!

“Ai, Jesus!”, pensou a moça. Não devia ser de Luiz... De quem seria?

A cesta estava em cima da mesa da cozinha, muitas flores em volta.

Um bilhete:

“Desculpe se fui grosseiro com você. Não devia ter sido tão rude. Desde o dia que te conheci penso muito em você. Queria apenas te encontrar de novo, nem que fosse para me desculpar pessoalmente. Se você aceitar minhas desculpas, por favor, ligue... Júlio.”

“Ai, meu Deus!”.

“Bom, até que o bilhete é bonito e bem escrito... E tem umas coisas deliciosas aqui...”. Foi abrir a cesta sob o olhar curioso da mãe.

Naquela manhã Virgínia tomou café primeiro e só depois foi para o banheiro. Com esforço conseguiu cagar. Sentiu um pouco de dor. Aí foi se lavar.

Na redação, o clima era estranho, de certa agitação. Na sala de vidro, Beto e Assis conversavam em pé, meio exaltados. Ela chegou à sua mesa e logo foi avistada. O chefe fez um gesto com o braço para que ela se juntasse a eles. Nem falou bom dia.

– Esse Wilson, da Comissão dos Direitos Humanos, quer ferrar todo mundo!

E jogou um papel para Virgínia ler. Era uma longa intimação. Os nomes de Beto, Virgínia e Assis estavam nela. O juiz queria ouvir todo mundo no dia seguinte, por conta das acusações do tal Wilson.

– Fiquei o dia inteiro ontem com o nosso advogado, o doutor Mário... Esse Wilson é um louco, quer saber o que aconteceu com aquele animal do Santos... Por quê ele estava detonado na capa do jornal, como ele morreu, se a gente sabe de alguma coisa que os policiais não contam...

– ...

– Você e o Assis vão lá agora, falar com o Mário... Ele vai orientar vocês sobre o que dizer amanhã...

Olhou firme para Virgínia.

– Chamei a Valéria para fazer o teu serviço...

“Cacete! Agora vou ter que mentir para o juiz! Vou ter que dizer que não sei que o Assis bateu no cara e que não sei que os presos massacraram o garoto na cela com o consentimento da polícia... Tudo pra proteger o jornal e esse filho-da-puta desse Beto!”

– Fica tranquila... Conheço os juízes, eles não são loucos de dar ouvidos para o desqualificado do Wilson... Uma vez ele já pegou no meu pé, quando um menor foi preso e os policiais espancaram ele, deixaram ele aleijado...

Assis falou com um pouco de orgulho, deu uma piscada para o Beto. Era certo que ele também tinha participado desse massacre.

– Foi aquele menor que roubou a loja de jóias da mulher do delegado...

Beto deu um sorrisinho. Virgínia teve uma pequena vertigem.

No carro velho do Assis, foram para o escritório do

doutor Mário, famoso advogado local. Na cabeça de Virgínia, dois compromissos: o almoço com o namorado e a ligação de agradecimento pela cesta.

Aquela manhã estava mais fresca. Luiz acordou se sentindo bem como há muito não se sentia. Tomou até um longo banho antes de sair, passou um pouco de perfume. Foi tomar café no posto, cumprimentou os dois bigodudos que cochichavam no canto, e entrou com a cabeça leve no escritório. O xará já estava lá, meio aflito.

– Vou almoçar com a Virgínia hoje, então não vai dar pra gente conversar direito.

– ...

– Mas olha... conversei com ela... Não é nada do que você está pensando, não é nada com ela... diretamente. Ela viu uma coisa... meio chocante.

Ele procurava palavras para não deixar o pai mais aflito.

– Mas foi uma coisa que aconteceu e acabou, ninguém se machucou, não tem nada a ver com drogas, não tem nada a ver com... ELA. Vou te falar sinceramente: pode relaxar!

Foi como se um peso caísse dos ombros daquele senhor abatido. Pareceu até que um pouco d'água lhe brotou nos olhos. Luiz deu um tapa em seu ombro – e foi para sua mesa. Inspirou fundo, sentindo o próprio perfume. “Saudade da Vi!”.

O advogado era um barbudo grisalho que recendia a álcool. Tinha mau hálito e olhar lascivo. Ela teve nojo dele no primeiro momento – e pensou que qualquer mulher teria. “Esse é daqueles que tem que pagar para ter mulher!”, pensou.

O escritório era pavorosamente decorado com quadros e fotos, troféus e livros, papéis bagunçados sobre a mesa e debaixo dela. O quadro todo deu medo em Virgínia: se dependessem dele para se safar do que quer que fosse, estavam fodidos!

Um rapazinho de olhos azuis esbugalhados e visível descontrole mental estava sentado num canto. Devia ser um estagiário.

– Eu já combinei com o Beto. Nós vamos recorrer ao direito de imprensa. Não temos que falar nada, não sabemos de nada além do que foi escrito...

“Será que ELE sabe de alguma coisa?”

– A cada pergunta do juiz, ou da comissão, vocês devem simplesmente dizer “essa comissão não tem competência para nos interrogar, reservo o direito de imprensa em meu favor”. Só isso, nada mais que isso... Entenderam?

Os dois balançaram a cabeça, confusos.

– É melhor que anotem, para não esquecer.

Foi o que fizeram. Virgínia queria sair dali o quanto antes, então ficou em pé e foi se dirigindo para a porta...

– Espera aí, mocinha...

Ela se virou. O advogado tinha um sorriso malicioso.

– Agora... eu preciso saber exatamente o que houve!

Assis era macaco velho, achou aquela pergunta estranha e respondeu:

– Reservamos a nós o direito de imprensa!

O advogado ficou aturdido e depois riu.

– Eu preciso saber se temos chances de tomar ferro nesse negócio... O Beto já me contou... Já contou o que o rapaz falou pra mocinha aí...

Ela corou. Ficou com mais raiva do chefe.

– Já contou que você espancou o rapaz e que quis comer ele...

Foi a vez de Assis ficar vermelho. A cabeça de Virgínia rodou. Será que o colega quis mesmo fazer sexo com aquele animal fedorento? Não era possível! “Assis é casado, tão gentil, tão amável...”. Está certo que o fato de ter espancado Santos demonstrava muito sobre seu caráter, mas Virgínia achou melhor não acreditar naquela afirmação, naquele comentário esdrúxulo daquele velho gordo e estúpido...

Assis estava visivelmente incomodado. Ele confidenciou ao Beto, do jeito que faziam sempre, que “enquanto batia no Santos ficou com um tesão enorme e pensou em enfiar o cacete naquele cu sujo!” Chegou a pedir para que os guardas o segurassem e descessem as calças do sujeito... Mas o rapaz se debatia e os guardas acharam que ia dar merda. “Falei isso pro Beto, mas ele não tinha o direito de dizer para o doutor Mário...”.

– Contou que você falou com o Barretos e a história do suicídio é balela, o cara foi morto com requintes de crueldade... E você ficou sabendo disso e não publicou nada... foi conivente.

– ...

– Então se algum guarda, num momento de desespero, contar qualquer uma dessas merdas para essa comissão e o juiz... achar interessante... pode foder com o jornal, com a credibilidade do jornal, além de voar merda até para o lado de vocês...

– ...

– E você... “seu” Assis... É melhor controlar os impulsos! Além dos dois policiais que estavam com você enquanto você surrava o rapaz havia, pelo menos, mais uns quatro ou cinco do lado de fora... E eles podem falar sob proteção, sem ter seus nomes revelados...

– ...

– Quanto a você, mocinha... Pode ser envolvida... Foi para você que ele fez o... desaforo! Qualquer um pode dizer que foi você que pediu para que Assis batesse nele...

O rapazinho com cara de retardado acompanhava com os olhos e mãos nos joelhos. Tinha um ar irônico e Assis teve vontade de bater nele. De bater nos dois.

– E diz pra mim, mocinha... bastante interessante essa história do rapaz querer... comer teu cu!

Ela virou rápido, abriu a porta e ganhou a rua. Assis foi atrás. Pôde ouvir os dois, o velho e o rapazote, rindo no fundo. Ela estava sem ar. Ele estava visivelmente

atordoados. O que o Beto havia feito com eles? Era provável que tivesse contado sobre o sexo anal que tivera com Júlio – e a coincidência no pedido de Santos... E com Assis? Ele trabalhava com Beto há muitos anos... O chefe sabia que ele gostava de acompanhar os policiais em alguns espancamentos de delinquentes... E quando o caso era de estupro, os próprios guardas – e ele, às vezes – comiam os caras, enfiavam cacetetes, garrafas, a mão inteira, dentro dos sujeitos... Assis contava sempre tudo para o chefe – que sempre ouvia com ar de delícia. E agora... essa traição?

Virgínia só pensava em se recompor para almoçar com o namorado. Que desastre!

Voltaram para a redação sem dizer palavra.

Na agência, Ana não teve dúvida: pediu auxílio para o técnico de informática, o Alexandre, para localizar o tal Luiz.

O Alexandre, esse técnico, era um nerd gordinho e tarado, pervertido por pés. Todos na agência sabiam, ele colecionava fotos de pés. E Ana fazia o seu deleite indo trabalhar sempre com sandálias que deixavam seus lindos e pequenos pés e dedos à mostra. Muitas vezes, quando falava com ele, apoiava o pé na cadeira para que ficasse ainda mais retesado, mais à vista. Ela gostava de fazer isso; provocar ele.

Ela passou as informações para ele e o rapaz disse

que conseguiria o que ela pedia – mas queria uma “recompensa”. Ao final do expediente queria beijar os pés da colega.

– Alê! Você é um doido tarado!

– Pode ser... Mas eu consigo isso que você quer e você me dá o que eu quero. Não vai doer nada, são só alguns minutos de beijinhos...

– Ah!... Tudo bem.

Direto e sem rodeios, Alexandre ligou para o jornal e pediu para falar com Virgínia. Ela não estava. Falou com Valéria.

– Oi. Eu sou amigo do Luiz, namorado da Virgínia. E perdi o telefone dele... Será que você pode me passar?

– Eu não tenho o número dele, mas ele trabalha no escritório Nova Era...

– Ah, é! Obrigado.

Alexandre não perdeu três minutos no levantamento. E contava cada um do dia para refestelar-se nos pés gostosos da Ana.

Luiz estacionou a moto no pátio e viu Virgínia vindo. Puxa, ela era mesmo linda! O vento jogava o cabelo amarelo para trás e dava a ela um ar de atriz – pensou ele. Mas ainda assim viu que ela estava bastante tensa.

– Oi, amor!, tudo bem?

– Mais ou menos...

– Que houve?

– Ah, vamos ter que falar com a Comissão de Direitos Humanos amanhã, eles querem que a gente conte tudo o que sabemos sobre a morte do Santos...

– ...

– E a gente vai ter que mentir, não vamos poder contar...

Deram as mãos e saíram a pé para o restaurante que ficava a poucas quadras dali. Luiz queria que a garota estivesse tão bem quanto ele e se sentiu meio frustrado. “Pô, mas que merda de trabalho essa garota tem! Estudou pra caralho pra se formar, trabalha muito e ganha uma miséria e ainda tem que passar por tudo isso... Eu, que nunca estudei, ganho mais que ela!”.

– Mas eu não quero falar disso... E com você? Tudo bem?

– Sim, tudo bem... Deixa eu te contar o que aconteceu...

E contou sobre Luciana e o incêndio e perguntou se a namorada sabia de alguma coisa.

– Eu chequei esse incêndio, mas disseram que foi uma falha elétrica ou algo assim... Estou impressionada!

– Pois é! Uma loucura! Acho que não deram queixa pois o rapaz, o tal Francis, podia acabar tendo que responder por estupro...

– Com certeza! Mas...

– ...

– Mas esse cara... Pode querer se vingar! Pô, queimaram a casa toda da família dele...

Luiz ficou confuso. Como não tinha pensado

naquilo? O cara já não batia muito bem – ainda mais depois dessa! Ficou meio orgulhoso da namorada jornalista.

– Vai ver o cara caiu em si que fez uma puta cagada e vai ficar na moita...

– Duvido! A garota devia ter dado queixa e falado sobre o incêndio... Ferrava o cara e tirava o dela da reta...

– ...

– Afinal, ela botou fogo na casa quando estava sob forte descontrole emocional...

Luiz gostou dessa também. A namorada era muito mais inteligente e esperta que ele. Ela tinha estudo, afinal.

– Fala isso pro pai da Luciana... Sugiro ele, a filha e o casal irem falar com um delegado. O seccional é meu amigo... Quer dizer, a gente se fala sempre e eu posso marcar para vocês...

– Tá legal... falo com ele e depois te falo.

– Agora...

– ...

– ...isso da garota ser virgem, hein? Isso sim é incrível!

Ele riu um pouco. E depois voltou para o trabalho pensando naquilo.

O post-it com o nome e o telefone do dr. Júlio ainda estava pregado no computador. Ela olhou

demoradamente com a mão no telefone. “Ele não tem culpa do que aconteceu...”. Meio temerosa e aproveitando que nem todos tinham voltado do almoço, ligou. A secretária atendeu e informou que o médico estava saindo, ia alcançá-lo no carro. Ele veio ofegante.

– Ah, doutor, desculpa...

– ‘Magina, Virgínia... É... Um prazer...

– ...

– ...que você tenha ligado!

– É... que eu recebi a cesta hoje... queria agradecer...

– Ah, você gostou? Que bom! Queria pedir desculpa, fui grosseiro da última vez...

– É, foi sim... Mas acho que isso passou, foi um erro, nós sabemos...

– Eu... bom... é que foi uma coisa intensa – isso a gente não pode negar...

– É...

Ele estava recuperando o fôlego. Virgínia falava baixinho com medo de ser escutada. Por um momento achou interessante e estranho estar falando com o médico... Tivera tanta raiva dele, foi o causador do rompimento com o namorado, falou para seu chefe sobre o “acontecido”... Mas agora pedia desculpa e ela... ela tomou uma certa simpatia por ele... E a cesta de café da manhã estava realmente deliciosa.

– Mas doutor... eu só queria agradecer mesmo...
Tchau.

– Virgínia... espera um pouco...

– ...

– É que... eu queria me desculpar pessoalmente... Não entenda mal... Pode ser um almoço, qualquer lugar público... Não tem problema! Só queria conversar um pouco, desfazer qualquer mal-entendido...

– ...

– ...

– Não sei...

– Não... Quer dizer... Pense e me ligue... Por favor, anote meu celular...

Ela anotou no mesmo post-it – e voltou ele pro lugar.

– Ligue num dia que quiser que eu lhe pague um almoço, um dia em que precise conversar... Quero só trocar algumas palavras com você... Você é uma ótima pessoa, uma excelente jornalista... tenho lido suas matérias...

Ela enrubescou e falou obrigada. E desligaram. Quem podia dizer que esse médico não era boa pessoa?

O pessoal começou a sair, falando tchau, até amanhã. Alexandre estava lá com um pedaço de papel entre os dedos, olhando malicioso para Ana. “Ai, ai!”, pensou ela.

– Tá aqui o telefone do trabalho do cara. Agora vamos ali na copa, você tira a sandália e me deixa beijar esse pezinho lindo.

A copa era pequena, tinha uma pia de azulejos azuis. Ana sentou na pia. Ele ajoelhou no chão e foi tirando

devagar a sandália, enquanto a garota ia fazendo cara de enfasiada.

– Ah, Alexandre! Pára com isso, meu pé está todo sujo... andei o dia inteiro! E essa sandália me dá um cheiro horrível!

– Tá ótimo, Ana! Fica quieta! Me dá cinco minutos!

– Cinco minutos!

E o rapaz deixou cair as duas sandálias de uma só vez. Apanhou os dois pés pelo tornozelo e encostou as duas plantas nas faces... inspirou fundo o cheiro de suor e chulé.

Ana estava com uma bermuda jeans larga e, ao abrir as pernas, Alexandre pensou sentir um pouco também do cheiro da boceta da moça. Ficou o cheiro salgado misturado ao doce – o pau dele duro, louco para sair.

Tirou a língua e se pôs a lambar as solas, entre os dedos, morder as calosidades... No princípio a garota achou nojento – mas se entregou e chegou a sentir algum prazer. Quando se preparava para pedir pro rapaz parar notou que ele estava com o pau pra fora, gozando copiosamente no chão de ladrilho. Ela deu um pulo.

– Você é um louco, Alê!

Agarrou o papel com o telefone do escritório do Luiz e saiu – deixando o outro lá, ajoelhado no chão, em meio a contrações.

Os dois Luízes estavam em uma mesa de canto no

boteco, tomando a primeira cerveja. A narração da história durou até a quinta.

– Foi isso!

– Puta-que-pariu!

– Mas olha... Podia ter sido muito pior! Imagine se o casal pega no sono e o rapaz vai atrás da sua filha?! Ele tava bêbado...

– Filho-da-puta!

– Eu te contei tudo isso mas falei pra ela que não ia contar. Aliás, só contei tudo mesmo, tintim por tintim, por conta do que a Virgínia me falou...

– ...

– Ela disse que vocês deviam procurar a polícia e contar tudo...

– ...

– ...pois o tal Francis pode querer se vingar!

– É mesmo!

– Então... A amiga da tua filha botou fogo na casa dele, porra! Você acha que ele vai ficar quieto?

– É verdade!

O pai falava com olhos esbugalhados. Luiz irradiava conhecimento...

– Vocês deviam ir até um delegado, contar tudo o que houve e pedir uma opinião!

– Pode ser... Preciso pensar.

Eles ficaram no bar mais um tempo, tomaram várias cervejas, estava muito calor e um temporal se aproximava. Por volta das dez e meia foram embora. Foi a conta de cada um chegar em casa e desabou um

toró que, certamente, ia estar na capa dos jornais no dia seguinte.

Em casa, Virgínia se preparava para falar com a Comissão no dia seguinte. E uma hora se pegava pensando em Luiz e em outra em Júlio. Mas não estava dividida: quando foi deitar se masturbou pensando no pau do namorado entrando bem fundo no cu. E gozou que até molhou o lençol.

Era bem engraçado que todos que saíam da Loja Maçônica Pai Oriente olhassem bem dos lados antes de ganhar a rua. Beto, Júlio e o dr. Mário fizeram o mesmo. Foram para os carros e partiram para a mesma choperia de costume, a mais badalada da cidade.

Outros bodes fraternos estavam lá. Júlio foi ao banheiro e, depois, esperou Beto e Mário se sentarem. Estrategicamente arrumou espaço ao lado do amigo dono do jornal.

Júlio então puxou conversa, ao pé do ouvido do amigo, para que ninguém escutasse – especialmente o advogado.

– Beto, vou te perguntar uma coisa.

– ...

– Quero que você responda com toda sinceridade do mundo.

Beto olhou fundo, por trás dos óculos grandes.

– Você vai responder de verdade para esse seu irmão?

– C-claro!

Segundos de silêncio.

– Você comeu a Virgínia?

Beto ficou confuso com a pergunta. Pensou em sorrir mas se conteve. O amigo falava muito a sério. Olhou firme.

– Não. Não tive tempo. Essa história do assassinato, da Comissão... Ainda bem que o juiz Diniz também é bode...

– Quero saber outra coisa...

O médico o interrompeu e olhou ainda mais fundo.

– Esse repórter, o Assis... Ou algum outro funcionário seu... Está comendo ela?

– N-não. Não!

Júlio estava estranho, estava sério e parecia fora de si com uma gravidade estranha.

– Não. Ninguém da redação teve nada com ela. Ela namora desde que começou a trabalhar lá... E o ritmo do trabalho não dá chance para esse tipo de coisa... O Assis gosta é de uns travecos no meio da noite. Tem uma mulher e filhos de fachada, o coitado... O negócio dele é cu de homem.

Outro instante de silêncio.

– Ô, Júlio... Me diz aí o que está acontecendo...

– Nada...

– Como nada, porra! Você tá falando comigo e quase me bota medo...

– Vou te falar... Você fica quieto?

– ...

– Eu vou sair com essa garota. Eu vou conquistar

ela. Eu vou ficar com ela. Largo minha mulher, que se foda que acabei de casar. Eu sempre tive todas as mulheres que eu quis... Mas essa Virgínia eu quero DE VERDADE!

Os olhos de Júlio quase saltavam das órbitas. Ele estava bem louco.

– E mais... Você falou da Comissão amanhã... Você ajuda essa garota! Ajuda ela como se estivesse ajudando a mim. Eu fico te devendo. Ela é boa jornalista, você sabe. Dá oportunidade para ela e eu faço minha parte... Você fica de olho nela pra mim...

– Ela... ela namora...

– Namora? Namora?

Ele estava fora de si.

– Foi amor à primeira vista, Beto. Ela entrou e meu coração disparou! Aí eu comi ela como nunca comi nenhuma outra e fiz ela gozar como nunca vi nenhuma gozar.

Júlio falou a frase um tom acima, o doutor Mário ouviu.

– Ôpa! Estão falando de alguma vagabundinha?...

Beto olhou para o advogado e fez cara de “não se intromete”.

– Olha, Mário. Esse é um assunto nosso aqui... Você não sabe...

– Ah, deve ser aquela moça que trabalha pro Beto e que gosta de dar o cu, né?

Ficaram todos em silêncio. O barulho do lugar, com todas as pessoas falando ao mesmo tempo encobriu o

xingamento de Júlio: “Filho-da-puta!”. Mas o xingamen-to não foi para o Mário, e sim para o Beto que tinha contado a história para o advogado. Voltou para o ouvido de Beto.

– Contou pra mais alguém, caralho?

– N-não... Conte para o Mário só por causa do... do Santos... Ah, que se foda!

Ele estava cansando da conversa. O Mário olhava com aquele olhar escroto dele, bolsas embaixo dos olhos, sobrelanceiras desgredhadas, um louco! E sentenciou:

– Fique tranqüilo, meu amigo... Eu também descarrego um caminhão de bucinhas por um cuzinho!

Estava encerrada a conversa.

Não eram nove da manhã e o PABX do escritório tocou. A telefonista passou a ligação para o Luiz do RH.

– Oi, Luiz... Você não me conhece... Meu nome é Ana... Eu venho te observando já tem um tempo e queria muito te conhecer...

– ...

– Será que não dá pra gente se encontrar qualquer hora dessas? Hoje, talvez...

– Olha, moça... Acho que você está enganada...

– Não! Você não é o Luiz? Você... tem namorada?

– Eu? Não, não...

“Ele titubeou, o filho-da-puta! Quer me conhecer mesmo tendo namorada!”

– Que ótimo! Vamos sair hoje... tem um tempo que estou pra te ligar...

Ela fazia voz sexy. Estava realmente gostando da brincadeira. Ah, se a Mônica soubesse!

– Olha... Isso tá com jeito de ser alguma brincadeira... É alguém aqui do escritório? Minha filha?

“Filha? O cara tinha filha? Isso Virgínia não mencionou! Seria outra pessoa? Teria o Alexandre se enganado? Ah, filho-da-puta!...”

– Filha? Você tem filha? Não sabia... Como é o nome dela?

– É Luciana... Olha, moça, realmente você deve ter se enganado...

“Ele não tem namorada, tampouco é casado – senão já teria dito. Mas tem filha. O Alexandre não pode ter se enganado!”

– Eu adoro crianças. Vamos sair... você tem com quem deixar ela?

– Ahn... Acho que já entendi... Você quer falar com...
o OUTRO Luiz...

– ...

– É que tem dois aqui no escritório. Eu sou divorciado, creio ser velho demais para você...

– Ops... desculpa...

– Não, tudo bem... Vivem confundindo essas ligações. Mas vai devagar aí com o garoto... É excelente pessoa – mas tem namorada!

Ele precisava dizer. A garota, ele percebeu, estava com muita sede. Era estranho – mulher não vai se entregando assim, nem se estiver muito a fim.

– Ah, tá... desculpa de novo...

– Tudo bem!

– ...

– Luiz! Ligação pra você na cinco...

Olhou para o xará do outro lado do escritório e deu uma piscadinha.

– Alô!

– Puxa... Comecei mal!

Ana ia se fazer de coitadinha agora. Já não tinha pique para a agressividade de antes.

– Quem fala?

– Ah, Luiz... Acho que estou cometendo um erro...

– Quem fala?

– Eu... Eu passo sempre aí perto do escritório e te vejo... E sempre quis falar com você mas nunca tive coragem... Hoje que a coragem veio e eu liguei... Acabei falando com a pessoa errada...

Luiz olhou e viu o amigo fazendo um gesto obsceno, como se comesse alguém invisível à sua frente.

Ele riu.

– ...e fiquei sabendo que você tem namorada.

– ...

– Você tem namorada?

– Tenho.

“Bom, pelo menos não mentiu sobre isso... Mas quero ver se ele vai se esquivar de me encontrar...”

– Bom, tudo bem... De repente, podemos ser amigos, né?

– É...

– Você namora hoje? Quer dizer... É que hoje estou meio tranqüila à noite e podíamos tomar um lanche...

Ana bateu na própria testa. Como ia reconhecer o rapaz? Não podiam marcar em um lugar cheio de gente!

– Áhn... Acho que vou passar na casa da minha namorada hoje, lá pelas oito... Ela dorme cedo... Depois...

– Que tal um sorvete?

La marcar na sorveteria próximo de casa, onde havia se encontrado com Virgínia: ela conhecia todas as caras da vizinhança!

– Tudo bem!

Ela explicou onde era e como estaria vestida. Soltou um “Uhu!” ao colocar o telefone no gancho.

Ela chegou primeiro que todo mundo. A audiência estava marcada para as nove horas – e não eram nem oito e meia! Vestia um preto básico, com saia que deixava à vista boa parte de suas pernas brancas – e contrastava! Estava nervosa, a mão suava.

Em seguida chegou Wilson. Ela o conhecia, tinha feito algumas matérias com ele. Era pessoa muito querida na cidade, mas tinha um palavreado bastante diferente da conduta... Um palavreado repleto de palavrões. Estavam somente ambos na sala de espera.

– E o filho-da-puta do seu patrão?

– ...

– Ainda não chegou?

– Não.

Ela teve vontade de dizer “você está vendo ele aqui, seu ignorante?”.

– Ele mete vocês em cada encrenca, hein? Eu sei que vocês fazem o que ele manda... Mas se sobrar alguma coisa aqui não vai ser para ele não...

Engoliu seco. Ele estava querendo intimidá-la, fazê-la perder o controle. Não devia dar ouvidos.

– Eu não entendo por que gente inteligente como você e o Assis vão trabalhar pra gente como... como ele! É um explorador da miséria, vocês sabem! E usa vocês!

“Nisso ele não está errado! Mas onde iríamos trabalhar? Só restava o outro diário, onde a realidade não era muito diferente...”.

– Aí vocês vão até a delegacia, são obrigados a presenciar os guardas açoitando...

Ele falou “açoitando” bem devagar, para dar mais peso à palavra.

– ...o assassino... e não podem falar nada. Vão até o presídio e ficam sabendo que os presos detonaram...

Falou “detonaram” do mesmo modo.

– ...o animal... e não podem escrever nada a respeito. Não podem dizer a verdade que sabem e sequer as suspeitas que têm!

– ...

– Vocês não são culpados de nada! Assassino é esse chefe de vocês que instituiu e mantém essa imprensa hipócrita de nossa cidade!

Ele estava quase a discursar, quando percebeu que chegavam, juntos, Beto e o dr. Mário. Beto parou para cumprimentá-lo, mas o dr. Mário passou como se ele não existisse, como se fosse um espectro que estava ali. Foi direto para Virgínia e estendeu-lhe a mão; ela não teve como deixar de cumprimentá-lo – afinal, era o cara que ia defendê-la!

– Bom dia, Virgínia... Está tudo... na ponta da língua?

A frase foi venenosa, mas ainda mais mortal foi o cheiro que exalava sua boca. Ela virou o rosto e não respondeu.

A porta se abriu, um rapazote com um papel disse os nomes e o Assis não havia chegado. Esperaram uns cinco minutos e apareceu o repórter, acompanhado de um engravatado. Beto quis saber.

– Quem é esse?

– Meu advogado, doutor Benedito.

– ...

– Não confio no seu Mário!

Virgínia esboçou um sorriso e se sentiu mais aliviada. Na certa as coisas mudariam entre Beto e o principal repórter do jornal depois dessa audiência.

Entraram. Mas o que se passou ali, diante de regras de “diz esse, diz aquele”, não interessa. Três pontos apenas a ressaltar.

Virgínia, questionada, alçava mão da máxima anotada, “lei de imprensa, etc.”. Assis, questionado sobre o que houve com Santos enquanto se encontravam na delegacia, saiu-se com essa:

– Sou culpado! Sou repórter experiente e não devia ter levado minha colega...

Apontou para Virgínia.

– ...para o encontro com esse animal. Ele tentou atacá-la e os guardas o seguraram, repreenderam. Na verdade, até os guardas estavam de olhos compridos para cima dela.

Ela ficou confusa.

– O senhor juiz pode ver que se trata de moça jovem e bonita e, dentro de uma delegacia, com nervos à flor da pele, essa presença revela alguns ânimos...

Assis a estava usando. E também usando seu poder narrativo que Virgínia só conhecia no papel.

– Imagine o senhor uma delegacia escura, alta noite, policiais irritados e cansados, cuidando de um marginal que – digamos a verdade! – fazia aflorar o instinto assassino em qualquer um que fosse... pai...

– ...

– E TODOS os guardas que ali estavam eram pais.

Certamente tivera o cuidado de checar essa informação. E sabia que também o juiz era pai.

– Viam também essa bela e frágil moça, no cumprimento do dever, ali... naquele local negro...

Virgínia quase riu. Ele estava dramático, receou que levantasse da cadeira para falar.

– Confundiram-se as emoções!

O juiz estava de olhos arregalados, acompanhando o discurso. Beto era só calma, confiante no experiente repórter. Não era a primeira vez que encarava um juiz.

Wilson, que desdenhara da retórica no começo, percebeu onde seria o fim do arrazoadado.

– O monstro se avançou nela e os guardas se avançaram nele, para contê-lo. Para contê-lo e para ensiná-lo a se controlar. Para proteger a moça como não puderam proteger a pobre outra, a morta, cuja família chorava lá fora!

A falação era emotiva e Beto aproveitou para assoar o nariz com estrondo. Tinha água nos olhos, o juiz. Virgínia, atônita.

– Eu estava lá e ajudei a segurar o animal. Se tiver que pagar por isso, pago. Ele está morto – não fui eu quem o matei! Errei apenas em levar a moça comigo, mas isso foi ordem de meu superior, o dono do jornal!

A barriga do Beto esfriou. Mas ficou tranquilo quando olhou para o dr. Mário e este lhe piscou suave, como se fosse um sinal de zape no truco.

Chegou um momento em que o dr. Mário abriu uma pasta e tirou uma primeira página do jornal. Era a página da entrevista com a mãe de Carlinhos, preparada pela repórter. A manchete garrafal era: “Monstro ou Vítima?”.

– Excelência... Essa matéria mostra bem a posição dos dois repórteres no caso. Eles entrevistaram a mãe de um dos assassinos, o menor Carlinhos. A mãe contou sobre as violências que o garoto sofreu... Ele foi estuprado por um bando e execrado pelo pai, que abandonou a família. A dupla de repórteres contextualizou os fatos e perguntou, na capa do jornal, se ele seria mesmo esse monstro que todos pensavam... ou se seria... resultado do meio.

A matéria era só de Virgínia, mas o hábil advogado colocava como se fosse de ambos e mais: como se o enfoque tivesse sido uma orientação da direção do jornal.

– Isso mostra que tanto eles como o jornal têm consciência das adversidades por trás de um crime... e que os envolvidos, afinal, são... seres humanos!

Outro momento se deu quando Wilson perguntou para Virgínia se Santos realmente a havia atacado... Ou se teria apenas dito uma frase...

– Mas não ousou dizer tal frase, por conta de sua baixeza.

Virgínia queria manter-se em silêncio, mas num ímpeto achou que podia ganhar aquela peleja.

– Não ousa dizer tal frase? O senhor é uma das pessoas mais boca-suja que já vi nessa cidade!

A platéia parou. O dr. Mário olhou bem para ela – até para repreendê-la.

– O senhor diz mais palavrões do que jamais escutei! Quando a gente estava esperando aí fora o senhor chamou meu patrão de filho-da-puta! Vai dizer que isso é mentira?

O pobre do Wilson procurava palavras, mas a moça castigou.

– O senhor vive querendo aparecer na imprensa, vive ligando para as redações em busca de um lugar nas manchetes como um abutre atrás de carniça! Como não dão espaço o senhor quer ferrar com todo mundo, com a imprensa toda.

Ela percebia que se excedia mas não tinha como voltar atrás.

– Agora quer usar esse caso para ter alguma projeção! O senhor perdeu! O senhor perdeu! Santos está morto! E o senhor pode dizer a frase que ele me disse quando me atacou, eu não me incomodo! Vamos, seu boca-suja! Diz a frase pro juiz...

O juiz estava tão atônito quanto Wilson.

– O Santos disse que queria... te comer o cu!

Mais silêncio. O juiz, por fim, levantou-se e disse que todos se fossem e que não havia causa alguma e que todos esquecessem aquela audiência estúpida!

O dr. Mário quis cumprimentar Virgínia na saída, mas a moça foi dar o braço ao Assis e saíram os dois rapidamente. Beto convidou o Mário prum café e ele aceitou rapidamente. O “sim” que ele disse ficou no ar como um pedaço de carniça esperando alguém cheirar.

Eles se abraçaram na porta do Fórum e Assis foi embora com o advogado. Não sobrou outra alternativa a Virgínia senão tomar um ônibus. Próximo do fórum havia um ponto.

Ela esperava lá, com euforia por terem se livrado daquela merda, quando passou, lentamente, com seu carro importado e olhos compridos... o dr. Júlio!

Na verdade ele sabia que aquela reunião estava acontecendo e que devia terminar por volta das onze.

Desmarcou as consultas daquela manhã e ficou por ali, nas imediações... louco para encontrar a moça.

Pois encontrou.

– Oi! Sobe... eu te dou uma carona!

Virgínia ficou meio confusa, mas estava tão radiante, queria tanto contar para alguém o que tinha acontecido que... entrou!

Eles trocaram um beijo no rosto, como fazem velhos amigos.

– Que surpresa!... Eu estava passando e vi você ali...

– Eu acabei de sair do Fórum...

– Algum problema?

– Teve uma reunião da Comissão de Direitos Humanos... Queriam saber mais coisas sobre o Santos, o assassino...

– Sei... Sei...

– E eu fui chamada... E deu tudo certo!

Os olhos dela brilharam. Era como se ela contasse sobre uma conquista muito pessoal. Ele ficou feliz por ela. Pensou bem que não podia deixar escapar essa chance de afinar seu relacionamento com a moça.

– Poxa! Me conta os detalhes! Que horas você entra no trabalho?

– O Beto pediu pra estar lá às duas...

– Nossa! Temos tempo! Vamos almoçar!

Ela pensou um instante. Mas não podia haver mal naquilo; que fossem almoçar! Dessa vez, ao contrário da outra, nada contaria ao Lu... Como bem instruiu a Ana... “Nossa! A Ana! Preciso ligar para ela!”.

– Tudo bem!

Júlio vasculhou mentalmente os locais interessantes e decidiu por um: um restaurante sofisticado que ficava no alto de um morro... Dali se avistava a cidade toda. Era um restaurante caro e pouco freqüentado, bastante utilizado por quem não queria ser visto. E foi para lá.

No almoço, os dois amigos sentaram juntos. Já era um hábito.

– Quem era a moça do telefone?

– Sei lá! Mas vou lá ver qual é!

Luiz ria consigo mesmo pela situação. Nunca tinha passado por aquela: ser abordado assim, tão diretamente.

– É estranho. Vai com calma. Alguma coisa não cheira bem!

– Ah, o que seria? E outra: falei para ela que namorava e vamos só tomar um sorvete. Pode ser uma puta baranga...

Os dois pratos-feitos chegaram. Naquele dia tinha carne de panela, a comida preferida de um deles.

– Estive pensando naquilo que você me falou, de ir conversar com o delegado...

– ...

– Mas achava melhor você falar novamente com a Luciana... Liga para ela e diz que você pensou e que acha melhor me contar a história toda. Acho que ela vai concordar...

- ...
 - E veja o que ela acha de falar com o delegado...
 - Tá. Eu ligo.
- E refestelaram-se nos PFs de um quilo cada.

Ela não estava acostumada a ambientes como aquele. Quando Júlio falou sobre almoçar lá, ela primeiro vibrou por dentro (nunca tinha ido, sempre ouvira falar) mas quase deixou escapar um “ah, não! é muito caro!”.

Agora estavam sentados naquela mesa grande. Havia apenas mais umas quatro ou cinco mesas ocupadas naquele grande salão. Uma das paredes do restaurante era de vidro e dava pra ver toda a cidade lá embaixo. Tudo meio marrom, por conta do pó que subia naquele meio-dia de primavera. No horizonte, cumulus-nimbus anunciavam chuva para o fim da tarde.

O garçom veio e interrompeu um falatório do médico. Já há algum tempo ele discorria sobre alguma coisa do noticiário internacional e Virgínia nem prestava atenção; só balançava a cabeça afirmativamente. Lá dentro, da cabeça, umas idéias dançavam junto com algumas dúvidas. A imagem do namorado vinha sempre. Mas poxa!, ela não estava fazendo nada demais!

- O que você quer comer?

Lembrou de uma brincadeira que Luiz sempre fazia quando surgia essa pergunta: “Qualquer coisa: é para cagar mesmo!”.

– Não sei, pode escolher você... Eu como de tudo!

Achou estranho responder aquilo; talvez demonstrasse uma falta de refinamento... Talvez mostrasse que ela sequer sabia pedir algo num restaurante sofisticado como aquele... Mas era a mais pura verdade.

Apanhou um cardápio para disfarçar que entendia um pouco... os nomes todos em línguas estrangeiras.

– Quer peixe? Aqui tem um filé de abadejo com molho de uvas que é ótimo!

“Uvas? Com peixe? De repente pode ficar bom!”

– Ah, pode ser... Eu adoro!

Corou um pouco por ter contado uma mentira, mas levantou o cardápio para disfarçar e tentou parecer fina.

– O abadejo e... um Risasso branco...

– ...

– Você toma uma taça de vinho no almoço?

– ãhn?

– Você me acompanha em uma taça de vinho?

Devia ser muito fino. Ela já tinha ouvido falar sobre vinho branco com peixe. Acho que foi o Luiz quem disse para ela uma vez que carne branca era com vinho branco e carne vermelha era com vinho tinto. Sim, isso ela lembrava. Ou tinha lido em alguma revista feminina.

– Ah, tomo... Mas só um golinho!

Ele deu um sorrisinho. E dispensou o garçom.

– Você nunca veio aqui?

Ela pensou em mentir que já – mas ora!, pra quê mentir? Ela não queria impressionar o sujeito! Era melhor dizer a verdade!

– Não. Eu frequento lugares que você não frequentaria... Almoço sempre por aí, geralmente onde é mais barato.

Ele riu e pensou na simplicidade da moça. Teve sempre a instrução das etiquetas, comeu sempre em bons restaurantes nunca se importando com o preço. Ficou ainda mais encantado com ela e com seu jeito. Estava completamente apaixonado.

– Não quis parecer esnobe ou te deixar constrangida por vir aqui... É que eu gosto mesmo daqui, eles têm uma cozinha ótima!

– Não, tudo bem! Eu estou gostando! Sempre tem a primeira vez, né?

A primeira vez. Pensou que a expressão pudesse ter outros significados para ele. Estava se enrolando.

– Se gostar, podemos voltar outras vezes. É só me ligar!

– ...

– Se não gostar... Podemos ir em outro lugar, uma outra vez.

Ele estava tentando prosseguir com a coisa e ela percebeu. Naquele momento ela devia deixar as coisas claras, ou ele confundiria tudo ainda mais.

– Olha, Júlio... Eu realmente gostei da cesta e estou gostando muito de vir aqui... Quer dizer, nunca teria dinheiro para pagar um almoço aqui. Você está me proporcionando algo legal, estamos conseguindo conversar sem... sem lembrar do que aconteceu... da primeira vez...

– ...

– Mas queria deixar bem claro que eu não sou uma... uma... garota qualquer! Você é casado, pelo que sei casou faz pouco tempo... Eu namoro há mais de um ano e amo meu namorado. Estou com uma dúvida cruel se conto ou não para ele sobre esse nosso almoço...

Ele achou estranho. Será mesmo que ela contaria? O rapaz poderia ficar bravo! O cara podia querer até mesmo brigar!

– Acho que não vou contar, o Luiz está meio nervoso...

– ...

– Então a gente pode ser amigo, conversar, talvez até sair outro dia... pra outro almoço. Mas não pense que a gente vai... vai... ficar! Nem nada parecido.

Ela quis falar “transar”, mas poderia acender alguma coisa nele.

Ele estava meio confuso. Não sabia se dizia “ah, tá certo, nem pensei nisso” ou “eu te amo!”. Optou por um meio termo, mas foi bastante direto:

– Olha, Virgínia... Eu não vou negar que estou bastante interessado em você. Depois “daquilo”, achei que pudesse ser uma obsessão, um desejo puramente... sexual!

Ela corou de novo, o vinho chegou e o garçom serviu um pouco na taça de Júlio para que ele experimentasse. O médico fez um gesto com a mão e o garçom serviu.

– Experimente esse vinho! Eles têm poucas garrafas

dele aqui, somente eu e mais uns dois ou três clientes costumamos pedir...

O vinho estava gelado, ela tomou um gole grande e achou delicioso.

– Como eu estava dizendo... Achei que era uma fixação. Mas aí comecei a pensar em você, a pensar, pensar... E vi que era algo... real o que eu estava sentindo! Eu tenho uma vontade de te conhecer melhor, de passear com você, de te levar em lugares onde você nunca esteve...

Segurou-se. Estava parecendo pedante, diante de uma garota simples, batalhadora.

– Não tenho sentido mais nada por minha esposa. Namoramos durante muito tempo, ela também é médica... As famílias se conhecem desde sempre. Foi um namoro e um casamento premeditados. É o que eu sinto. Também não tenho... prazer com ela!

Ela tomava o vinho mais rápido. Estava gostoso e queria se ocupar durante aquele falatório embaraçoso.

– Queria que você pensasse um pouco nessa possibilidade... Da gente ficar junto.

– ...

– É claro que eu teria que me separar e você deixar o seu namorado.

Ela franziu o cenho. Ele estava falando sério. Era sério! Como ninguém tinha falado com ela! Luiz dizia que a amava, mas sempre nos momentos íntimos... Nunca numa mesa de restaurante. Nunca daquele jeito tão direto. Nunca com tanta firmeza. Nunca projetando um... futuro!

– Eu só queria que você pensasse nisso durante alguns dias e depois a gente conversa.

O peixe chegou, ele mudou de assunto, voltou a falar sobre o aumento da temperatura global ou algo assim. O peixe estava ótimo, Virgínia nunca tinha comido algo igual. Não prestava atenção no que Júlio dizia – saboreava cada garfada do prato e martelava na cabeça a idéia de ficar com Júlio. Cada vez que a idéia aparecia ela colocava no lugar a imagem de Luiz e o seu pinto gostoso e o jeito que ele segurava seus braços e nos dois andando de moto... Fugia do pensamento.

Mas não dava para fugir totalmente. Tão logo erguia o olhar dava de cara com o médico. Camisa impecável branca, face lisa de barbear, sem espinhas, cabelo aparado, com um leve grisalhar nas têmporas, olhos vivos e fala loquaz, cheiro de colônia boa – importada, se duvidasse!

Pela parede de vidro, por onde se via a cidade, também dava para ver o carrão do médico no estacionamento. Ela nem sabia qual era a marca ou o modelo.

Lá pelas tantas, meia garrafa de vinho, lembrou que tinha que tinha que ir para o trabalho. Ia ter que trabalhar até mais tarde para dar conta do trampo, com certeza.

Ele a levou. Quando desceu do carro estendeu o rosto para um beijo e os lábios chegaram a se encostar. Ela estava levemente bêbada. Mas era só tomar uns dois cafés que tudo ia ficar bem. Ela estava estranhamente feliz. Júlio tinha uma ereção entre as pernas.

No final da tarde Luiz ligou para Virgínia. Disse que não estava se sentindo muito bem, que ia pra casa, que amanhã eles se encontravam. Ela disse tudo bem. Depois ele ligou para Luciana.

– Oi, é o Luiz... que trabalha com o seu pai...

– Ah, sei! E aí? Tudo bem?

– Eu é que pergunto...

– Tá tudo bem. A Carol tá bem, o Saulo encontrou o Francis e eles quase brigaram... Mas parece que o Francis estava arrependido... sei lá...

– Eu falei com a...

Ele ia falar “minha namorada” mas se deteve.

– ...uma amiga... que conhece a polícia, a rotina do pessoal... Ela sugeriu que vocês procurassem um delegado, fizessem um boletim de ocorrência de preservação de direitos... para caso o Francis decida dizer que foram vocês que botaram fogo na casa...

– ...

– Ela... essa amiga... pode arrumar a conversa com o delegado...

– Ah, não sei... Não entendo muito dessas coisas. Queria mesmo era imaginar que tudo isso passou.

Aí ela parou. Talvez essa história do delegado fosse uma oportunidade de encontrar Luiz de novo. Ela tinha gostado dele.

– Mas a gente pode se encontrar, você explica isso direito pra mim...

Ele achou estranho. O que estava acontecendo? De repente duas garotas querendo se encontrar com ele? Isso, definitivamente, não era normal. Mas, no caso de Luciana, pensou, era só para uma orientação... Aquela garotinha nova e... virgem!, certamente não queria nada com ele.

– Bom, a gente pode se encontrar. Eu comentei por alto com o seu pai sobre o que aconteceu...

– Mas...

– Eu sei... Eu falei que não ia contar. Mas falei com essa “amiga” e vi que o caso poderia se agravar... Eu não entrei em detalhes com seu pai, disse que foi uma... espécie de acidente!

– ...

– Vamos fazer o seguinte: bate um papo com o seu pai. Amanhã você me liga e, se tudo correr bem, a gente se vê no final da noite, quando você voltar da faculdade... Pode ser?

– Tudo bem... Mas... eu não queria falar com ele sobre isso. Queria que isso... sumisse da minha vida!

– É um problema – e quando surge um desses a gente tem que enfrentar e resolver!

Luiz pensou que estava falando como um adulto, com muita responsabilidade. Luciana gostou de ouvir isso, do outro lado. Ia falar com o pai e talvez amanhã voltasse a ver Luiz – a idéia lhe agradava.

Despediram-se. O rapaz voou para casa. Precisava se aprontar para o encontro com a fã na sorveteria. E tinha que ir... apresentável. Estava agitado.

“O negócio é meter uma cerveja nele e arrastá-lo aqui pra casa”, pensava Ana. A Mônica estava farejando alguma coisa, mas certamente não apareceria sem avisar, não era indiscreta ou ciumenta a esse ponto.

A idéia de trepar com um homem agradava Ana – fazia tempo que era só boceta e chupada e aquele vibradorzinho de merda. Queria um cara metendo lá de verdade!

Botou uma mini-saia curta e uma calcinha pequena, vermelha, bem enfiada. Passou sombra nos olhos – coisa que não fazia há tempos.

Virgínia estava bastante aborrecida por voltar para casa de ônibus. Não agüentava mais aquele ônibus lotado, aquele povo fedido. As ruas estavam movimentadas por causa do calor e pela proximidade do Natal. Saco! Logo chegaria a hora de comprar presentes e daquela ladainha toda de cantorias e tios chatos e do choro da mãe sentimental lembrando o pai morto. Achou estranho se aborrecer com o Natal – ela!, que tanto gostava antigamente!

“Que será que eu compro pro Luiz?”

Chegou em casa, a mãe fazia um frango ao molho e o cheiro estava na casa toda. Era o prato preferido da filha. Enquanto ela comia, pensava no peixe ao molho

de uvas. Quase contou para a mãe sobre o almoço – mas só contou, com orgulho, algumas partes da reunião da comissão. A mãe ficou também orgulhosa.

Depois dividiram o sofá e assistiram novela com o ventilador ligado.

Luiz chegou primeiro na sorveteria. Não podia parecer ansioso, mas cada garota que entrava lhe disparava o coração. Ana estava há uns 50 metros do local quando viu a moto e o rapaz sentado com o capacete nos pés. Era ele. “Não parece feio”, pensou.

– Oi, Luiz!

– Ah... Você é a Ana? Tudo bem?

– Ah, tudo bem! E você?

– Tudo.

Ele levantou para cumprimentá-la, deu um beijo no rosto. Sentaram-se.

– Mas... e daí? De onde você me conhece?

Ela tinha pensado em falar várias coisas. Na hora, mudou os planos. Ele tinha cara de quem cairia em qualquer desculpa esfarrapada. E também parecia bastante ansioso.

– Na verdade... Eu só te vi duas vezes, quando passava em frente ao escritório... E pensei: “qualquer dia crio coragem e ligo pra esse cara”. Até que liguei.

Ele fez cara de satisfação. Ela queria sorvete?

– Ah, vamos tomar uma cerveja! Tá um calor, né?

Começaram a beber. Ele perguntando sempre sobre ela, ela sempre se esquivando e querendo saber mais sobre ele. Ele foi contando. Contou a vida toda, a história toda, a decisão de sair de casa e morar sozinho, as dificuldades e tal...

– Não reclamo! Moro num apê pequeno, mas legal. Tem uma varandinha legal, com uma vista interessante... Tenho uma moto, não é grande coisa... Mas no ano que vem compro um carro!

– ...

– Também pode ser que pinte uma promoção lá no escritório.

“Que chatice!”, pensou Ana. “Esse cara é um chato, deve ser totalmente alheio à realidade, não deve saber de nada que se passa no mundo, não deve nem acessar Internet! Só se for mesmo muito bom de cama, coisa que eu não acredito! E, ainda por cima, fuma como um louco!”.

Estavam na quinta ou sexta cerveja quando Ana decidiu ousar.

– Eu moro aqui do lado... Uns dois quarteirões... Tem cerva lá.

– ...

– Vamos tomar uma lá?

Ele pensou um pouco. Tinha que ir ao banheiro. Não dava pra dizer não.

– Vamos... Só vou dar um pulinho no banheiro antes...

Respirou fundo e foi se dirigindo ao banheiro,

pensando. Se fosse até a casa da garota certamente transariam!

Olhou fixamente no espelho e pensou em Virgínia. “Putz, o que eu vou fazer?”.

“Não é certo ficar com essa garota! Primeiro vou criar uma expectativa para ela, depois vou frustrá-la. Segundo; vou estar sacaneando Virgínia, de quem eu gosto pacas...”

Os pensamentos se confundiam. “Mas bem que poderia dar o troco na Vi por causa do médico! E ela nunca poderia ficar sabendo sobre essa garota! Por outro lado... essa garota... ela sabe onde eu trabalho! Pode ser alguma garota problemática que vai ficar no meu pé, que vai aparecer lá no escritório e dar escândalo!”.

Ele odiava escândalo. “Também estou sem preservativo! Nem pensei em comprar... Não achei que fosse acontecer... algo... pelo menos... Não hoje!”.

Decidiu que iria sim à casa de Ana, mas que não transaria. Inventaria qualquer desculpa.

Por um segundo, pensou em Luciana. Que diferença entre essas duas!

“Essa Ana deve ser uma pervertida que só faz isso: vê os homens, tem vontade de transar, liga para eles e... vai até o fim! Que vaca!”.

Em um segundo seguinte, pensou que a garota era realmente gostosa!

“Que par de coxas! E fica cruzando e descruzando as pernas! Não acredito que não vou comer ela!”.

A cabeça fervilhava. Já fazia um tempo que estava com o pau na mão, tinha acabado de mijar. E não parava de pensar.

Ia até a casa dela sim. E ia ver o que acontecia.

Botou Ana na garupa. Ela estava sem capacete, mas era perto e não ia acontecer nada. Não aconteceu. Pelo menos não no caminho.

O pai esperava a filha no carro, o ônibus estava bem atrasado. Estava cansado, com sono. Ela chegou, entrou. Foi logo falando.

– Pai... O Luiz contou para você sobre o que aconteceu no sábado, né?

– ...

– Ele me falou. Falou sobre o delegado e tudo... Você acha que devemos falar com a polícia?

– Não sei, filha. Você não acha esse rapaz, o dono da casa, o...

– Francis.

– Isso! Um tipo... perigoso?

Ela pensou um pouco.

– Pode até ser. Mas não creio que ele vá fazer algo contra mim. Eu... não tive participação em nada...

– Então acho que você devia passar a bola para a sua amiga e o namorado dela. Se eles acharem que devem... que procurem a polícia. O Luiz pode dar uma força...

– ...

– Ele não... A namorada dele!

“Namorada? Ele falou que era uma amiga que podia ajudar; Por que diria ‘amiga’ se, na verdade, era ‘namorada’?”

– Esse Luiz é mesmo gente boa, né, pai?

Ele entendeu a insinuação na pergunta. A filha deveria estar meio interessada no amigo.

– Ele é muito gente boa. Mas namora e é muito velho para você!

– Ah, pai! Você entende tudo errado! Não quero nada com ele... A gente vai se encontrar amanhã, para discutir sobre... esse lance do delegado.

– Seria bom que levasse a sua amiga, a...

– Carol.

– E o namorado dela, o...

– Saulo.

– Isso!

– Tá. Eu vou convidar eles para irem junto...

O cheiro era muito bom na casa de Ana. Ela tinha acendido um incenso quando saiu, mas Luiz não sabia.

– Quer cerveja ou... alguma coisa mais forte?

– Cerveja tá bom.

Ele sentou no sofá, ela veio com duas latas. Não podia perder tempo, pensou ela. Apagou uma das luzes, criou uma penumbra, entregou uma lata e sentou no colo dele.

– Ähn... Ana... é que...

Ela calou ele com um beijo. Ele gostou. Fazia tempo que não beijava uma boca diferente. As coisas avançaram. Ela pegou na mão dele e colocou sobre sua coxa. O pau dele estremecia de duro dentro da calça. Foram poucos minutos até ela estar de joelhos no chão, chupando-o.

Ele jogou a cabeça para trás e relaxou. Num momento pensou em gozar... Mas não sabia se a garota ia gostar que ele despejasse ali, na boca dela. Também pensou que talvez pudesse comê-la...

– Eu... eu não tenho camisinha...

“Que amador!”, pensou ela.

– Eu tenho. Espera aí.

Saiu, foi até o quarto, abriu a gaveta e pegou um preservativo. Ao lado da caixa estava o vibrador, o mesmo que usara com Virgínia. Pegou também.

Ele tinha tirado a camisa. Só pensava em comer aquela baixinha gostosa, a namorada nem lhe ia pela mente.

Sem que ele percebesse, ela deixou o vibrador ao lado do sofá, no chão. E voltou a chupá-lo. Depois abriu o preservativo, enfiou na boca e, habilmente, colocou no pinto do rapaz – ele nunca tinha visto aquilo antes!

Aí, ficou em pé, virou-se de costas para ele e começou a se despir devagar. Quando tirou a saia, ele viu a calcinha e quase gozou. Ela tirou devagar, ainda de costas, empinando a bunda. Ele pôde ver o cuzinho e aquela fenda maravilhosa, gordinha, succulenta. Ela virou-se.

Os peitos eram grandes, maravilhosos. Nunca teve

uma garota com peitos tão fartos e empinados. Percebendo a atração de Luiz pelo colo, passou as mãos e juntou os peitos lascivamente. Depois deitou no chão com as pernas abertas e falou “vem”!

Ele tirou as calças, passou a mão devagar pela boceta quente da garota e percebeu que estava bem molhada. Ela estava excitada pois tudo acontecia como previra. Ia ser divertido falar sobre aquilo com Virgínia – nem que ela a odiasse para sempre!

– Mete aqui, enfia teu pau aqui na minha bucetinha!

Ele obedeceu. Começou a mexer devagar, segurando para não explodir. A cerveja ajudava a controlar o gozo.

– Vai devagar, não goza. Depois quero que você coma a minha bundinha.

A palavra “bundinha” fez ele pensar rapidamente na namorada, mas Ana subiu e enfiou a língua em sua boca roubando qualquer pensamento que não fosse de sexo e volúpia daquele instante.

Ficaram assim por um tempo, depois ela o virou, subiu por cima dele e ficou de cócoras, com os pés plantados no chão, subindo e descendo nas panturrilhas, a vagina completamente aberta e visível para ele. Ainda por cima e sem tirá-lo de dentro, virou-se de costas e continuou no sobe-e-desce, mostrando novamente o cu bonito e, agora, meio melado da lubrificação da vagina.

Ficou em pé, repentinamente. “É um banana. Me deixa controlar totalmente a situação. Vamos ver como vai se sair...”.

– Quer comer meu cu?

– Ähn...

– Mete aqui!

E se abaixou, quase esfregando o cu na cara dele.

– Você quer mesmo?

– Quero... Olha... Pega esse vibrador e enfia um pouco em mim...

Ele achou estranho, mas não podia deixar de fazer. Estava excitadíssimo, quase sem palavras. Ela ficou de quatro, como havia ficado com Virgínia. Passou a mão na língua e esfregou aquele pouco de saliva no orifício, esperando Luiz. Ele ficou de joelhos, meteu o pau na boceta e começou a introduzir devagar o vibrador no cuzinho. Ana sentiu um tesão intenso e decidiu se entregar a um gozo que veio rápido e durou dois segundos. Dentro dela, ele sentiu.

Depois de ter segurado por tanto tempo, achava que não ia conseguir gozar. Rapidamente Ana fez com que ele deitasse, tirou o preservativo, e começou a chupá-lo. Com o vibrador em uma das mãos, acariciava o períneo e introduzia um pouco do vibrador nele. Ele gozou na boca dela, na cara, caiu no tapete.

Satisfeita, decidiu que queria agora apressar a partida dele, queria vê-lo fora dali o mais rápido possível. Levantou-se, tomou um gole de cerveja.

– Nossa! É mais de meia noite! Amanhã preciso acordar cedo!

– ...

– Você se importa de ir embora? Eu te ligo...

– Não, tudo bem... desculpa...

Foi se levantando, se vestindo, e Ana... ajeitando as coisas, vestiu-se um pouco.

– Eu é que peço desculpa... Não vi a hora... Me liga durante a semana?

– Ahn... Tudo bem!

Abriu a porta e nem acompanhou-o até o portão. Ele montou na moto e partiu. No caminho, tinha um sorriso idiota na cara. “Que trepada! Virgínia nunca vai ficar sabendo!”. Ela: “Amanhã ligo pra Virgínia e conto tudo!”.

No posto, no outro dia, Luiz sentiu falta dos bigodudos. A moça do caixa também estava estranha. Mas ele não disse nada e foi pro trabalho.

O Luiz do RH sabia do encontro na noite anterior e, tão logo viu o amigo, deu uma piscadela. O outro respondeu com um sorrisinho. Mas quando sentou, pensou um pouco.

“O Luiz vai querer saber o que aconteceu e eu gostaria muito de contar. Mas ele vai me achar um safado, tendo traído Virgínia. Não vai dizer, pois é educado, mas vai pensar no que aconteceu... antes. Pode ser até que me pergunte se eu vou contar pra ela. Será que ele seria capaz de falar sobre isso com... a filha?”

Decidiu que não contaria para o amigo a orgia da

noite. Diria apenas que se encontraram, que a garota é interessante... Mas que não rolou nada.

A manhã voou, a proximidade do final do ano acirrava os trabalhos. Estava um calor infernal. Mal reparou, e já era hora do almoço. O amigo veio lhe chamar.

– Não tente escapar do almoço... Quero saber tudo!

Ele sorriu e saíram para o self-service. Ou “selvserv”, como dizia o Luiz ...

Virgínia acordou com uma dor de cabeça forte. Tomou apenas café e um remédio. Sentia o corpo pesar dentro do ônibus e entrou na redação com um desânimo que se fez notar. Talvez uma gripe se aproximasse, pensou. O calor fazia com que ela suasse debaixo do braço marcando um pouco a blusa – e isso a incomodava.

Teve uma pequena vertigem e foi até o banheiro achando que ia vomitar. Enquanto estava lá tocou o telefone e Valéria atendeu. Era Ana – anotou o recado. Quando Virgínia voltou viu o recado mas não quis ligar, estava sem ânimo para qualquer coisa.

– Valéria... Não estou me sentindo muito bem. Se o telefone tocar você atende? Se for essa Ana, eu não estou...

– Tudo bem!

Foi com dificuldade que trabalhou até a hora do almoço – e não quis sair para comer. Ana ligou mais três ou quatro vezes, ela não atendeu nenhuma. Assis veio contar que a polícia tinha desistido de achar Dé e Carlinhos, achavam que os dois estavam fora do Estado.

O colega perguntou se ela estava bem e ela não soube responder. Não esperou dar o horário e saiu sem avisar ninguém, chamando um táxi e indo quieta para casa. A mãe a esperava com um chá, que ela tomou indo, logo, enfiar-se debaixo de cobertas.

– E aí? Como é que foi ontem?

Luiz fazia um certo mistério, um pouco por não saber como contar.

– Eu fui até a sorveteria e encontrei a garota... Ela é legal. Tomamos umas cervejas, falamos da vida... e eu fui embora.

– ...

– Não aconteceu nada. É apenas uma garota interessante que achou que podia gostar de mim... Mas só batemos papo mesmo...

O amigo era experiente demais para saber que o rapaz estava mentindo. Mas por quê?

– No telefone ela parecia... bastante animada! Aí vocês... só conversaram?

– É... O que você queria? Que na primeira vez que a gente se visse... Já acontecesse alguma coisa?

Ficou parecendo que ele queria encontrar a garota de novo. Não era isso que ele queria dizer.

– Talvez eu a encontre de novo, a agente trocou telefone... Mas eu... realmente... não estou interessado nela.

O almoço chegou, começaram a comer. Um bom silêncio se abriu entre eles.

– Falei com a Luciana ontem.

– ...

– Sobre a história do delegado.

– Sei.

– Ela disse que não teve participação direta no incêndio... e acha que o rapaz não vai atormentá-la... Em todo caso, a ajuda poderia ser útil para a amiga e o namorado... A Carol...

– E o Saulo...

– ...isso!

– ...

– Acho que ela tem razão. Mas a gente devia se intrometer? Quero dizer, o casal é que devia se preocupar...

Mais silêncio.

– Acho que a Luciana vai querer ajudá-los. A minha filha é assim... ela é cheia de problemas... a separação da mãe...

– ...

– Isso faz com que ela adore ajudar as pessoas... se sente útil... amada.

– Tudo bem. Falo com a Luciana hoje e, se ela quiser, a gente orienta a Carol e o namorado.

– ...

– Mas não dá para dizer que ambos não tiveram uma parcela de culpa no que aconteceu!

O outro arqueou as sobrancelhas meio indignado.

– É, Luiz. O rapaz bebeu demais... E ficou em cima da namorada... no sofá... provocando o tal Francis e a sua filha. Luciana teve sorte, um momento de presença de espírito para sair da sala e ir se trancar no carro. A Carol e o namorado deviam saber que aquele não era o melhor local para... para... fazer o que estavam fazendo.

– Você sabe como são esses jovens... Eu já fui jovem... Se deixam levar e, quando menos percebem, as coisas estão acontecendo...

– É. Mas veja sua filha: não se deixou levar pela situação... E olha que ela também tinha bebido...

Luiz estava sendo um pouco rude. Queria proteger Luciana, mas não queria se envolver para ajudar um... casal de inconseqüentes. Ia ter que pedir para Virgínia intermediar com o delegado e talvez até acompanhar os dois à delegacia... Tudo... pra quê? Que ganharia com aquilo?

– Falei para Luciana chamar a Carol e o Saulo para a conversa que vocês terão à noite... Você pode conversar um pouco com eles e... aí deixa por conta deles.

“Ah! Achei que ia conversar só com a Luciana e agora me aparecem esses dois!”. Ficou frustrado.

– A essa altura, quanto menos sua filha se envolver, melhor!

O pai assentiu. Eles acabaram de almoçar mas ficaram um pouco sentados, esperando dar o horário para voltarem aos números. Foi quando o pai da garota resolveu tocar no assunto.

– A Luciana nunca namorou.

– ...

– Ela nunca teve um namorado. Umas poucas vezes, saiu com alguém... De vez em quando um ou outro amigo passa apanhá-la para um cinema... Mas namorar... ela nunca namorou!

– Que estranho...

– É. Eu acho...

– ...

– Que ela é virgem!

Luiz engoliu seco. Sabia que a garota era de fato virgem. Mas não podia confirmar a suspeita do pai. Nem ele sabia ao certo por que Luciana havia lhe confidenciado isso. Fez cara de espanto para dar corda.

– Aconteceu algo... Quando... Ela tinha 13 anos.

Uma certa apreensão tomou conta do peito de Luiz e o pai falava quase sem emoção.

– Eu acho que ela tem alguma dificuldade com sexo pois... quando tinha essa idade, 13 anos, um tio... irmão da minha ex-mulher... tentou transar com ela!

Um pequeno arroto subiu pela garganta de Luiz trazendo um resquício do almoço. Ele engoliu de volta. A cabeça rodou e ele procurou os olhos do amigo.

– Não aconteceu nada... A gente tem certeza. Ele se ofereceu para dar carona para a Luciana até o colégio. Ela estudava no período da tarde, entrava à uma. Eles saíram de casa meio atrasados... Por sorte, naquele dia ia haver uma prova na primeira aula e a professora, vendo que a aluna aplicada ainda não tinha chegado, ligou para minha casa. Fiquei preocupado, achando que pudesse ter acontecido um acidente...

– ...

– Peguei o carro e fiz o caminho habitual até o colégio. Ao passar por uma praça meio deserta vi o carro do meu cunhado... E percebi que alguma coisa acontecia lá dentro.

– ...

– Quando cheguei ela estava quase nua e se debatia. Ele estava com as calças arriadas. Não tive dúvida e quebrei o vidro com a mão, arrancando o animal pela janela. Algumas pessoas passavam e me seguraram, senão tinha matado o sujeito.

– ...

– Bati com a cabeça dele na calçada umas quatro ou cinco vezes. Quebrei-lhe todos os dentes. Todos! Ele teve também um pequeno traumatismo, mas se recuperou. Depois de meses no hospital, foi para casa e acabou se mudando para outro Estado.

– Nossa!

– A Luciana ficou muito abalada, perdeu todo ano do colégio. Foi difícil segurar a história toda para que não... vazasse. Sabe como é, né?

Luiz, transtornado, fez que sim com a cabeça sem saber ao certo.

– Ele... Esse animal... tentou sodomizá-la...

– ...

– Mas não teve sucesso. Isso gerou um trauma e Luciana não conseguia mais... urinar ou defecar...

O homem dizia as palavras com cuidado. Luiz pensou por um instante sobre o motivo de tanta confissão. Ficou calado, escutando atento.

– Segurou tanto as fezes que, num determinado momento, teve que sofrer uma cirurgia...

– ...

– Uma das coisas que agravou a situação toda... foi a postura da mãe no episódio...

– ...

– A mãe dela, minha ex-mulher, achou que eu tinha exagerado na punição do irmão e que Luciana estava... “fazendo drama” sobre aquilo tudo...

– Que filha-da-puta!

– Pois é! A menina ficava trancada no quarto, quase sem comer e nunca ia ao banheiro... e a mãe gritava para ela parar de “fazer drama”. “Parece que o mundo acabou!”, gritava.

– ...

– Quando a mãe... saiu de casa... creio que Luciana tenha ficado um pouco aliviada. Depois desse incidente elas nunca mais tiveram grande contato ou afeição...

Luiz estava com o olhar perdido no horizonte pensando em tudo aquilo. Que tragédia, que horror! Uma garota tão bonita, tão meiga! Pensou nela com ternura e lembrou dos olhos negros, brilhantes. Certamente era por esse motivo que fugia do sexo. No caso do incêndio, talvez até mesmo sentisse alguma atração pelo Francis, mas sabia que não podia corresponder com... o que ele esperava! Por isso foi se isolar no carro!

– Olha, Luiz... Desculpa te contar isso. Faz dez anos! Mas é que eu queria contar para alguém... Penso que

talvez seja o momento da Luciana fazer uma terapia...
Será que vai ser sempre uma jovem infeliz?

– Acho que uma terapia pode ajudar...

Ele disse isso sem saber o motivo. As palavras escaparam de sua boca. Sequer sabia como funcionava uma terapia. Nunca tinha feito e jamais conheceu alguém que fizera. Falou por não saber o que falar. Sentia o peito apertado de dó.

O amigo olhou no relógio de pulso e chamou ambos à rotina.

Final do dia, Luiz liga para o jornal e não encontra a namorada. Liga pra casa dela.

– Ela está deitada... Acho que é gripe, chegou e deitou!

– Ah. Puxa! Acho que vou dar um pulo até aí mais tarde para saber como ela está.

– Dá uma ligada antes...

– Tá!

Pensa que gostaria muito de estar com Virgínia, transar com ela... A trepada da noite anterior foi ótima mas... sentia a consciência pesada. Queria comprar um presente para a namorada, sair com ela, fazê-la rir.

Montou na moto, voou para casa, tomou um bom banho e fez uma hora para ligar de novo.

– Ela ainda está deitada. Você quer que eu chame...

– Não...

Mas lá do quarto ela tinha ouvido o telefone tocar e já estava em pé.

– Oi, Lu...

– Oi, amor!

– Passei mal o dia todo... estava com uma dor no corpo, um mal-estar... Tirei um cochilo e agora estou melhor...

– Quer sair? Pensei que a gente pudesse dar uma volta... Comer um lanche, vir aqui pra casa...

– Sei lá... Não quero comer! Estou sem um pinga de fome. Mas podemos ir até aí... Namorar um pouco...

“Namorar um pouco” foi dito em voz mais baixa que o normal para a mãe não escutar.

– Tudo bem... Vou dar um pulo aí, tá?

– Tá!

Virgínia espreguiçou-se. A mãe perguntou se queria comer algo e ela respondeu que não; ia sair com o Luiz.

Foi até o banheiro e se demorou olhando no espelho. Viu que uns pés-de-galinha apareciam nos cantos dos olhos, que a pele da face, nas bochechas, estava vermelha, meio que esfarelado. Esticou os lábios e pôs os dentes à mostra... Fazia tempo que não visitava um dentista, umas cáries se formavam entre os caninos. Tirou a língua para fora, estava amarela... O gosto na boca era horrível.

Passou a mão nos cabelos. Estava despenteada de cama. Parecia uma louca, pensou. Tirou a roupa. Na ponta dos pés conseguiu ver os peitos no espelho. Não tinha peitos bonitos, pensou. Não eram grandes

nem pequenos, eram meio caídos, nada que chamasse a atenção num decote... Tentou mirar a bunda também no espelho, mas não conseguiu. Bateu com as mãos nas nádegas e sentiu que elas pulavam. “Como gelatina!”. Precisava de exercícios, pensou.

Suspirou. Ergueu a tampa do vaso e sentou para ver se conseguia cagar. Ficou lá por alguns minutos mas só conseguiu dois ou três peidos. Ligou o chuveiro e tomou um demorado banho quente. Estava se trocando quando ouviu a buzina da moto de Luiz.

Ana e Mônica conversavam alegremente na casa da primeira.

– Vamos fugir pra São Paulo no ano que vem, deixar essa merda de cidade? Ah, Ana, eu não agüento mais!

– Hahaha... de novo essa história de fugir? Pô, a agência tá indo super bem, tou ganhando uma grana boa, vou trocar o carro. Seu trampo também é bom... pra quê mudar?

– Ah, sei lá! Aqui rola muito esse lance de preconceito... a gente não pode assumir nosso relacionamento...

– E por que a gente precisa assumir? A gente tá super bem... Você quer beijar em público? Eu não gosto dessa coisa de ficar se exibindo...

Mônica abriu a geladeira e pegou mais uma latinha. Elas dividiam a cerveja em duas taças enquanto comiam azeitonas.

– Mas pense em uma coisa: se aqui estamos bem, em São Paulo podemos ficar melhor! Imagine você em uma grande agência na capital... Eu peço transferência do banco... A gente aluga um apê legal... Pô... e os amigos que a gente pode fazer lá!

– Bom, isso é verdade! Difícil arrumar amigos de verdade por aqui... Ô, pessoalzinho de merda nessa cidade!

– Então... Eu não agüento mais sair com a galera do banco pra beber depois do expediente. Nem ter que ir nessa droga de cinema que tem aqui... só passa filme merda!

Ana ficou pensando num instante. O dinheiro guardado para trocar o carro poderia servir para que ela e a namorada conseguissem se manter por, pelo menos, uns seis meses em São Paulo. Poderia ser um grande barato! Se tudo desse errado, elas poderiam voltar... e ela reassumiria o lugar na agência com certeza!

O problema, pensava agora, era justamente assumir esse compromisso com a Mônica. Desde que descobriu sua atração também (e com mais intensidade) por garotas, a Mônica era aquela que mais prazer lhe dava... Ela era realmente ótima na chupada e não tinha qualquer preconceito quanto a brinquedinhos ou fantasias. Também não tinha nenhum ciúme doentio ou ficava pegando no pé – o que deixava espaço para que Ana pudesse dar suas saidinhas às escondidas, inclusive com garotos, quando a vontade batia.

Mas ela não sabia se queria viver com a Mônica,

dividir um teto, assumi-la como parceira fixa. Tinha dúvidas...

Mônica sentou no colo de Ana e deu um beijo demorado, enfiando sua língua fundo na boca da namorada. Enquanto se beijavam, Ana pensava na conversa que teria com Virgínia... não havia conseguido falar com ela durante todo o dia – e também não quis ligar na casa dela. Pensou que não havia necessidade de pressa. E ficou com mais tesão por se sentir má.

– Mônica... hoje eu quero pegar o chicotinho!

– Pega lá, gostosa!

Virgínia estava bonita, vestia uma calça jeans e jaqueta, apesar do calor. Luiz deu um beijo nela e sentiu, na saliva, resquícios de febre.

– Tá tudo bem?

– Tou melhor... Preciso dar uma saída...

Montaram na moto e foram para o apê de Luiz. No caminho, ela se agarrava nele como se quisesse segurá-lo apertado contra o peito.

Eles entraram e ela foi ligar a TV, estava passando o jornal. Ele pegou uma cerveja e não ofereceu para ela, certamente não ia querer. Sentaram no sofá e começaram a se beijar. Beijaram-se por bastante tempo, até que ela desceu a mão pela camisa do namorado e procurou o pau duro dele dentro da calça. Não achou.

– Você... Tá sem tesão?

– ...

– Cadê meu pau gostoso?

Luiz achou estranho. O pau não estava duro.

Colocou a lata de cerveja no chão e desabotoou a calça, baixou o zíper e deixou cair de lado o pinto somente semi-ereto.

– Tá aqui!

Ela se ajeitou no sofá e colocou o pau na boca, chupando devagar. Enquanto chupava esfregou as coxas e sentiu que não estava molhada. Também achou estranho... Queria trepar mas parecia que o corpo não estava a fim.

Por alguns instantes ela ficou chupando devagar, dando beijos na cabeça vermelha de Luiz – ele bebericando a cerveja. Então ela ficou de pé e começou a tirar a roupa.

Tirava devagar, ainda preocupada com a falta de lubrificação. “O Lu dá uma chupada e fica tudo bem”, pensou. Mas quando acabou de se despir olhou para o pau do namorado e viu que ele estava novamente meia bomba.

– ...

– Vamos lá pra cama que dá tudo certo.

Foram para a cama. Ela abriu as pernas, como que convidando o rapaz para a chupada. Ele foi.

Passou a língua devagar de baixo para cima, do cu até o clitóris. Demorou um pouco ali, brincando com o grelo. Reparou que ela não estava molhada, mas não falou nada. Queria ficar ali durante algum tempo para

ver se o pau reagia. Lá embaixo, o pinto estava murcho.

Virgínia começou a ficar excitada. Ela era assim: bastava uma chupada, e ela já acendia.

– Mete em mim!

– ...

Ele passou a mão pelo pau e percebeu que não estava duro. Nem um pouco!

– Preciso de uma ajuda sua!

Ficou de joelhos sobre a cama e enfiou o pinto mole na boca da namorada. Ela achou estranho, aquilo nunca tinha acontecido. Succionou e o pau cresceu... Mas agora, novamente era ela quem estava broxa: tinha secado!

Ele desceu e encurvou o pau para penetrar quando reparou na dificuldade. Olhou para ela...

– Hoje tá difícil...

– Ah... eu tô cansada... acho que tou doente...

Ele caiu de lado, os dois olhando pro teto. A janela estava aberta e entrava uma brisa.

– Tá meio frio... pega um lençol.

Ele levantou, foi até o guarda-roupa, apanhou um lençol e estendeu sobre ela. Não estava frio, a namorada devia estar mesmo doente. Deitou.

Ela ficava pensando no almoço com o Júlio, ele na trepada com Ana. Ela perdeu todo tesão de transar, ele tinha o pau mais duro que nunca. Encontrou a mão dela sob o lençol e a colocou no pau. Ela entendeu e começou a masturbá-lo. Ele gostava do jeito que ela fazia, devagar, subindo e descendo, o dedão roçando a

glande. Virou de lado e ela tinha a língua para fora, esperando. Lambeu a língua dela e, por um momento, pensou em Luciana. Esporreu.

Olhou no relógio digital: nove e meia. Às onze, ia falar com a filha do amigo.

Ficaram um tempo deitados, sem falar nada.

– Vamos ver se a gente dá uma viajada no final de semana?

– ...

– Vamos para uma dessas cidadezinhas da região... A gente pega um hotelzinho e descansa um pouco... Estou muito cansada.

Ele gostou da idéia. Mas a grana tava curta e não via necessidade de deixar a cidade já que tinha seu apê... Não queria fugir de nada. Ou talvez quisesse. Mas não disse nada.

– Ah, me leva embora? Não tô me sentindo muito bem.

– Posso tomar um banhozinho rápido antes?

– ...

Ele foi tomar um banho para tirar a porra do pau e da perna. Ela ficou deitada por um tempo, pensando em tudo que tinha acontecido, no que estava acontecendo.

No banho, ele pensou em Luciana. Na cama, ela lembrou de Ana... Estava querendo voltar a falar com a amiga... Talvez ligasse no dia seguinte.

Luiz saiu do banheiro com o pau duro. Ela olhou e ficou espantada.

– Tava meio difícil mas agora tou com um tesão dos diabos!

– Quer que eu bata outra...?

– Não, não... Vamos embora... Quem sabe no final de semana...

Ela se vestiu rápido e meia hora depois estava em casa. Luiz foi dar uma volta de moto. Passou em frente à sorveteria e na rua da casa de Ana. Viu um movimento lá dentro mas não parou. Tinha que enrolar um pouco até às onze.

Virgínia escovava os dentes e olhava fixo para o espelho. Sentiu uma cólica e achou que fosse cagar – mas era menstruação. Pegou um absorvente, botou uma calcinha limpa e foi deitar. A TPM certamente tinha atrapalhado na transa com Luiz, pensou. E era por isso que tinha estado tão irritadiça durante todo o dia.

Deitou e espreguiçou-se. Ia ter uma boa noite de sono. Só um pensamento lhe atormentava: ter que tomar o ônibus na manhã seguinte. Precisava começar a pensar em um carro. Tinha habilitação, mas sabia que não dirigia bem... Um automóvel, agora, iria atrapalhar suas contas... Mas não agüentava mais andar de ônibus como... uma empregadinha de algum comerciozinho idiota.

O ônibus parou e ela desceu, foi a seu encontro.

Ele reparou que ela estava diferente, mais bonita que o normal. Tinha passado batom, tinha um perfume diferente.

– E aí?

– Tudo bem!

– Onde vamos? Você chamou... seus amigos?

– Não... Ah, vamos conversar só nós dois primeiro...

– Tá.

Ele passou-lhe o capacete de Virgínia e foi a vez dela sentir um perfume diferente, de mulher. Mas não falou nada.

– Mesmo lugar de sempre?

– Pode ser.

Foram para a lanchonete. Como o fim de semana se aproximava, o lugar estava cheio. Pegaram uma mesinha de canto, na penumbra.

– Meu pai falou da sua idéia... de ir conversar com o delegado.

– Então... acho uma boa idéia... Fazer um boletim para que vocês possam se... preservar.

– ...

– Se vocês se adiantarem, o Francis não pode fazer nada contra... você.

– Olha... vou te falar a verdade... Cruzei com o Francis na faculdade, ele corta meu caminho. Acho que ele também está com medo, não vai fazer nada contra mim. Conversei com a Carol... se ela quiser... ela que procure o delegado!

– ...

– Acho que tudo aconteceu também por culpa dos dois, da Carol e do Saulo... Eles botaram fogo na sala, nos dois sentidos...

Ela riu um pouco. A história, que tinha sido incrível e assustadora na primeira vez parecia ter virado uma comédia.

– Você encontrou o Francis? Na faculdade?

– É. Estamos no mesmo campus. Ele faz direito, quer ser advogado como o pai. Eu estou no curso de jornalismo.

“Jornalismo? Essa não!”. Ele nunca tinha tido a curiosidade de perguntar sobre o curso.

O garçom chegou. Ele pediu uma cerveja, ela disse que ia acompanhá-lo. Não iam comer nada por enquanto.

– Olha, Luiz... Queria te agradecer por ter dado essa força, falado comigo... aproximou ainda mais eu e meu pai. Nós somos muito ligados, não sei se ele contou sobre minha mãe...

Mal sabia ela o quanto o amigo tinha dito sobre a família, sobre ela! Ufa! Ele perguntou se podia fumar, ela filou um cigarro.

– Não conta pro meu pai!

Ele riu. Achou que não iam ter mais assunto. Mas ela puxou.

– Vamos deixar essa conversa de lado. Fala de você! Como é trabalhar com o meu velho?

– Ah... Seu pai é legal. A gente não se fala muito durante o serviço, nossos departamentos são distantes... Você nunca foi no escritório, né?

– ...

– Eu cuido da contabilidade de algumas empresas, seu pai cuida das folhas de pagamento... e do RH do próprio escritório... Ele é bem inteligente!

– Deixa eu te falar sobre meu velho! Ele é metido a escritor, tem uns dois ou três livros terminados na gaveta. Escrevia para jornais, estava sempre mandando artigos quando era jovem, recém-casado com a... minha mãe...

– ...

– Minha mãe não gostava. Minha mãe era... muito “física”...

E fez aspas com as dedos.

– Gostava de se vestir bem, estava sempre bem vestida... ele nunca ligou pra isso, era mais... “intelectual”...

Fez de novo.

– Eles quase não se falavam... Aí teve uma fase que brigavam muito... Até que ela foi embora...

– Ele me contou... Essa parte.

– Então acho meu pai meio frustrado... É um pai excelente... Muito liberal... Acho que ele gostaria que eu arrumasse um namorado...

Corou um pouco. Luiz acendeu outro cigarro.

– Eu nunca fui de... namorar... Tive só aqueles namoricos de colégio e, agora, na faculdade, o assédio é grande. Mas, sei lá... Não sinto vontade... de namorar!

Ele estava meio sem graça, até por saber sobre a tentativa de estupro. Mas se perguntava qual o motivo de ela estar contando tudo aquilo.

– E você? Meu pai falou que você namora...

– ...

– Vocês estão firmes? Namoram há quanto tempo?

Muitas coisas vieram à sua mente... Até o lance com o dr. Júlio. Achou melhor sair por uma tangente...

– Saímos já tem um ano... Mas não está legal... Acho que ela encontrou alguém... Outra pessoa...

Ele notou um certo ar de satisfação no rosto de Luciana.

– Ela é jornalista, né?

– É.

– Quem é ela?

“Putz!”, pensou. Não havia saída!

– Virgínia.

– Ah! Sei quem é... Quer dizer... Não conheço... Mas conheço de nome... Ela fez matérias do caso dos três que estupraram...

A voz dela falhou, ela tomou um gole de cerveja, voltou rápido à frase.

– ...aquela menor...

– É.

– Ahn... E você acha que ela... está saindo com alguém?

Agora estava mais difícil mentir ou tergiversar.

– Não... Quer dizer... Acho que ela saiu com um cara... não sei se foi um... “acidente”...

Foi a vez dele fazer as aspas com os dedos.

– Sei... quer dizer que, de repente... pintou e eles saíram... e, assim, nem é bem... “traição”.

Parecia que eles se divertiam em fazer as aspas com os dedos. Chegou outra cerveja. Ele riu um pouco e serviu os dois copos.

– Sei... então isso também te dá... o direito de... fazer o mesmo!

Ele tomou um gole grande de cerveja e estranhou o rumo da conversa. Será que ela queria mesmo sair com ele, mesmo ele sendo comprometido?

– O que você quer dizer com isso?

– Ahn... Nada!

– Se ela me traiu e me deu o direito de trair... você acha que eu ia fazer isso?

– Ahn... Acho que ela é que não devia ter feito... “aquilo”.

– Mas eu nem falei que ela... “fez”!

– Então talvez você também não a traia por não ter... “certeza”!

Ele suava um pouco na testa.

– Não acho certo trair... e acho que você também não.

– Eu não sei se ela me traiu.

Ele sabia, e também que já tinha pago com a mesma moeda. Estava confuso sobre o interesse de Luciana nessa questão.

– Se a gente... namorasse eu... não ia te trair!

– ...

– Eu não ia trair ninguém... se namorasse!

– Acho que é uma coisa que não dá pra saber...

– Não dá pra saber? Eu sou virgem! Eu “posso” saber!

Luiz levou o copo novamente até a boca e reparou

que a palavra “virgem” havia lhe atizado, estava com um início de ereção.

Aquela garota estava ali falando com ele sobre tudo aquilo, tinha fumado e pedido que não contasse para seu pai... Sentiu que depositava uma certa confiança nele... Ele podia retribuir... Ou tirar alguma vantagem da situação. A terceira cerveja chegou. Ele não tinha comido nada e estava já meio alto.

– Se eu dissesse que gostaria de sair com você? Você sairia?

Ela ficou vermelha e riu.

– Com você namorando? Não!

– ...

– Mas se você deixasse sua namorada a gente podia... “tentar”.

Ele ficou lisonjeado e decidiu ir além.

– Se eu terminasse dela... Você ficaria comigo?

– ...

– Namoraria comigo?

– Eu... Tentaria por um tempo. Mas não sei se daria certo.

– ...

– Você é amigo do meu pai... E eu não quero ficar nessa merda de cidade depois de me formar. Quero ir para a capital...

– ...

– Ah... então não ia dar mesmo! Eu adoro morar aqui, quero ficar aqui! Ainda quero... casar e ter filhos!

Achou besteira ter falado aquilo, mas a quarta

cerveja chegava, estava um calor dos infernos e ele se sentia bem alto... Ela ficou espantada... Era difícil encontrar um cara que falasse sobre isso: casar e ter filhos!

– Vamos comer alguma coisa?

– Vamos... Que tal um lanche, meio a meio?

– Tudo bem, você escolhe!

Ela pediu um xis-bacon, como da outra vez.

– Hahahaha... que conversa essa nossa, hein?

– Achei legal! Gostei de você desde a primeira vez e... isso é... “difícil”!

Ambos riram, o jogo das “aspas-com-os-dedos” não parava. Estavam soltos no álcool da noite.

– O final do ano está aí... no ano que vem faço 30! Nunca pensei em mim com... “trinta”.

Eles faziam as aspas agora para qualquer palavra.

– Eu vou te falar uma coisa... Mas acho que é por estar meio... “bêbada”...

– ...

– Eu... sempre... quis... ter filhos!

Ele olhou para ela com atenção... Ela tomou um gole de cerveja e fez um bigode grande com a espuma. Eles riram. Ele lembrou que sempre que falava com Virgínia sobre filhos ela mudava de assunto. Ela não queria, ele sabia. Sua profissão vinha em primeiro, junto com a estabilidade financeira.

– Estou quase largando da Virgínia para ficar com você!

Ela riu. Se estivessem bebendo em pé, em algum balcão de boate, eles se beijariam. O clima estava ali, o

pau dele estava duro, ela tinha uma vontade terrível de enfiar a língua na boca dele – fazia muito tempo que não beijava ninguém!

– Ai, ai.

O lanche chegou, eles brigaram para ver quem ia pegar a parte maior. Ficou pra ela.

– A gente tem que sair mais... bater papo... vou te dizer: quase não tenho amigos! Minha amigas só querem sair para... “galinhar”!

– Hahahaha...

– E eu gosto de sair para conversar, fazer isso que estamos fazendo...

Ele a via comer, um raio de luz do poste encontrava seus olhos e ele achou bonita essa imagem.

– Olha... Luciana... Estão acontecendo umas coisas estranhas... Eu não sei como vou ficar... com a Virgínia. Mas acho que a gente pode se ver e bater papo de vez em quando... Vai fazer bem para nós dois!

Ela assentiu. Chamaram outra cerveja, terminaram o lanche e só falaram do maldito calor e do fim-de-ano que chegava com o 13º e a correria por compras. “Só vou dar presente para o meu pai”, disse ela. “Apesar de estar longe da família, no Natal tenho que comparecer e dar presente pra todo mundo”, disse ele.

E então botaram os capacetes, subiram na moto, ele a deixou em casa com um beijo na face e foi-se embora. A mente confusa de álcool e desejos.

No posto, na manhã seguinte, novamente não encontrou os dois bigodudos. Que teria acontecido? Será que eles tinham mudado de emprego ou mudado o local do café da manhã? Eles estavam todos os dias ali, cochichando segredos. Luiz decidiu perguntar para a atendente.

– Você não sabe?

– ...

– Tá todo mundo sabendo... quer dizer, todos os clientes aqui comentam... A notícia já se espalhou, então não é nenhuma fofoca se eu contar...

– ...

– Eles estão internados. Estão com AIDS, estão no mesmo quarto, lá na Santa Casa...

– Nossa!

– Dizem que dormem de mãos dadas!

– Mas... Um deles não era casado?

– Os dois! Os dois eram casados mas eram gays, todo mundo percebia! Você nunca...

– Nunca! Achava que eles ficavam falando sobre economia ou política, sempre engravatados...

– Eram empresários! Dizem que eles se encontravam aqui pela manhã e iam para o... motel!

– ...

– O senhor veja que coisa! Dois homens daquele tamanho, com aqueles bigodes!

– ...

– E pior: ricos! Dois homens casados e ricos! Fazendo pouca vergonha. Isso é coisa de gente indecente, você não acha?

– O quê?
– Fazer... homem com homem... indecências!
– É... Sei lá... Acho estranho.
– É por isso que eu acredito no pastor! O mundo vai mesmo acabar!

De fato, foi Virgínia quem ligou. Chegou tão cansada e irritada no trabalho, depois do ônibus lotado, que quis desabafar com alguém. Procurou na bolsa o telefone da agência e ligou. Alexandre atendeu.

– A Ana já chegou?
– Não... Ela chega lá pelas nove... Quem está falando?
– É Virgínia... ähn... amiga dela.
– Sei... você... sai com ela?
– Quê?
– Nada... só queria saber se você também sai com ela.
– ...
– É que... você é amiga dela? Bom, então sabe que ela... ähn, é gilete, né? Hehehe.
– Mas...
– Não! Tudo bem! Eu sou liberal! E estou sozinho aqui... Não chegou ninguém ainda. Pode contar! Você também... dá umas lambidas com ela?

Alexandre obviamente sabia de quem se tratava... Era a jornalista, namorada do tal “Luiz do escritório”. Ele se excitava em ouvir baixarias – além da tara por

pés. E estava esfregando o pau por cima da calça enquanto falava com a moça. Esperava que ela xingasse ele violentamente – aí iria correndo pro banheiro bater uma.

– Ô, moleque!...

– Calma Virgínia. Eu sou amigo da Ana... Amigão! Às vezes ela até deixa eu lamber os pés dela... Eu adoro e acho que ela também gosta, mas diz que acha nojento. Er... O que é nojento hoje em dia, né?

– Mas...

– Relaxa! Cada um gosta de chupar uma coisa, ué. Tem mulher que adora enfiar um pau sujo e melado na boca... Vai entender uma coisa dessas? Mas a Ana gosta de xerecas – nisso ela tem bom gosto!

Virgínia estava atônita com a fala do Alexandre e pensou em desligar o telefone... Mas cogitou a hipótese de Ana ter contado alguma coisa para esse rapaz – e esperou para ver se ele falava alguma coisa... sobre elas.

– Como é seu nome?

– Meu... meu nome é Alexandre.

O rapaz tinha certa gagueira. E a pergunta de Virgínia o desconcentrou um pouco. Ele gostava de ficar no comando da situação, e ela parecia algo incisiva.

– Alexandre... Você é amigo da Ana? Ela falou alguma coisa de mim? Como é que você me conhece?

– Ahn... Você é bem conhecida, a gente lê jo-jornais por aqui...

– E o que a Ana falou?

– Ah, ela falou que estudou com você, que são amigas.

- Que mais?
- Nada... Eu é que queria saber... Se vocês duas...
- Não tem nada entre nós! Somos só amigas...
- Bom...
- ...
- Então tudo be-bem. Mas certifique-se se ela é mesmo sua amiga...
- Que quer dizer?
- Nada. Você não me deixa lamber seus pés um dia desses?
- ãhn?
- A gente marca um lugar e eu vou e chupo seus pés... Eu ia gostar muito de fazer isso com alguém... famosa. E a Ana disse que você é a maior gata!
- A Ana...?
- É, mas ela falou só para mim, a gente te-tem... intimidade!

Virgínia ficou algo decepcionada e ainda mais irritada. Do outro lado o rapaz já tinha o pau duro na mão e ficava imaginando os pés da garota, suas solas sujas, suas unhas pintadas de vermelho – os pés de uma jornalista, ora vejam!

- Pede para ela me ligar, por favor!
- Não desliga!
- Fez outra ligação.
- Oi, Lu.
- Oi, amor.
- Tudo bem?
- Tudo. E aí?

– Sabe por que a coisa não rolou ontem? Era TPM. Menstruei.

– Ah!

“Putz! Melou viagem, melou sexo no final de semana”, pensou. Geralmente a namorada não gostava de sexo quando estava menstruada. Quando se excitava, queria sexo anal direto e ele estava a fim era de buceta.

– Veja como você vai estar na hora do almoço e me liga. Quem sabe a gente não almoça...

– O final do ano tá aí e tou com um monte de balancete, fechamentos... tá foda! Mas se der te ligo, tá?

– Tá bom!

– Beijo.

– Beijo.

Mal desligou, toca o telefone.

– Oi, Virgínia. Saí de casa!

– Quê?

– Saí de casa hoje cedo. Arrumei minhas coisas e fui para um hotel. Falei para minha mulher que quero separação e que estou apaixonado por outra. É por você.

– ...

– Eu sei que você está em dúvida... Queria te ver, almoçar com você... Vamos?

– Ah, Júlio... Não sei... Acho melhor não. Eu estou bem com meu namorado, não acho que você tenha feito a coisa certa se separando... Meu Deus! Por minha causa?

Uma ponta de orgulho bateu nela. Esse Júlio era mesmo corajoso – e estava decidido! Mais que isso,

pensou que, porra!, ele estava mesmo apaixonado! E... por qual motivo? Teria sido o... sexo anal?

– Virgínia... Já te falei que eu amo você! Você pode não entender isso, mas eu tenho uma certeza e nada vai mudar o que eu sinto. É claro que eu espero que você também possa sentir algo por mim... Espero de coração...

Ela percebeu que ele estava emotivo, continha as lágrimas.

– Mas é claro também que... se você não puder me amar... não deve ficar comigo. Não deve ficar comigo por piedade...

– Júlio...

Estava quase condescendente. Estava realmente piedosa da situação. Sentia-se ao mesmo tempo lisonjeada com tudo e... culpada... Sim, culpada por aquela trepada inconseqüente no consultório, por ter aceito a carona e o almoço... Por ter tomado o vinho... Por... Por ter aquela sensação, naquele momento... De que não havia desgostado de tudo aquilo que fizera. A imagem do namorado lhe veio à mente.

– Júlio... A gente precisa conversar... Acho que não vai dar certo...

– Posso te pegar no final do expediente? A gente vai conversar em um lugar tranquilo...

– ...

– Só conversa...

– Tudo bem, passa às cinco...

– Tá.

Virgínia estava fria e lívida com a situação. Chegou

a sentir um pouco de tontura e podia perceber o sangue jorrando pela vagina de encontro ao absorvente. Do outro lado da redação, Valéria tinha o telefone sem fio nas mãos: “Virgínia! Pra você! A Ana!”. “Ai, meu Deus!”, pensou.

– Oi, Ana.

– Oi, Vir! Tudo bem? Olha, desculpa se o Alexandre falou besteiras...

– Não, não, tudo bem...

Ana percebeu um desânimo profundo na voz da “amiga”.

– Tudo bem? Tem certeza? Sua voz está péssima!

– Ah, Ana... Você nem pode imaginar o que está acontecendo!

– O quê?

– Não dá nem pra falar por telefone... Faz quase uma hora que cheguei e nem consegui trabalhar, estou só pendurada no telefone tentando resolver meus problemas...

Ia dizer “problemas afetivos”, mas parou no “problemas”. Do outro lado Ana ergueu as sobrancelhas e esperou para obter mais informações – aí contaria sobre Luiz; já tinha a história toda pronta na cabeça...

– Mas falaí... De repente você se sente melhor...

– O Júlio... o médico... aquele...

– Sei.

– Ele largou a mulher... quer ficar comigo de qualquer jeito!

– Sério?

– Sério! Como se não bastasse, saí com o Luiz ontem... o meu namorado...

– Sei.

– E... a gente não conseguiu transar! Não sei o que aconteceu, nunca...

Percebeu então que estava falando um pouco alto demais ao telefone e a redação já estava bem lotada. Colocou a mão sobre o bocal e reduziu o volume da voz.

– Nunca aconteceu isso, nossa química é ótima...

– Sei.

– E aí esse Júlio fica querendo conversar... Por outro lado, ai meu Deus!, ele é um... ótimo partido!

Ela estava considerando ficar com Júlio por tudo que ele representava em termos de segurança emocional e financeira – Ana entendeu.

– E o Luiz... Não sei... desde que tudo isso aconteceu... lá no consultório... não tem sido a mesma coisa...

– ...

– Parece que ele não quer mais fazer... como a gente fazia antes...

Foi a vez de Ana colocar a mão no bocal do telefone e baixar a voz.

– Ele não quer mais... o cu?

– É. Parece que já vinha se cansando... O que eu vou dizer?... Eu só... eu só sinto prazer... ali!

– E o outro... o doutor... está louco pra te comer de novo... daquele jeito!

– Com certeza, né, Ana?!

Um pequeno silêncio se fez como se ambas considerassem algo. Ana pensava em contar sobre a traição e sepultar de vez o tal Luiz... Mas aí Virgínia ia optar definitivamente pelo Júlio... ia se dar ainda melhor do que ficar com aquele pé-rapado! Ia enriquecer, entrar para a alta sociedade, talvez até deixasse de trabalhar. Imagina, a Virgínia virando dondoca de um marido sodomita!

Virgínia pensava sobre o assunto e perguntava qual o motivo por estar contando tudo aquilo para Ana. A Ana!, que talvez tivesse contado tudo para aquele moleque, o tal Alexandre! A Ana, que deixava aquele cara lamber seus pés?!

– Olha, Virgínia... Você me falou com tanta ternura desse Luiz. Acho que você gosta de verdade dele. E não deve abrir mão de alguém honesto, trabalhador, fiel... para ficar com um cara que é só... rico!

– Ah, Ana, você está certíssima! Eu amo o Luiz...

“Saco!”, pensou Ana.

Assis chegou para Virgínia e fez um sinal para que ela se apressasse no telefone. A checagem estava toda atrasada!

– Ana, preciso desligar...

– Pensa bem... você não quer me encontrar... pra gente conversar?

– Qualquer coisa eu te ligo mais tarde... Tchau.

– Tchau.

“Me liga mais tarde? – ela acha que eu estou à

disposição dela? Quando resolver conversar ou precisar de apoio... liga para mim?”. Ana ficou vermelha de raiva, enciumada por tudo o que estava acontecendo com a outra e por não ter tido coragem de contar. Ela queria ter dito:

– Virgínia, você é uma idiota! O seu amorzinho, o Luiz, foi até em casa e me comeu que nem um tarado filho-da-puta que é! Cagou pra você, não te contou nada e aposto que vai negar! Trepou a noite inteira e não tinha nem camisinha na carteira, o ignorante. E você acha que esse... Júlio vai fazer diferente? Ele quer um cu e você vai dar pra ele até ele cansar e procurar outro buraco pra se enfiar! E se eu ou qualquer outra chegar pra ele de rabo levantado dizendo “vem”, ele vai! São todos uns idiotas: você, esse pobre retardado do seu namorado e esse desequilibrado desse médico – meu Deus! -, um pulha, certamente um freqüentador de zona, coitada da mulher desse infeliz! E você? Toda afetada por esse drama? Olha pra mim! Olha pra mim! Eu sim podia te fazer feliz! Eu sim, ia te ser fiel! Eu sim queria te assumir e fazer todos os seus gostos! Pra quê se preocupar com esses... com esses crápulas? Com essa escória? Você ainda não conhece os homens, Virgínia? Como você é patética!

Deu um soco na mesa, Alexandre pulou de susto.

Ela tentou se concentrar no serviço mas as coisas

todas não lhe saíam da cabeça. Falou com Assis que gostaria de sair mais cedo para o almoço – e ele disse tudo bem.

Mal bateram as onze horas ela apanhou a bolsa e saiu. Não estava com fome, queria apenas andar um pouco, circular, tomar um ar. Passou pelo sentinela do estacionamento, que lhe abriu um sorriso amplo, cheio de dentes brancos. Ela reparou naquilo, naquele sorriso espontâneo, naqueles dentes.

Ganhou o passeio. O dia estava quente como um bom dia de fim de novembro... mas havia uma brisa gostosa, fresca. Ela mexeu na bolsa e tirou os óculos escuros. Quem a olhasse de longe logo notaria que se tratava de uma mulher especial. De calças brancas, uma camisa alaranjada, os cabelos amarelos, grandes, crispados, os óculos escuros, o vento no rosto, andando firme, queixo erguido, parecia um cavalo, ou melhor, uma égua castanha abrindo espaço na multidão... as ruas estavam cheias, muitos anúncios de Natal, muitas sacolas e BARULHO.

Ela não sabia onde ia, não tinha a mínima idéia. Só andava, andava com passo firme e apressado, como se fosse a um encontro importante ou como se fugisse de algo. As sandálias baixas de couro batendo na calçada portuguesa como cascos.

Era incrível – e ela pensou nisso! – como conseguia ficar sem pensar em nada enquanto andava. Só lhe vinham pequenos fragmentos de frases ou idéias que eram abandonadas tão logo surgiam. E ela gostava

disso, gostava de andar assim por entre as gentes e respirar sem ter que pensar em algo, sem ter que pensar em problemas ou nas contas pra pagar ou na mãe ou no amor ou nos namorados – ela pensou isso? “namorados”? – ou na maldita checagem policial diária ou em Assis, o fodeador de delinquentes, ou nos ônibus fumacentos e cheio de pessoas ignorantes e fedidas dentro e nas compras de Natal – “meu Deus!, preciso encontrar algo pra minha mãe!” – ou nos pedintes de rua, nos aleijados que estendem as mãos pedindo trocados – olha aquela mulher! Deve ter uns setenta anos, a coitada! – ou mesmo em seu intestino preso; já tinha alguns dias que não cagava, porra!

“Esse intestino preso, desde criança! Merda! Em que ano estamos? Nossa! Vai fazer sete anos que o pai morreu! Aquelas marcas nas pernas da mamãe... Preciso lembrar de marcar uma consulta... Será que o Júlio conhece algum médico? Como chama esse médico de varizes? Não lembro. Olha que sapato lindo! Nossa, caríssimo! Cuidado, idiota! Não olha por onde anda? Tou com vontade de tomar vinho... Acho que vou comprar uma garrafa pra tomar com o Lu hoje... Não, não... Tá muito calor pra tomar vinho! Deixa eu dar uma olhada nessas revistas... Putz, o concorrente tá bem melhor que o nosso! Pegaram esse furo! Nossa, o Beto deve estar puto da vida!”

Sentou num banco da praça, cruzou as pernas, ficou olhando um pouco as pessoas que iam pra lá e pra cá carregando sacolas. Uma mãe passou com o filho que

tinha o nariz escorrendo. Um juvenzinho de uns 12 ou 13 anos, ao atravessar a rua quase foi atropelado. A poucos metros dela um velho alimentava pombas. Mais adiante um vendedor de bilhetes de loteria conversava com um taxista.

Ela respirou fundo, deixou o ar escapar dos pulmões lentamente... fechou os olhos, concentrou a atenção na pele da face, banhada pelo sol. A pele branca já estava avermelhada. Encolheu os ombros languidamente subiu e desceu as sobancelhas, estalou a língua no céu da boca, sentiu o gosto da própria saliva, da própria língua – e não era muito bom, recendia a café preto tomado há muito. Ela se sentia muito bem. Ela se sentia como há muito não se sentia. Todos os problemas, todas as questões deixaram de existir. Era assim com ela – e ela imaginava que assim fosse com todos, ou com as mulheres, pelo menos: quando tinha um problema ou vários, saía andando sem pensar e, num instante, sabia exatamente o que fazer como se não existisse outra coisa, outra alternativa. Como se a solução fosse tão líquida e certa como uma religião qualquer.

Os sinos da matriz começaram a bater o meio-dia. Os pombos assustaram-se e saíram em revoada. Ela levantou devagar e viu que estava com fome, ia procurar uma lanchonete. Logo depois, à tarde, resolveria tudo como tinha de ser: ligaria para Luiz e diria que o namoro estava acabado. Ele ia ficar bem, logo estaria com outra qualquer. Depois aceitaria o encontro com Júlio. Ela ia dificultar um pouco as coisas para o

médico – mas ia ficar com ele, ia se casar com ele, ia ter filhos com ele, ia pedir um carro de Natal para ele, ia tirar uns dias de folga no jornal no final do ano; podiam fazer uma passeio, talvez conhecer alguma coisa do exterior – por que não?

E o amor? Questionou-se num momento.

“O amor é um pau no meu cu!”.

Este livro teve uma primeira impressão de 100 exemplares artesanais em 2005. Depois disso, ficou disponível no site do autor, como e-book, atingindo a marca de 10 mil downloads em dois anos. A primeira edição de bolso comemorou o sucesso de um livro que ainda não tinha sido editado. Esta segunda edição vem consolidar este sucesso.

Composto com fontes Remington e Times New Roman com 10/12 em Adobe PageMaker, impresso pela Inprima - SP.

“Utilizando uma linguagem que, em alguns momentos, faz '*O doce veneno do escorpião*', de Bruna Surfistinha, parecer literatura infantil, Biajoni constrói uma interessante trama urbana altamente pornográfica, com alguns momentos escatológicos e muito bom-humor.”

André Luís Mansur, O Globo